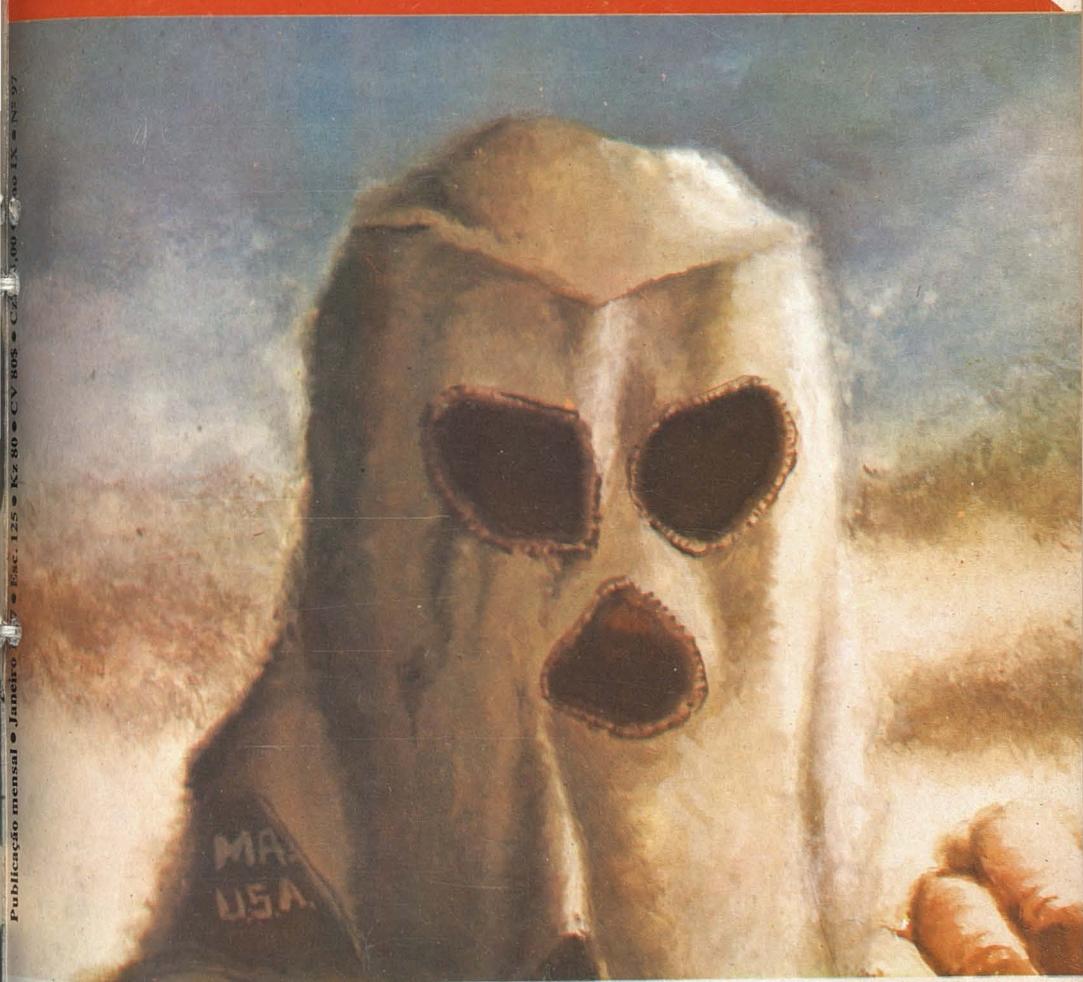


# **cadernos do**

# cadernos do terceiro mundo

# Malauí: a fronteira mais "quente" de Moçambique



# **TERRORISMO**

## **QUEM LUCRA COM ELE?**

# O TRANSPORTAMOS O DESENVOLVIMENTO EA AMIZADE ENTRE OS POVOS



**BRASIL**  
Av. Pedroso  
de Moraes, 433 —  
10º andar  
C.R. nº 2635  
São Paulo — SP  
Tel.: 815-0688  
Telex (011) 21'405

**PORTUGAL**  
Avenida 24 de Julho,  
Nr. 2, 3º Dto/Lisboa  
1200 - Lisboa -  
Telef.: 366209 / 372959  
Telex 14596 ANGO P

**HOLANDA**  
Coolsingel 139 3012  
AG Rotterdam  
POSTBUS 1663  
3000 BR Rotterdam  
Tel.: 010 11 41 60  
Telex 24772 / 24756  
ANGO NL



**ANGONAVE U.E.E.**  
Linhos marítimas de Angola  
Rua Cerqueiras (Lukok)  
C.P. nº 5953 -  
Telef. 30144/5/6/7  
End. Teleg.: ANGONAVE AN  
Telexes nº 3313 / 3124  
Luanda - Rep. Pop. de Angola

## ANGONAVE UEE Linhas Marítimas de Angola

## Nossas edições em português

Governos e especialistas dos países de idioma português estão realizando esforços para unificar a grafia da língua. A idéia é simplificar a maneira de escrever. "Philarmônica" com "ph" parece algo fora do tempo, convenhamos.

A iniciativa encontra resistência nos dois lados do Atlântico. Alguns brasileiros temem que o seu idioma possa perder a versatilidade e a leveza que o caracterizam. Os portugueses se preocupam com o que virá atrás: uma invasão maciça de "brasileirismos". O índice de aprovação, no entanto, parece ser muito alto.

Esse ajuste é uma imposição da época que vivemos e do progresso técnico-científico. Seria impossível pensar numa mudança desse tipo no tempo de d. João VI. Os meios de comunicação eram escassos e difíceis. Não havia o avião e muito menos o rádio e a televisão. Hoje, o intercâmbio é fluido e abrangente. O fado é atração da noite carioca, assim como o samba invade os salões lisboetas. Os conjuntos musicais de Angola fazem sensação no Brasil e

Alcione, Martinho da Vila e João do Vale têm legiões de fãs em

Moçambique, Angola, Guiné-Bissau,

Cabo Verde ou São Tomé e Príncipe.

Quanto aos meios de comunicação eletrônicos, nem falar. A novela de televisão é um ponto alto desse intercâmbio. Muitas vezes, em Luanda, tivemos de esperar que a "novela das oito" terminasse para iniciarmos o jantar de cerimônia. E em Lisboa não era diferente. Que o diga o presidente Mário Soares.

Pessoalmente, desconfio de que, já no início do terceiro milênio, esse esforço de unificar a grafia se estenderá ao próprio idioma. Se os brasileiros descobrirem que "ônibus" em Moçambique é "machibombo", não tenho dúvidas de que terminarão incorporando a expressão africana, mais sonora e adequada à imponência do veículo. Já vi em Luanda ou Lisboa gente dizendo que isso ou aquilo era "legal", uma gíria brasileira, difundida pelas novelas de televisão e que nada tem a ver com o seu sentido normal, senão que significa positivo, bom, correto ou certo.

Mas, por que essa digressão? Na verdade, não estamos discorrendo sobre temas filológicos e sim dando aos nossos leitores uma notícia: a partir desta edição, vamos unificar numa só as duas edições em língua portuguesa.

A produção das duas edições separadas tem representado duplicidade de esforços e de recursos para a direção central no Rio de Janeiro e para os companheiros da sede de Lisboa. Uma só edição – sobretudo com o desenvolvimento da ligação aérea Rio-Luanda-Maputo, que permitirá passar a enviar a revista para a África a partir do Brasil – reduzirá nossos custos, tempo de produção e nos possibilitará introduzir melhorias na revista, beneficiando nossos leitores.

A edição "brasileira" circulava no Brasil. A "portuguesa" em Portugal, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e em comunidades portuguesas residentes na Europa. Quando se lê o mesmo texto em ambas as versões, verifica-se que são quase iguais. "Estou avançando" no Brasil ou "estou a avançar" em Portugal, dá no mesmo. E é isso que estamos querendo fazer: avançar. As diferenças gerundiais e ortográficas não justificam a separação, sobretudo quando estamos empenhados em nos entender em tantos outros campos.

Temos discutido esse assunto com os nossos amigos africanos há mais de dez anos. A princípio, encontramos algumas resistências, sobretudo pela circulação maciça de "Cadernos" e do "Guia do Terceiro Mundo" entre os professores, guardiães do idioma, e entre alunos recém-alfabetizados, que poderiam se confundir com as duas grafias. "Chegamos no entanto à conclusão – nos disse recentemente um dirigente angolano – que o nosso português é outro. Não é o de Portugal nem o do Brasil".

É possível que algumas palavras e expressões de uso corrente no Brasil não sejam facilmente entendidas. Por isso mesmo, um companheiro português, membro da nossa equipe, residente no Brasil e conhecedor do idioma "brasileiro" faz um copidesque rigoroso. A versão final do texto é cuidada de maneira que os nossos leitores de Portugal e África não tropeçem com expressões tipicamente brasileiras, de difícil entendimento ou com sentido diferente. Quando isso não for possível, remeteremos a uma nota de rodapé, principalmente quando se tratar de quantias em bilhões (Brasil) que correspondem a mil milhões em Portugal ou África. A experiência apenas se inicia. Vamos ver como se desenvolve. A palavra final será dos nossos leitores, cujas opiniões aguardamos com interesse.

Neiva Moreira

# INFORMAÇÃO PESQUISA CONSULTA



616 páginas com informação objetiva e independente de todos os países do mundo • Dados de história, economia, geografia e política • 110 páginas sobre o Brasil • Mais de mil mapas e gráficos • As organizações internacionais, como funcionam e porquê • Informes e documentos inéditos • Impressão em papel de qualidade.

Publicação anual indispensável para pesquisa e consulta • Atende a estudantes e profissionais • Necessário para industriais, exportadores, sindicatos e outras instituições • Fundamental em bibliotecas, consultorias, salas de aula e mesa de trabalho.

Forma de pagamento: ( ) 1 pagtº antecipado de Cz\$ 225,00 ou ( ) por Reembolso postal a Cz\$ 250,00 (mais o porte).

Estou remetendo juntamente com este cupom (menos no caso do Reemb. Postal) o valor correspondente a ..... guias no total de Cz\$..... por cheque nominal ou vale postal (ag. central) para a Editora Terceiro Mundo Ltda. - Deptº Comercial, Rua da Lapa, 180, grupos 1105 a 1110 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021 - Tel.: (021) 222-5771.

Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... CEP: ..... Tel.: .....  
Data: ..... / ..... / .....

# estante do terceiro mundo

O reembolso com desconto

Desejo receber pelo reembolso postal os livros assinalados com os descontos a que tiver direito

Código	Quantidade

Nome: . . . . .

Profissão: . . . . . Idade: . . . . .

Endereço: . . . . .

Cidade: . . . . . Estado: . . . . . CEP: . . . . .

- Porte a cobrar sobre valor líquido, isto é, deduzido de desconto se houver.

Não-assinante  Assinante

Data . . . / . . . / . . .

Estante válida exclusivamente para pedidos no período de circulação deste número.

Ass. do Comprador

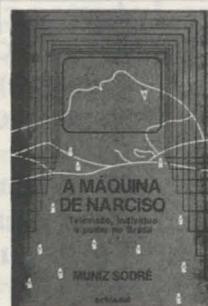
## TABELA DE DESCONTOS

- 5% para "não-assinantes" em 2 livros.
- 10% para "não-assinantes" em 3 livros ou mais.
- 10% para "assinantes" na compra de 2 livros.
- 15% para "assinantes" em 3 livros ou mais.



NÓS, AS MULTINACIONAIS E OS ESTADOS UNIDOS  
de Samuel de Paula

A dinâmica e conteúdo da extorsão a que o Terceiro Mundo vem sendo submetido estão relacionados às forças internas antinacionais e às correntes dos grandes monopólios. O autor mostra em linguagem simples clara como o imperialismo faz tudo para debilitar a soberania de todos os países onde se implanta, gerando uma crescente maioria de despossuídos. Isso tem a ver com a vida de cada um de nós. 115 pág.  
E-73 Cz\$ 60,00



A MÁQUINA DE NARCISO - Televisão, indivíduo e poder no Brasil  
de Muniz Sodré

A cultura industrialmente produzida e distribuída constitui, na verdade, um jogo destinado a instituir novas formas de poder. Se o lazer e a informação colocam-se a serviço da ordem social (do Estado à grande empresa), isso significa que a cultura das oriunda preten-de organizar e/ou manipular politicamente as massas. Sem a menor dúvida, como explicita este importante livro, "a cultura de massa é uma política que não ousa confessar o seu nome" 147 pág.

E-74 Cz\$ 33,00



POLUIÇÃO-ALIENAÇÃO-IDEOLOGIA

de Ailton B. de Souza e R. A. Amaral Vieira

Amparados na teoria marxista da práxis humana e na concepção materialista da história e em torno do tema "poluição ambiental", os autores debatem-se para resolver e questionar, não só alguns conteúdos ideológicos e conceitos fundamentais em nosso acrítico ideário político-ideológico, como também as bases materiais que produziram e estão produzindo esse ideário, nossa caótica, capitalista e selvagem formação social. 130 pág.

E-75 Cz\$ 28,00



QUIOMBO - Roteiro do filme e crônica das filmagens de Nelson Nadotti e Carlos Diegues

Para o cinema, de que serve a noção de bastidores, cozinha, laboratório, ateliê? Essa noção instala-se na cabeça de todos nós como o espaço da segregação, o canto escuro do ator de teatro, do cozinheiro, do cientista ou do pintor. Quais seriam, no entanto, os bastidores do cinema? Este livro conta o cotidiano dessa aventura fascinante e percorre todos os fios dessa gigantesca malha que uma equipe de cinema em trabalho vai tecendo com o mundo exterior. 204 pág.

E-76 Cz\$ 44,00

cadernos do  
**terceiro mundo** 97

190191  
obnum

- 6 Cartas  
8 Panorama Tricontinental  
14 Editorial: Quem é quem na guerra suja

- 18 Matéria de Capa – Terrorismo: a quem serve?  
20 O poder e a semântica do terrorismo, *Edward S. Herman*  
30 Um sistema auto-alimentado  
36 Reagan conquista seu Watergate  
38 Vernon Walters: um Mitrídates moderno, *E. Ray/W. Shaap*

**América Latina**

- 46 El Salvador: Novo agente no processo de paz, *Pedro Martínez Guzmán*  
53 Nicarágua: Uma lição para os Estados Unidos, *Jorge Armendáriz*

**África**

- 57 Malauí: As “abelhas” do presidente, *Carlos Castilho*  
63 Zimbábue: O imperialismo religioso, *Thomas Fiehrer e Robin Derby*

**Ásia**

- 69 Filipinas: Um desafio para a guerrilha, *Sheila S. Coronel*

**Comunicação**

- 75 Chile: Romper o bloqueio informativo da ditadura, *Alejandro Tumayán*  
80 Notas

**Saúde**

- 82 Cuba: A batalha contra o câncer  
84 Notas  
85 Revistas do Terceiro Mundo

- 86 Especial – “Novos desafios para o Terceiro Mundo”,  
*Peter Worsley*

- 96 Humor: *Willy*



Nicarágua: o julgamento de Hasenfus



O presidente Banda



Filipinas: a trégua

CADERNOS DO  
terceiro  
mundo

third  
world

cuadernos del  
tercer  
mundo

**Publicações com informações e análises das realidades, aspirações e lutas dos países emergentes, destinadas a consolidar uma Nova Ordem Informativa Internacional.**

Diretor Geral: Neiva Moreira

Diretor Geral Adjunto: Pablo Piacentini

Editora: Beatriz Bissio

Sub-editores: Roberto Remo Bissio, Carlos Castilho

Conselho Editorial Internacional: Darcy Ribeiro, Juan Somavia, Henry Peace García, Aquino de Bragança, Wilfred Burchett (1911-1983)

Redação Permanente: Artur Poerner, Claudia Neiva, José Carlos Gondim, Raul Gonçalves (Brasil), Roberto Bordini (México), Baptista da Silva, Carlos Pinto Santos, Guiomar Belo Marques (Portugal), Cristina Canoura (Uruguai).

#### REDAÇÃO CENTRAL - Rio de Janeiro

Departamento de Arte: Sonia Freitas (editora), Miguel Efe, Vanda Freitas, Pedro Toste, Reginaldo Caxias, Nadja Durand. Centro de Documentação: Helena Falcão (diretora), Elizabeth Mesquita, Marco Antônio C. Santos, Eunice Senna, Leila Maria C. Pinto, Jozira Santos Lima, Isabel Falcão. Composição: Luiz Correia e Aldaci M. Pereira. Revisão: Cláe Márcia Soares, Sandra Castello Branco. Departamento Comercial: Maria Neiva.

#### EDIÇÕES REGIONAIS

##### • Edições em Português Brasil

Diretor: Neiva Moreira

Sucursais: Paulo Cannabrava Filho - São Paulo; Clovis Sena - Brasília. Circulação, Assinaturas e Promoção: Henrique Menezes, Inácio dos Santos e Macário Costa.

Editora Terceiro Mundo Ltda. Rua da Glória 122 / 105-106 - CEP 20241 Rio de Janeiro. RJ - Telef.: 242-1957 - 222-1370 - Telex: 21-33054 CTMB-BR. Fotolito e Impressão: Ébano Gráfica e Editora Ltda. - Rua Gal. Bruce, 799. Tel.: 580-7171.

Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Portugal

Editor: Artur Baptista

Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro, 101º - Lisboa - 1200 - Tel.: 32-06-50. Telex: 42720 CTM-TE-P

##### • Edições em Espanhol

Rio da Prata-Cone Sul

Diretores: Gerônimo Cardoso e Roberto Bissio

Administração: Hugo Cardoso; Assinaturas: Alicia Bidegaray A.C.U.S.A.; Avda. 18 de Julio 1263, 3er. piso/Tel: 90-87-13-Montevideo, Uruguay. Impressão: Rosgal S/A, Gral. Urquiza 3090, Montevideo. Distribuição no Uruguai: Berriel e Martínez, Paraná 750 Esq. Ciudadela, Montevideo/Tel.: 90-51-55. Distribuição na Argentina: Kioskos, J. Di Pietro e Cia. Bolivia 529. Tel: 611-2801, Buenos Aires; Livrarias: Hugo Emilio Palacios - Los Patos 2420. Tel: 942-5788 Cod. 1284 - Capital Federal.

México, Caribe e América Central

Editor: Rubén Aguilar

Assinaturas: Berta Arufe; Distribuição: Gustavo Leyva; Correspondência: Apartado Postal 20572, 01000, México, D.F. Impressão: Litográfica Cultural - Isabel la Católica, 922 México, D.F. Editorial Periodistas del Tercer Mundo. California 98A - Colonia Parque San Andrés, Coyacán. Telef.: 689-17-40 - 04040 México, D.F.

##### • Edição em Inglês (bimestral)

Editor: Carlos Castilho

Editor Adjunto: Roberto Raposo

Correspondência: Rua da Glória, 122 105/106 - CEP 20241 - Rio de Janeiro, RJ.

Correspondentes: Horacio Verbistky (Argentina), Fernando Reyes Matta (Chile), Alejandra Adoum/Eduardo Khalifé (Equador), Rafael Roncagliolo/Cesar Arias Quincot (Peru), Guillermo Segovia Mora (Colômbia), Arqueles Morales (Nicarágua), Etevaldo Hipólito (Moçambique).

Colaboradores: Abdul Nafey, Adrián Soto, Agostinho Jardim Gonçalves, Alan Nairn, Angel Ruocco, Alberto B. Mariantoni, Alice Nicolau, Ana María Urbina, Antônio Silveira, A. Prado, Ash Narain Roy, A. W. Singham, Carlos Aveline, Carlos Cardoso, Carlos Núñez, Carolina Quina, Cedric Belfrage, Claude Alvares, David Fig, Edouard Bailly, Eduardo Molina y Vedia, Eugenio Alves, Ezequiel Dias, Fernando Molina, Francesca Gargallo, Gregorio Selser, Grávia Kuncar, Govind Reddy, Hebert de Souza, Hugo Neves, José Bortotto, Jim Cason, João Melo, Jorge A. Richards, José Montserrat Filho, Ladislau Dowbor, Luis Maira, M. Venugopal Rao, Maluza Stein, Marcela Otero, Manuel Freire, Marcos Arruda, Mark Fried, Mario de Cautín, Mauricio Ubal, Moacir Werneck de Castro, Mia Couto, Narinder Koshla, Nils Castro, Nilton Santos, Octavio Tostes, Ottonel Martínez, Pablo Martínez, Peter Law, Phill Harris, Orlando Senna, Orlando Neves, Ricardo Bueno, Ravindran Casinader, Ricardo Soá, Rodolfo de Bonis, Rodrigo Jaubertin, Roger Rumrill, Theotonio dos Santos, Víctor Bacchetta.

**cadernos do terceiro mundo** utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Iraque), IPS (Inter Press Service), ALASEI (México), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzânia), WAFA (Palestina), e o pool de agências dos países não-alinhados. Mantém também intercâmbio editorial com as revistas África News (Estados Unidos), Nueva (Equador), Novembro (Angola), Tempo (Moçambique), Altercom (Itália-México-Chile) e Third World Network (Malásia).

Circulação em 70 países Revista Mensal nº 97 - Janeiro 1987 - Preço de capa: Cr\$ 15,00  
Nºs. atrasados: ao preço do último exemplar

Capa: Abeté Propaganda

Ilustração da capa: Carlos Kirovsky

Fotolito e Impressão: Grafitto Gráfica e Editora - Rua Costa Lobo, 352 - CEP 20911  
Tel.: 284-6597 / 234-1456

## O PODER DO CONSUMIDOR

Meu nome é Marcelo Afonso Monteiro, tenho 23 anos, sou carioca e formado em Engenharia Metalúrgica. A questão que me disponho a resolver é a seguinte: como o Terceiro Mundo pode enfrentar o imperialismo norte-americano? Como enfrentar o extraordinário poder econômico, político e militar desta superpotência? Como promover uma retaliação contra as arbitrariedades da política externa americana?

Podemos, enquanto consumidores, pressionar os Estados Unidos. Podemos "punir" - não consumindo os seus produtos, que passariam a se amontoar em grandes estoques - as empresas norte-americanas, por qualquer ato agressivo da política externa norte-americana (intervenções militares em países do Terceiro Mundo, presões políticas contra estes países, desaparecimento ou "acidentes" fatais ocorridos com líderes e intelectuais antiamericanos etc.). Os consumidores do Terceiro Mundo sequer precisariam se privar de seus padrões de consumo habituais. Eles poderiam simplesmente substituir os artigos produzidos por filiais de empresas norte-americanas por similares nacionais ou, no caso da inexistência destes, por artigos produzidos por filiais de empresas europeias ou japonesas.

**Marcelo Afonso Monteiro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.**



## REFORMA ORTOGRÁFICA

Sou um leitor bastante assíduo de sua revista e é com muito interesse que a leio de ponta a ponta. É neste contexto que venho (...) congratular esta revista pelo trabalho consequente que vem desempenhando e assumindo na árdua mas importante tarefa que é a de informar e formar o nosso carente Terceiro Mundo.

As edições de **cadernos do terceiro mundo** encontram sempre uma aceitação muito especial nos países subdesenvolvidos e serve, finalmente de auxiliar, orientador importante, às várias atividades pedagógicas nas escolas de nossos países, o que demonstra que as seções sobre "Tecnologia", "Ciência", "Mulher" e "Cultura" deveriam pois merecer maior melhoria-

No entanto gostaria de sugerir-lhes que **cadernos** nos brindasse com uma matéria de capa a respeito do recente acordo ortográfico, fazendo uma reportagem muito diversa e vasta (...)

**Guilherme da Cunha Fino – Luanda – Angola**

*N. do R. – Uma matéria extensa sobre a reforma ortográfica da língua portuguesa foi publicada em **caderno** nº 90.*

## AGRESSÃO À LÍBIA

O regime Líbio além da ajuda econômica aos países pobres

da África e de outros continentes auxilia as lutas dos povos pela independência e liberdade que Washington não tolera (...)

Que Ronald Reagan e os ricos do Brasil pensem igual é de se esperar, agora o que me preocupa é ouvir três professores e um aluno que aqui em Friburgo falam que são progressistas reproduzirem o mesmo discurso e acusações da Globo:

Eu acho que a gente precisa é de coerência e unidade. Os canais de televisão continuam dizendo o que os gringos dos EUA querem, mas em nenhum momento as coisas passaram de suspeitas para fatos. Nós, lati-

no-americano, conhecemos bem os procedimentos dos governos de Washington, é muito provável que quem tenha colocado as bombas foram os próprios EUA.

Quem é que acredita que um cara inteligente como Kadhafi, um cara que na chefia do Conselho da Revolução transformou um país inteiro para muito melhor que antes (...) pode comprometer seu país e sua Revolução com um atentado tão contraproducente como o da boite na Alemanha ou do avião?

**Kleber Ribeiro Bezerra – Nova Friburgo – RJ – Brasil.**

## INTERCÂMBIO

- *Gilberto Boaventura Salvador*  
2º Sector Avião dos C.T.T.A. –  
Estação Postal Central – Luanda –  
Angola
- *Silva Paulino Adão*  
C. P. 14647 – S. Paulo – Luanda –  
Angola
- *Marco Antonio Gonzaga*  
Rua Marcelino Antonio Dutra,  
22 – Americanópolis – SP –  
CEP: 04334 – Brasil
- *Lisdete Bustamante*  
Rua Cariré, 135, Bloco 5, aptº  
512 – Otávio Bonfim – Fortaleza –  
CE – CEP: 60000 – Brasil
- *Wagner Carrion Gomes*  
Rua 57, 98, Centro – Goiânia –  
GO – CEP: 74000 – Brasil
- *Eliseu Adalberto Gomes Dias*  
C. P. 1294 – Benguela – Angola
- *Felisberto Almeida Ribeiro*  
Posta Restante de Precol – C. T.  
T. A. – Luanda – Angola
- *Cristóvão das Neves da Costa  
"Cristo"*  
Caixa Postal nº 2576  
Luanda – Angola
- *Garcia Carlos "Yobo"*  
Luís Lopes "Papytex"  
Caixa Postal nº 18299  
Luanda – Angola
- *Antonio Helder João*  
Caixa Postal nº 6043  
Bº Hoj Há Henda  
Rua da Mãe Preta, casa nº 52  
Luanda – Angola
- *Joaquim Kilombo*  
Caixa Postal nº 2182  
Luanda – Angola
- *Joshua James*  
I. P. I. Nampula  
Caixa Postal nº 745  
Nampula – Angola
- *Eliseu Manuel Francisco*  
Rua João Belo, casa nº 106,  
1º Esq – Caixa Postal nº 1704  
Bairro Benfica  
Benguela – Angola

HONDURAS/  
NICARÁGUA

## Uma miniguerra conveniente para Reagan

A mini-guerra entre Honduras e Nicarágua ocorrida entre os dias 7 e 8 de dezembro passado serviu para mostrar que a administração Reagan procura criar uma desculpa para manter e aumentar a situação de conflito na América Central. Essa é a opinião de vários analistas que avaliam os resultados e as possíveis consequências do incidente fronteiriço onde aviões procedentes de Honduras bombardearam duas cidades nicaraguenses (Murra e Miwili), causando a morte de sete soldados san-

dinistas e ferindo 14 civis, entre eles duas crianças.

Os bombardeios ocorreram durante a estadia do general John Galvin em Honduras, autoridade militar máxima dos Estados Unidos para a América Latina, que é o comandante das tropas do Comando Sul, com sede no Panamá. Galvin se encarregou de supervisionar pessoalmente o transporte dos soldados hondurenhos até a região fronteiriça, apesar da existência de uma lei do Congresso norte-americano que proíbe a presença de oficiais e tropas dos Estados Unidos a menos de 20 milhas (cerca de 32km) da Nicarágua.

A agressão foi justificada pelo governo de José Azcona como uma reação à invasão do território de Honduras por parte de tropas ni-

caraguenses, que procuravam elementos dos "contras" estacionados perto da fronteira. No entanto, o governo de Manágua negou categoricamente essa versão e lembrou que os bombardeios tiveram lugar poucos dias depois da proposta nicaraguense nas Nações Unidas, no sentido de enviar observadores para a fronteira entre os dois países. Em uma entrevista coletiva à imprensa o ministro do Exterior Miguel D'Escoto disse que "tudo indica que os aviões que invadiram nosso território e bombardearam nossas cidades eram norte-americanos".

Por sua vez, o embaixador da Nicarágua em Honduras, Danilo Abud Vivas, reiterou a proposta de seu país de iniciar negociações bilaterais para evitar que conflitos como esse possam voltar a acontecer. "A Nicarágua não tem nada contra Honduras e pensamos que Honduras não tem nada contra a Nicarágua, portanto há espaço para um diálogo positivo", afirmou.

Na opinião de Larry Birns, diretor do Conselho de Assuntos Hemisféricos (CO-HA) e especialista em análises sobre a política externa norte-americana, "a administração Reagan fabricou esse incidente para desviar a atenção do público dos Estados Unidos. O governo sabe que sua política contra



Reuter

Assessores militares norte-americanos em Honduras

## Panorama Tricontinental

a Nicarágua corre um sério risco agora que enfrenta o escândalo das irregularidades cometidas na transferência de fundos obtidos com a venda de armas ao Irã para contas em dólares dos 'contras', acrescentou.

Outro especialista cuja opinião coincide com a de Birns é o ex-agente da CIA e estudioso das relações internacionais, David MacMichael, para quem "a administração Reagan já assumiu o fracasso dos mercenários e começa a justificar uma intervenção direta".

### ANGOLA

#### O 30º aniversário do MPLA

Um desfile popular em Luanda assinalou, no dia 10 de dezembro passado, o trigésimo aniversário da fundação do MPLA e o nono da sua constituição em Partido do Trabalho. O MPLA foi fundado em 10 de dezembro de 1956 com a fusão de vários grupos nacionalistas da época. A partir de 1962, passou a ser dirigido pelo poeta e médico Agostinho Neto, que conduziu a luta armada contra o colonialismo português.

Em 1977, o MPLA deixou de ser uma frente nacionalista e constituiu-se em Partido do Trabalho, adotando

1987 - Janeiro - nº 97

a filosofia marxista-leninista. Desde 1979, após o falecimento de Agostinho Neto, o MPLA-PT é dirigido pelo presidente José Eduardo dos Santos, engenheiro de petróleo formado na União Soviética. Na sua definição, "o MPLA é um instrumento em poder dos trabalhadores para se levar a bom termo o projeto de transformação radical da sociedade herdada do período colonial, em benefício das massas trabalhadoras".

Em 1978, o MPLA decretou a "política de clemência", que permitiu nos últimos dois anos integrar às forças armadas de Angola mais de mil efetivos da extinta FNLA, assim como populares das mais diversas origens anteriormente também sob controle dessa organização, que foram integrados à sociedade angolana.

Para dotar o MPLA-PT de estruturas eficientes e de novos métodos de trabalho, o partido foi depurado, com a participação dos trabalhadores. O princípio que

orientou o processo foi o de que "não é do partido quem quer mas quem o merece", e permitiu a renovação dos quadros com o ingresso de jovens e de militantes do interior.

Os 30 anos de existência do MPLA coincidem com a renovação dos mandatos dos membros das Assembleias do Povo e das Assembleias Populares Provinciais, órgãos do poder popular criados há seis anos. Nas eleições participaram organizações de base do partido, sindicatos, organizações de massa e sociais e a população em geral, que pôde dar suas opiniões sobre os deputados propostos. No contexto da renovação de quadros, dos 206 deputados submetidos à aprovação popular só 99 foram reconduzidos a um segundo mandato.

No período da legislatura que ora finda, Angola foi admitida como membro de pleno direito na União dos Parlamentares Africanos e na Organização Interparlamentar Mundial.

Uma vista de Luanda:



## BRASIL/ARGENTINA

### Rumo a um mercado latino-americano

Avançando mais um passo no processo de integração iniciado em julho passado, reuniram-se durante quatro dias em Brasília os presidentes do Brasil, José Sarney, e da Argentina, Raúl Alfonsín. Estabelecendo uma co-responsabilidade dos credores internacionais com a estabilidade política de ambos os países, o documento assinado pelos presidentes, a "Ata de Amizade Brasil-Argentina", assinala que "sem crescimento econômico não há paz, nem justiça social, nem democracia".

Os entendimentos alcançados por Alfonsín e Sarney não foram suficientes para lançar as bases daquilo que foi anunciado como o futuro Mercado Comum Latino-Americano. Para isso, seria preciso que ambos os países adotassem uma tarifa alfandegária comum para as importações provenientes de terceiros países. Mas foi dado um primeiro passo nessa direção com a aprovação de uma lista de 300 produtos do setor de bens de capital, que ficarão livres de tarifas alfandegárias nos dois mercados. Outros três mil pro-

dutos serão negociados com uma tarifa máxima de 30%.

Os presidentes firmaram um total de 17 protocolos de integração em diversas áreas que incluem a criação de um organismo financeiro binacional, concebido nos moldes dos bancos internacionais de estímulo à construção de uma usina hidrelétrica binacional e diversos entendimentos de complementação industrial, comercial e tecnológica. Com relação à área petrolífera, foi enfatizado que, como consequência dos acordos assinados em julho em Buenos Aires, as empresas estatais Jazidas Petrolíferas Fiscais (YPF) e Petrobrás acabam de ganhar uma concorrência internacional para a explora-

No terceiro dia das reuniões, esteve presente o chefe de estado uruguai, Julio María Sanguinetti. Embora o grau de desenvolvimento do Uruguai não lhe permita participar dos acordos de forma equilibrada e sem desvantagens, a presença de Sanguinetti serviu para avaliar a importância que os governos da Argentina e do Brasil atribuem à estabilidade política do Uruguai.

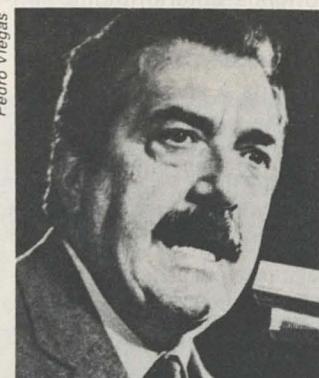
## URUGUAI

### Juízes civis processam militares

A Suprema Corte de Justiça do Uruguai estabeleceu que a Justiça Ordinária é o foro competente para julgar dois casos de violação dos direitos humanos durante o regime militar que governou o país de 1973 a 1985.

Esta é a primeira sentença emitida por essa Corte, que continua estudando outros 25 casos similares. A maioria dos processos encontram-se paralisados devido a um conflito de competências, já que os acusados defendem que têm direito a ser julgados pela Justiça Militar.

Em agosto último, o presidente Sanguinetti levou ao



O presidente Alfonsín

ção conjunta do petróleo equatoriano. Não se firmou, como estava previsto, o acordo sobre cooperação na produção bélica, porque a cúpula militar brasileira o considerou "prematuro".

# Panorama Tricontinental

Parlamento um projeto de lei que concedia anistia total para os delitos cometidos pelos membros das forças armadas; o Partido Nacional, de oposição moderada, propôs que fossem julgados apenas os casos envolvendo homicídio, lesões graves, violações e desaparecimentos. Como nenhum dos projetos obteve a maioria necessária, acabou por se impor, de fato, a posição da coligação de esquerda Frente Ampla, que pedia a intervenção sem restrições da Justiça Ordinária, de acordo com os mecanismos legais normais.

Mas a nova situação poderá ter consequências políticas já que os militares reiteraram em numerosas oportunidades que se recusarão a ser julgados por cívis. Vários chefes das forças armadas têm afirmado que durante o governo militar houve uma guerra contra "a subversão" e, se aconteceram violações dos direitos humanos, elas devem ser submetidas à jurisdição militar. O vice-presidente Enrique Tarigo, reconheceu recentemente que os militares não prestarão declarações aos tribunais comuns, o que poderá gerar uma confrontação de consequências imprevisíveis entre os poderes do Estado - executivo e judiciário - com as forças armadas.

## NOVA CALEDÔNIA

### FLNKS discute referendo

Viajou para Paris em meados de novembro passado o líder da Frente de Libertação Nacional Canaque e Socialista (FLNKS) da Nova Caledônia, Jean-Marie Tibau, com o objetivo de negociar com os diferentes partidos e dirigentes políticos franceses os detalhes da realização, este ano, de um referendo sobre a autodeterminação dessa colônia francesa do Pacífico. Tibau chegou a Paris acompanhado por dois outros dirigentes da FLNKS, Yewene Yewene e Leopold

Terrand concedeu à Nova Caledônia uma autonomia limitada sob o controle de um "alto comissário" enviado de Paris. Mas os colonos franceses e seus descendentes, os caldoches, que constituem a elite social e econômica do país, mantêm a sua hegemonia em detrimento da população nativa, os canaques, cujo representante político é a FLNKS.

Os contatos da FLNKS com o governo francês visam a estabelecer a forma com que se realizará a consulta popular de 1987 para decidir se a Nova Caledônia continuará pertencendo à República Francesa. Para os independentistas, o referendo - decidido pela direita ao



Manifestação canaque pela independência da ilha

Josedji e afirmou que "a independência é a única solução viável" para os problemas da Nova Caledônia.

Em 1984, o governo Mit-

returnar ao governo de Paris - expressa a vontade das autoridades coloniais de "prolongar seu domínio" sobre a ilha.

## Histeria norte-americana chega à indústria de brinquedos

Uma boneca árabe, de nome Nômade, constituiu um dos brinquedos de maior procura do Natal norte-americano. Com 15 centímetros de altura, a cabeça coberta pelo kaffieh e uma inscrição árabe no peito, Nômade está armada dos pés à cabeça com duas facas, uma pistola e uma metralhadora. Acompanha a boneca uma nota explicativa que diz: "Nômade é uma guerrilheira do deserto desalmada, tão versátil como o vento de areia, tão fria como as noites do deserto, tão perigosa quanto o mortal escorpião: tem como família um bando errante de degoladores e ladrões. São gente sem honra, que utiliza seu conhecimento do deserto para lançar ataques terroristas contra povos inocentes (sic)".

O fabricante de Nômade, a Coleco Industries, também responsável pelo lançamento de Rambo, foi obrigado a parar a produção da "terrorista" devido aos enormes protestos do comitê árabe-norte-americano. Um porta-voz desse comitê disse que a boneca

é um exemplo dos estereótipos antiárabes da cultura norte-americana e o "resultado da histeria antiárabe provocada pelo governo dos Estados Unidos como forma de promover sua política para o Oriente Médio".

## Zimbábue: cresce produção industrial

Segundo uma nota da Direção Central de Estatística do Zimbábue, a produção industrial do país continuou crescendo nos primeiros sete meses de 1986. Em comparação com igual período de 1985, o volume da produção em termos de valor aumentou 1,2%.

De acordo com a nota distribuída em Harare, a produção agrícola estatal desenvolveu-se a um ritmo acelerado e o escoamento da produção dos pequenos agricultores melhorou em 4,5%. O aumento de 13,9% das exportações confirma as tendências positivas verificadas nos primeiros cinco meses de 1986 na economia do Zimbábue.

As ligas de ferro, fios de algodão e o tabaco foram os itens que mais contribuíram para os rendimentos do país. A balança co-

mercial registrou, globalmente, um saldo positivo de 80,6 milhões de dólares.

## Greve geral une libaneses

Cristãos e muçulmanos libaneses deram uma demonstração rara de unidade ao paralisarem o país numa greve geral contra a fome e a violência no passado mês de dezembro. Lojas, bancos, escolas, escritórios e restaurantes permaneceram fechados em ambos os setores, enquanto poucos carros circulavam nas ruas normalmente congestionadas. Os hospitais e farmácias apenas atenderam casos de emergência.

Foi a segunda greve em cinco meses (a primeira ocorreu em junho) com as comunidades cristã e muçulmana unidas num único protesto contra a crise econômica que vem piorando as condições de vida da população.

Durante o ano de 86, a libra libanesa perdeu mais de 72% em relação ao dólar e economistas calculam a inflação anual em 100%. Entre novembro e dezembro últimos, os preços de alguns produtos essenciais registraram aumentos superiores a 40%.

# Panorama Tricontinental

## FOME NO MUNDO

### Produção alimentar ainda insuficiente

A produção mundial agro-alimentar cresceu 1,4% em 1985, atingindo um nível recorde pela segunda vez consecutiva, revela um relatório da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) divulgado recentemente em Roma.

Segundo a FAO, a colheita de cereais situou-se na ordem do 1,8 milhão de toneladas, com um crescimento mais acentuado no que respeita aos chamados cereais secundários. No entanto, a taxa de aumento da produção agrícola em 85 foi menor em 4% em relação ao ano precedente.

Os maiores aumentos de produção, lê-se no relatório, verificaram-se nos países em vias de desenvolvimento, particularmente na África e no Oriente Médio, onde mais da metade das nações atingiram aumentos da ordem dos 100%, em consequência de uma melhoria em relação à situação de seca prolongada.

Ao apresentar o relatório, o diretor geral da FAO, Edouard Saouma, manifestou sua "grande apreensão pela queda dramática dos

preços de exportação dos produtos agrícolas em 1985, sobretudo porque muitos países subdesenvolvidos e mesmo alguns desenvolvidos dependem em alto grau das divisas provenientes dessas trocas para equilibrar as respectivas balanças comerciais e reforçar as reservas monetárias".

A inquietação de Edouard Saouma viu-se realçada quando da publicação de dados do Banco International de Desenvolvimento (Bird), segundo os quais os países capitalistas obterão no corrente ano cerca de 6 bilhões<sup>1</sup> de dólares de lucros vindos da África devido à baixa dos preços das matérias-primas. Efetivamente, apenas desde julho de 1986, os preços das matérias-primas decresceram cerca de

25% em relação a 1980. Os níveis desta espoliação deverão se aprofundar em 1987, o que trará como consequência natural um grande agravamento da dívida externa desses Estados em relação a 1984.

Enquanto isso, o secretário geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, afirmou, também recentemente, que o número de pessoas padecendo de fome continua subindo, apesar da recuperação agrícola verificada nos países do Sul. Cerca de 800 milhões de homens, mulheres e crianças vivem na pobreza absoluta e outros 500 milhões são vítimas de má nutrição crônica, alertou, uma vez mais, Perez de Cuellar.

<sup>1</sup> Seis mil milhões



Apesar da recuperação agrícola, milhões ainda passam fome

# Quem é quem na guerra suja

Em junho de 1986, a Corte de Haia pronunciou-se contra as ações empreendidas por Washington contra a Nicarágua: a colocação de minas nos seus portos e o apoio dado pelos EUA aos grupos armados que tentam derrubar o governo de Manágua. A resolução, que enquadrou a conduta dos Estados Unidos como uma violação "do princípio de não-intervenção nos assuntos de outros Estados", determinou o dever do governo de Washington de uma "abstenção imediata de atos que possam violar as obrigações internacionais".

A resposta da Casa Branca foi de que a resolução não a afeta pois que já havia previamente recusado a jurisdição da Corte no caso apresentado pela Nicarágua. Isto é, desconheceu pura e simplesmente a Corte Internacional de Justiça.

Posteriormente, a 30 de outubro, utilizou o seu poder de voto para impedir a aplicação de um projeto de resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas que pedia o cumprimento das conclusões da Corte de Haia.

Reagan já anunciou que nenhuma resolução adversa o fará mudar sua política dirigida a derrubar o governo de Manágua. Isto significa ignorar ao mesmo tempo a Corte Internacional de Justiça e os demais foros competentes das Nações Unidas, que são precisamente as únicas instituições sobre as quais podem assentar o ordenamento jurídico internacional.

Quanto aos métodos que usa em relação à Nicarágua, são os mesmos com que

condena o terrorismo, segundo o ponto de vista de Reagan. Este acusa, por exemplo, o governo líbio de treinar e financiar terroristas que agem em outros países com o fim de agredir esses mesmos países ou os interesses de outras nações. Em que diferem essas pretensas ações e o treinamento, financiamento e entrega de armas por parte dos Estados Unidos aos grupos que lutam contra o governo da Nicarágua? As únicas diferenças consistem em que o terrorismo de Estado contra a Nicarágua não é declarado mas real e que não é praticado em pequena mas em grande escala.

Ao mesmo tempo, Washington desiste de utilizar as suas vias jurídicas para provar suas acusações contra a Líbia e recorre ao bombardeio como forma de represália.

O terrorismo opera contra as boas relações entre as nações e a confiança recíproca, condição para o incremento da cooperação internacional. O recurso ao terrorismo por parte de governos agride os esforços para implantar leis internacionais aceitáveis e respeitadas pelos países, sendo portanto uma ameaça à convivência pacífica entre os Estados.

Junto com o racismo, o imperialismo, o colonialismo e todas as formas de uso da força por parte de um Estado para impor seus pontos de vista políticos e econômicos, o terrorismo é um dos grandes males contemporâneos.

Não é suficiente dizer que o terrorismo deve ser repudiado. Devem adotar-se políticas que o combatam e o isolem. Essas políticas não podem cair nos mesmos métodos que

se condenam, pois estes alimentam o círculo vicioso das represálias, debilitando as instituições internacionais às quais se apela para sancionar os culpados. A única luta possível contra o terrorismo internacional está na recusa de utilização dos seus métodos e na procura das soluções das disputas entre as nações através das instituições emanadas do entendimento internacional, as quais, fortalecidas dessa forma, poderão dissuadir eficazmente o terrorismo.

Se tais princípios universalmente reconhecidos são aceitos, como conciliá-los com o comportamento do governo norte-americano, que, com o seu atual presidente Ronald Reagan, se proclamou campeão mundial da luta contra o terrorismo?

O governo dos Estados Unidos, que foi um dos primeiros a reconhecer a jurisdição obrigatória da Corte Internacional de Haia, em 1946, tem sido o país que tem lançado os mais duros golpes de toda a história dessa instituição.

É difícil avaliar qual dos dois comportamentos – aquele em relação a Manágua e a Corte de Haia, ou o bombardeio contra Trípoli – causou mais prejuízos aos princípios da ordem política internacional que regula as disputas e os conflitos entre Estados.

Pelo contrário, reafirmou-se precisamente o contrário: o uso da força militar para impor os interesses de um Estado sobre outro. Washington declara culpado um governo por uma determinada ação e se converte em tribunal que o julga e em polícia que o castiga.

Diante desses fatos se disse que a administração Reagan desacata a legislação internacional, salvo nos casos em que ela respalde sua política nacional, privando portanto de apoio essa legislação e suas

instituições. Isso leva a um gravíssimo retrocesso em relação à aspiração universal de convivência pacífica entre as nações. Mas com tudo o que isso significa, não esgota o julgamento sobre o comportamento do governo Reagan em relação ao terrorismo internacional. Em novembro passado, foi revelado que, desde o início de 1985, a administração Reagan negociava com o governo do Irã com a finalidade de obter a libertação dos reféns norte-americanos capturados no Líbano. Supõe-se, assim, que Washington obteve a libertação de alguns reféns em troca de condições impostas por Teerã, que recebeu armas de origem norte-americana. Reagan havia acusado tanto Teerã como Trípoli de apoiar o terrorismo internacional, colocando-os em pé de igualdade. É desconcertante comprovar que apesar do governo dos Estados Unidos considerá-los culpados dos mesmos atos, bombardeie um e arme o outro, fortalecendo-o consequentemente.

A incoerência não acaba aqui. Os críticos de Reagan assinalam que ao facilitar armas aos iranianos em troca de que estes pressionem os seus aliados libaneses para que libertem os prisioneiros norte-americanos, o presidente dos Estados Unidos fomenta as condições para novos recursos a esse método extorsivo.

Para não irmos mais longe do complicado Oriente Médio, esse precedente poderá levar uma ou mais das muitas facções em luta na região a capturar cidadãos norte-americanos com a finalidade de obter armas ou outras condições.

Não parece que essa seja a maneira de proteger os interesses legítimos dos Estados Unidos. E, além disso, estas contradições constituem mais um elemento para tirar toda a credibilidade à política de Reagan em relação ao terrorismo internacional. •

AS PESSOAS HUMILDDES SEMPRE TRANSFORMARAM SEUS SOFRIMENTOS EM SAMBA.  
MAS ELAS MERECEM MUITO MAIS DO QUE ISSO.  
MERECEM A ALEGRIA DO CONFORTO E DA SAÚDE  
QUE A SOCIEDADE FICOU DEVENDO.  
A IMAGEM DA LATA D'ÁGUA NA CABEÇA AINDA EXISTE.  
ESTAMOS TRABALHANDO PARA QUE ELA SEJA COISA DO PASSADO.  
PARA QUE FIQUE APENAS COMO UM SAMBA BONITO.  
A SECRETARIA DE ESTADO DE OBRAS E MEIO AMBIENTE, ATRAVÉS DO PROGRAMA DE FAVELAS DA CEDAE-PROFACE, JÁ INSTALOU REDES DE ÁGUA EM 66 MORROS E FAVELAS E REDES DE ESGOTO SANITÁRIO EM 23.  
E ESTÁ CONCLUINDO O MESMO TRABALHO EM DIVERSAS COMUNIDADES.  
O GOVERNO LEONEL BRIZOLA ESTÁ TIRANDO UM PROBLEMA DA CABEÇA DAS PESSOAS QUE CARREGAM ÁGUA.  
E UM PESO DA CONSCIÊNCIA DOS QUE A ISTO ASSISTEM.



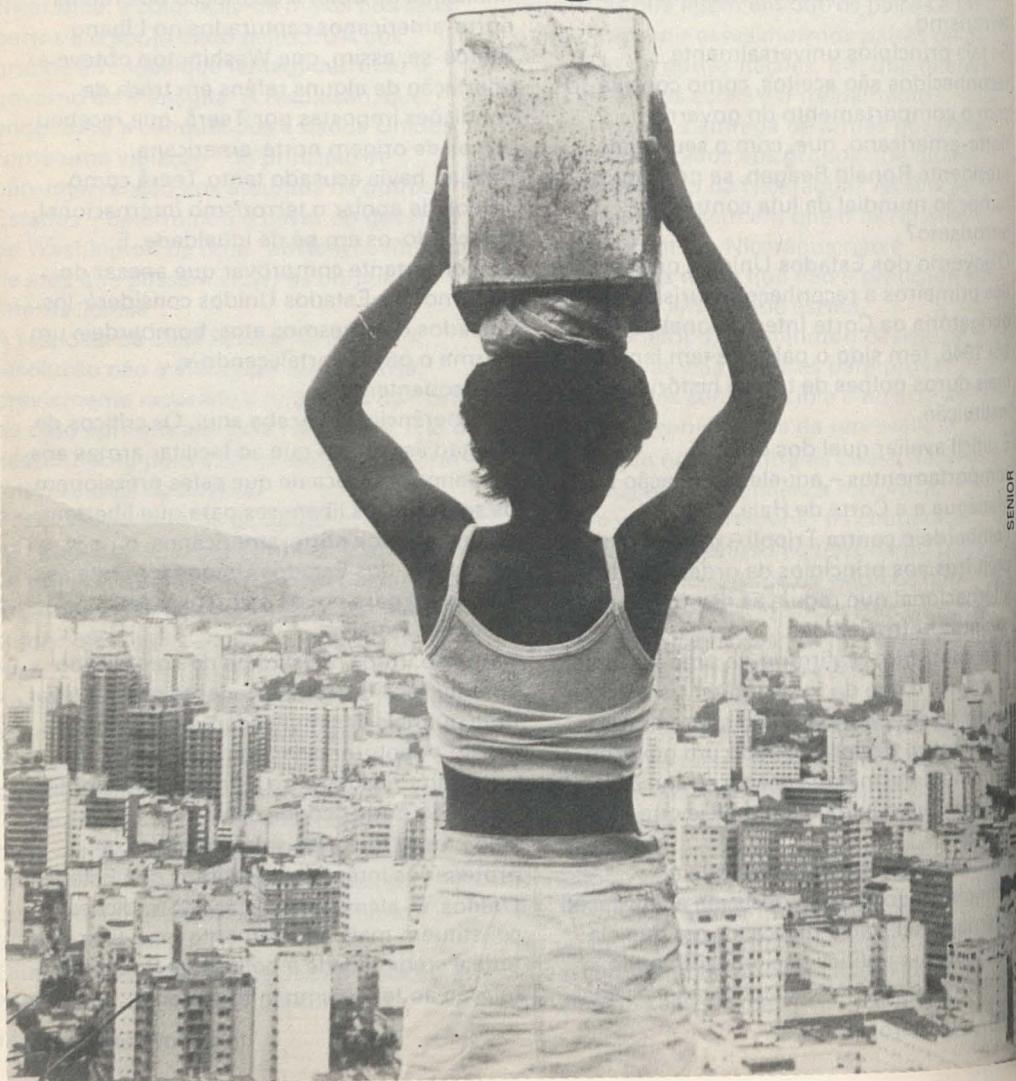
COMPANHIA ESTADUAL DE ÁGUAS E ESGOTOS



SECRETARIA DE ESTADO DE OBRAS E MEIO AMBIENTE

GOVERNO LEONEL BRIZOLA

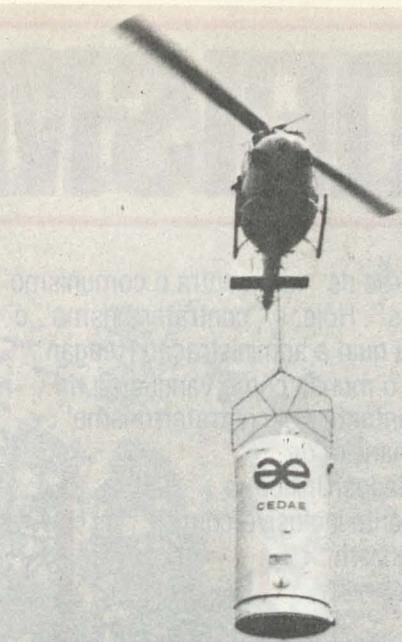
## Estamos tirando um peso da cabeça de muita gente.



B  
A  
d  
10  
C  
S  
T  
Te

A

SENIOR



**Governo Brizola:  
água e esgotamento sanitário  
para dezenas de favelas.**

# TERRORISMO:

Num passado próximo, chamou-se de "luta contra o comunismo" ou "defesa dos direitos humanos". Hoje, o "contraterrorismo" é uma das novas bandeiras com a qual a administração Reagan pretende se apresentar perante o mundo como vanguarda da liberdade e da democracia. No entanto, o "contraterrorismo" nada mais é do que uma nova maneira de estigmatizar os inimigos dos Estados Unidos, o que é absolutamente inconsequente inclusive com as próprias práticas que caracterizam o atual governo norte-americano



# A QUEM SERVE?



domingo - 07.07

# O poder e a semântica do terrorismo



A "luta contra o terrorismo" defendida por Washington a partir da ascensão de Ronald Reagan à Casa Branca não é mais do que uma fachada propagandística para a política de represália militar e de apoio a grupos mercenários

**P**ara o cidadão ocidental comum, a idéia de que os Estados Unidos não somente promovem como também são os *países promotores* do terrorismo internacional pareceria inteiramente absurda. Afinal, lemos diariamente nos jornais que os Estados Unidos vêm liderando o combate contra aquilo que chamam de "terrorismo" e, de vez em quando, admoestam os seus aliados por não se empenharem o bastante na repressão a esse "terrorismo". No entanto, o governo dos Estados Unidos organizou um exército de mercenários para atacar a Nicarágua, chegando até a fornecer-lhes manuais impressos descrevendo os atos recomendados de sabotagem e homicídio, atos esses que vêm sendo cometidos pelo pseudo-exército a um custo de bem mais de 1.000 mortos entre os civis da Nicarágua até agora.

Além disso, o governo dos Estados Unidos vem apoiando sistematicamente o regime do *apartheid* da África do Sul, que invadiu diversos países vizinhos e organizou os seus próprios exércitos de mercenários a fim de subvertê-los, também com o custo de muitos milhares de vidas entre os civis da África. No entanto, os meios de comunicação do Ocidente jamais chamam os Estados Unidos ou a África do Sul de "Estados terroristas", embora ambos tenham feito um número maior de vítimas do que Khadafi ou as Brigadas Vermelhas italianas.

O motivo desse erro de interpretação por parte do Ocidente é que são os poderosos que definem o que é o terrorismo, e a imprensa oci-

dental segue ao pé da letra a cartilha dos seus líderes. É claro que a definição que os poderosos dão ao terrorismo exclui seus próprios atos e os dos seus amigos e clientes.

## "O que não me agrada, eu chamo de terrorismo"

O atual governo de Washington verificou ser possível classificar de "terrorista" qualquer país ou grupo de países que lhe seja contrário, e essa classificação é transmitida ao público pelos meios de comunicação sem qualquer exame sério ou senso de ridículo. No discurso que pronunciou perante a Ordem dos Advogados dos Estados Unidos, no dia 8 de julho de 1985, o presidente Reagan denunciou cinco países como grandes promotores de terrorismo de estado - Coréia do Norte, Líbia, Irã, Cuba e Nicarágua. Ninguém riu. Presume-se que a União Soviética tenha sido omitida em virtude dos entendimentos em curso para a próxima reunião de cúpula. Segundo os jornais, a Síria foi poupadá por uma questão de gratidão ao presidente Hafez Assad por seu papel nas negociações para a libertação dos 39 reféns norte-americanos detidos no Líbano.

O que a imprensa deixou de mencionar foi o fato de a África do Sul e a Guatemala (entre outras nações) terem sido omitidas, de que a Nicarágua não assassina seus próprios cidadãos como fazem em grande escala a África do Sul e a Guatemala, e o fato de que a Nicarágua até

hoje não invadiu outros países nem organizou forças subversivas para desestabilizar outros países, como a África do Sul tem feito com outras nações do continente e como os Estados Unidos vêm fazendo abertamente contra a própria Nicarágua.

A comicidade e a hipocrisia do fato de os Estados Unidos chamarem a Nicarágua de Estado terrorista passam inteiramente despercebidas aos jornais norte-americanos, e não têm qualquer influência sobre a objetividade do jornalismo que praticam. Com uma imprensa complacente, especialmente nos Estados Unidos mas também nos outros países seus clientes, terrorismo fica sendo aquilo que o poderoso governo norte-americano decide chamar de terrorismo. E, como esse governo vem empregando a definição com uma desenvoltura cada vez mais audaciosa e arbitrária, o princípio adotado é o de que "o que não me agrada, eu chamo de terrorismo".

#### Terrorismo a varejo e por atacado

Em sua manipulação semântica da palavra terrorismo e outros termos correlatos, os Estados Unidos e seus porta-vozes intelectuais utilizam vários expedientes para diferenciar eles próprios e seus amigos daqueles que eles chamam de "terroristas". Entre esses expedientes, talvez o mais importante seja limitar o uso da palavra a atos e agentes não-estatais, ou seja, definir como terrorismo o uso da violência em oposição a governos. Essa interpretação contraria o uso comum e tradicional do termo, segundo o qual, o terrorismo tanto pode ser um modo de governar quanto um modo de fazer oposição a um governo mediante a intimidação.

Quando os governos são excluídos dessa definição, a África do Sul, a Guatemala e Israel são absolvidos da categoria de terroristas, ao passo que o Congresso Nacional Africano (ANC), os grupos rebeldes da Guatemala e a

Organização para a Libertação da Palestina (OLP) são automaticamente incluídos. A distinção é grotesca, tanto em termos de números de vítimas como de formas de violência empregadas por intimidadores estatais e não-estatais, mas é extremamente conveniente em termos de prioridades e interesses do Ocidente. Os governos protegidos por esse emprego da palavra são aliados, amigos ou o próprio governo dos Estados Unidos; os grupos automaticamente definidos como "terroristas" são os que se opõem a esses clientes e à defesa ocidental do status-quo.

Para demonstrar mais claramente o absurdo desse sistema de definir as coisas, utilize os conceitos de terrorismo "a varejo" e "por atacado". Os indivíduos e grupos de indivíduos dissidentes matam "a varejo" (ou seja, em pequena escala, com limitados recursos tecnológicos em sua arte de matar, e fazem um pequeno número de vítimas); os Estados matam "por atacado". Este fato bastante óbvio mas esquecido é ilustrado dramaticamente pelo Quadro 1, que compara o número de mortes causadas por terroristas estatais e não-estatais nas últimas décadas. Pode-se facilmente observar que um incidente isolado de terrorismo de Estado frequentemente acarreta um número muito maior de vítimas do que as causadas durante muitos anos por terroristas não-estatais (para não falar dos números infinitamente superiores atribuíveis aos terroristas estatais ao longo de muitos anos). Real-

Alan Haagman



Ronald Reagan com os chefes dos "contras" nicaraguenses

**Mortes provocadas por terrorismo de Estado e não Estatal:  
Totais e ordem de grandeza**

*Não Estatal*

- |   |       |     |
|---|-------|-----|
| 1. Alemanha Federal: Exército Vermelho, Células Revolucionárias e todos os outros terroristas não estatais, janeiro 1970 a abril 1979 | 31    | 1   |
| 2. Itália: Brigadas Vermelhas e todos os outros terroristas não estatais, 1968-82   | 334   | 11  |
| 3. Mundo: Todos os "terroristas internacionais", total geral da CIA, 1968-80  | 3.368 | 109 |

*Incidentes isolados de terrorismo de Estado*

4. El Salvador: Rio Sumpul, 14 maio 1980	600+	19+
5. África do Sul: Campo de refugiados de Kassinga (Angola), 4 maio 1978	600+	19+
6. Guatemala: Panzós, 29 maio 1978	114	4
7. Israel: Sabra e Shatila (Líbano), setembro 1982	1.900-3.500	61-112
8. Argentina: "Desaparecidos" de 1976-82	11.000	355
9. Chile: 1973-85	20.000+	654+
10. República Dominicana: 1965-72	2.000	64
11. El Salvador: Matanza I, 1932	30.000	968
12. El Salvador: Matanza II, 1980-85	50.000	1.613
13. Guatemala: Campanha de pacificação de Rios Montt, março-junho 1982	2.186	70
14. Guatemala: 1966-85	100.000+	3.326+
15. Indonésia: 1965-66	800.000+	25.806+
16. Indonésia: Invasão e pacificação de Timor Leste, 1980-85	200.000+	6.452+
17. Líbia: Assassinatos de líbios no exterior, 1980-83	10+	0,32
18. Camboja: Era de Pol Pot, 1975-80	300.000+	9.677+
19. EUA (Apóio aos "contras"): Na Nicarágua, 1981-85	2.800+	90+
20. EUA: Agressão contra Indochina, 1955-75	4.000.000+	129.032+

Notas: (Os numeros das notas abaixo correspondem aos números das linhas do Quadro)

1. Dados de Hans-Joseph Horchem, "Political Terrorism: the German Perspective", em Ariel Merari, coord., *On Terrorism and Combating Terrorism*, Atas de um Seminário Internacional, Tel Aviv, 1979 (frederick, Md: University Publications of America, 1985), p. 63.
2. Dados do Dr Vittofranco S. Pisano, *Terrorism and Security: The Italian Experience*, Relatório do Subcomitê sobre segurança e Terrorismo, Comitê Judiciário do Senado, 98º Congresso, 2º Sessão, novembro 1984, p. 63.
3. CIA, *Patterns of International Terrorism: 1980* junho 1981, p. vi.
4. Michael McClintock, *The American Connection*, Vol. 1, Terrorismo de Estado e Resistência Popular em El Salvador (Londres: Zed, 1985), p. 306.
5. Richard Leonard, *South Africa at War* (Westport, Conn.: Lawrence Hill, 1983), p. 67.
6. Marlise Simons, "Massacre Shakes Guatemala", *Washington Post*, 7 julho 1977.
7. O governo libanês diz ter recolhido 762 cadáveres e que outros 1.200 foram enterrados por seus próprios parentes: Noam Chomsky, *The Fatal Triangle* (Boston: South End Press, 1983), p. 370. Num cuidadoso estudo, Amnon Kapeliouk calcula entre 3.000 e 3.500 o número de pessoas assassinadas: Amnon Kapeliouk, *Sabra & Shatila: Inquiry into a Massacre* (Belmont, Mass.: Association of Arab-American University-Graduates, 1984), pp. 62-63
8. John Simpson e Jana Bennett, *The Disappeared and the Mothers of the Plaza* (New York: St. Martins, 1985), p. 7.
9. Anistia Internacional, *Report on Torture* (New York: Far-  
rar, Straus and Giroux, 1975), p. 252.
10. Carlos Maria Gutierrez, *The Dominican Republic: Rebellion and Repression* (New York: Monthly Review, 1972), p. 11.
11. Robert Armstrong e Janet Shenk, *El Salvador: The Face of Repression* (Boston: South End Press, 1982), p. 30.
12. Central America Historical Institute.
13. Anistia Internacional, Relatório Especial, "Guatemala: Massive Extrajudicial Executions in Rural Areas under the Government of General Efraim Rios Montt", julho 1982, p. x.
14. "Bitter and Cruel . . .", Relatório de uma Missão à Guatemala do Grupo Parlamentar Britânico para Direitos Humanos, outubro 1984; C. Krueger e K. Enge, *Without Security or Development: Guatemala Militarized*, relatório apresentado ao Washington Office on Latin America, 6 junho 1985.
15. T. B. Millar, *Australia in Peace and War* (Canberra: Australian National University Press, 1978), p. 539.
16. Noam Chomsky, *Towards a New Cold War* (New York: Pantheon, 1982), pp. 341 e 470 (cendo os padres Leônidas Vierra do Rego e Francisco Maria Fernandes).
17. Anistia Internacional, *Political Killings by Governments* (Londres: AI, 1983), pp. 69-77.
18. *Ibid.*, p. 24.
19. Center for International Communications, *Nicaragua: Development, the Counterrevolution, and Consequences* (Londres: CIC, 1986). O total acumulado oficial de mortes civis, de 1981 até 1985, é 2.817.
20. Paul Quinn-Judge, *Far Eastern Economic Review*, 11 outubro 1984;

mente, pode-se ver nesse quadro que os totais multianuais de vítimas atribuídas ao grupo Baader-Meinhof (parte da linha 1) e às B Vermelhas (apenas uma parte do total de vítimas italianas da linha 2) mesmo agrupados e somados são bem menores que os totais de vítimas de episódios isolados de violência sob a responsabilidade da África do Sul, El Salvador e Israel.

O quadro indica que, se permitíssemos que o terrorismo de Estado (terrorismo por atacado) fosse incluído em nossa definição de terror e lhe dessemos a atenção que merece, mais ou menos em proporção ao número de vítimas, então El Salvador, Guatemala, Indonésia, Israel e os próprios Estados Unidos passariam a primeiro plano, ao passo que as Brigadas Vermelhas e o Exército Vermelho cairiam para o fim da lista. Mas isso seria contrário aos interesses do Ocidente.

#### Terrorismo versus "retaliação"

Outro importante expediente que permite que o termo "terrorista" seja aplicado somente ao inimigo é distinguir entre terrorismo e "retaliação", e simplesmente afirmar que nós e nossos amigos apenas "retaliámos" contra atos de "terrorismo" praticados por terceiros. Numa sequência de atos de violência, geralmente é difícil determinar como o processo começou e, desta forma, a distinção entre terrorismo e retaliação é, muitas vezes, arbitrária e depende da capacidade de um dos lados de fazer impor sua "verdade" através da força. Assim, quando Israel bombardeou Túnis, matando 20 civis tunisianos inocentes e um número bem maior de palestinos, o governo Reagan e o resto do Ocidente aceitaram o fato como "retaliação", embora o ataque de Lanarca que supostamente provocou o ataque a Túnis fosse explicitamente chamado por seus responsáveis de ato de

retaliação contra agentes do Mossad (o serviço secreto israelense) envolvidos em sequestros de navios promovidos por Israel.

Uma nota encontrada no corpo de um dos terroristas de Roma fala de vingança pelos massacres de palestinos, promovidos pelos israelenses nos campos de Chatila e Sabra, mas o Ocidente não admitiu que os ataques de Roma fossem apenas "retaliação" decorrente de um ato de terrorismo anterior. Uma vez que Israel é cliente dos Estados Unidos, o Ocidente permite que Israel mate sempre a título de "retaliação", nunca como Estado terrorista, ao passo que jamais se permite que a OLP e outros grupos de palestinos "retaliem"; quando estes matam, são sempre terroristas.

#### Terrorismo como matança indiscriminada

Outra maneira de distinguir os terroristas dos perpetradores de violência não-terrorista é através da suposta aleatoriedade ou indiscriminação de seus ataques. Presume-se que matar indiscriminadamente é mais imoral do que matar seletivamente, e essa presunção é utilizada para emprestar um estigma de maldade aos terroristas e uma aura de benignidade aos outros assassinos (geralmente estatais).

No entanto, matar vítimas escolhidas não é



Bombardeio de Israel em Túnis: mais de 73 mortos

obviamente mais decente do que matar aleatoriamente, a não ser que suponhamos que as vítimas escolhidas mereciam o destino que tiveram. Se decidirmos matar somente professores ou homens ruivos, nossos atos não serão menos condenáveis que os dos que matam indiscriminadamente. Mas, se as vítimas escolhidas forem suspeitas de comunismo ou de participação na OLP, isto, para o Ocidente, confere um valor moral à sua matança. Naturalmente, ocorre muitas vezes que as vítimas escolhidas não são as únicas a morrer, como foi o caso em Túnis, mas a alegação de se procurarem alvos "legítimos" ajuda a justificar as perdas de vida supostamente não-intencionais.

O fato, porém, é que a OLP, a Swapo da Namíbia ou a FLN vietnamita não tendem a matar mais indiscriminadamente que os terroristas de Estado. Quase todos os atos de violência praticados por dissidentes não-estatais são cuidadosamente dirigidos contra algum símbolo de abuso de poder e, no caso da FLN no Vietnã do Sul, a violência não-seletiva era sujeita a punição por alienar a base de apoio popular visada pela estratégia da FLN. Naturalmente, quando os dissidentes capturam reféns, as vítimas são geralmente escolhidas ao acaso, mas nem o número de tais incidentes nem o consequente número de mortos tem sido elevado (as mortes foram até agora uma pequena parte do total de vítimas do terrorismo "a varejo" indicado no Quadro 1).

Por sua vez, o terrorismo de Estado também não apresenta um quadro muito definido no que se refere à escolha de suas vítimas. Na América Latina, os terroristas de Estado perseguem deliberadamente certos ativistas ou líderes políticos, bem como categorias de indivíduos organizados; mas, quando os grupos perseguidos são grandes e diversos, e se dá ao termo "categoria" uma definição muito mais ampla (por exemplo, militantes sindicais), podemos perfeitamente descrever a perseguição como indiscriminada. Além disto, o terrorismo de Estado é, frequentemente, muito dado a atacar civis em geral, quando estes são vistos como uma população potencialmente inimiga.

McClintock observa que "no caso de uma insurreição em massa, secundada pela vasta

maioria de uma população, a noção de 'civil inocente' praticamente desaparece". Afirma McClintock que, na Guatemala e em El Salvador em meados da década de 80, bem como nos últimos anos do governo Somoza, as táticas de terrorismo de Estado "assumiram um caráter quase aleatório, voltado contra as massas"<sup>1</sup>.

O mesmo se aplica à agressão norte-americana na Indochina. A essência da política dos Estados Unidos na Indochina era o uso maciço de potência de fogo no interior do país, à base de um mínimo de informação quanto à escolha de alvos. As mortes de civis teriam o mérito de reduzir a população inimiga, forçar o êxodo para as cidades, provocar intenso pavor e, vez por outra, até mesmo matar um soldado inimigo. A imprensa norte-americana, ao relatar os ataques dos B-52 como dirigidos contra "bases inimigas", papagueava a linguagem dos comunicados do Pentágono. Em parte isso era verdadeiro, uma vez que as aldeias atacadas realmente serviam de refúgio a uma população que apoiava os rebeldes. É claro, porém, que qualquer bombardeio dirigido contra toda uma população rural deve ser definido como ataque indiscriminado. Reflexo disso é o assombroso número de vítimas causado entre a população rural indefesa (ver Quadro 1, linha 20).

A mesma política norte-americana vem sendo posta em prática em El Salvador, onde os Estados Unidos promovem – principalmente, mas não totalmente através de terceiros – uma guerra contra populações de interior, ao estilo do Vietnã. O número de vítimas é enorme, mas a imprensa ocidental está demasiadamente ocupada com relatos de "terrorismo" para dar atenção a esse fato.

O mesmo se aplica aos ataques de aviões israelenses durante a invasão do Líbano em 1982 e, atualmente, contra as aldeias de xiitas no sul do Líbano, nos quais o grosso do fogo é dirigido contra áreas densamente povoadas e, portanto, constituem essencialmente matanças indiscriminadas. Isso preocupa o Ocidente, que não está interessado em questionar a "origem" dessas

<sup>1</sup> Michael McClintock, *The American Connection: State Terror and Popular Resistance in El Salvador*, vol.1 (Londres: Zed Press, 1985), p.52.

matanças, uma vez que elas não constituem "terrorismo".

Outra forma pela qual os especialistas em terrorismo do Ocidente procuram desviar a atenção do público da maciça violência de Estado e focalizá-la em atos cometidos por indivíduos e pequenos grupos é dar ênfase a uma suposta manipulação da imprensa pelos terroristas. Nesse contexto, o terrorismo poderia até ser definido como o uso de violência em conjunto com a busca de publicidade. Realmente, certos atos de terrorismo "a varejo" destinam-se a chamar atenção para reivindicações, e os terroristas contam para isso com a publicidade que a imprensa falada e escrita dá a seus sequestros e capturas de reféns.

Em contraposição, os terroristas de Estado não dependem da imprensa para seus atos de intimidação, uma vez que sua capacidade de violência é suficientemente grande para ter o efeito desejado sem a busca deliberada de publicidade. Com efeito, o problema dos terroristas de Estado é manter a imprensa calada, para que a violência possa ser cometida sem uma indesejável reação do público.

Como os terroristas dissidentes buscam publicidade, ao passo que os terroristas de Estado fogem dela porque esta interfere com a sua maior liberdade de matar, é óbvio que a ênfase dada aos primeiros desempenha um papel de justificativa. Além disso, permite que certos conservadores reprimam a imprensa por "estimular o terrorismo" ao dar tanta publicidade aos terroristas. Temos aqui duas imposturas. A primeira é a insinuação de que a imprensa trata os terroristas dissidentes com simpatia. Em ora a imprensa, vez por outra, publique as queixas e reivindicações dos terroristas e permita que eles sejam vistos sob seu aspecto humano, a cobertura de atos de terrorismo pela imprensa ainda é fortemente dominada pelas opiniões oficiais e pela ênfase dada ao sofrimento das vítimas. Nas re-

percussões dos atos de terrorismo, essa ênfase e essa repriminação acabam por predominar.

A segunda impostura é mais grave. Os analistas do "teatro do terror" não percebem o importante papel exercido pela publicidade dada a atos de terrorismo a varejo na aprovação e aceitação do terrorismo por atacado. Não foi por mera coincidência que a grande atenção dedicada ultimamente pelo Ocidente a atos de "terrorismo" foi seguida pela corrida armamentista de Reagan, a instalação de mísseis na Europa Ocidental, e o recrudescimento dos ataques dos Estados Unidos e seus cúmplices contra rebeldes nicaraguenses, libaneses, angolanos e salvadorenhos. A explícita mudança de ênfase por

Reuter



Exercícios militares dos Estados Unidos em frente à costa líbia

parte de Reagan – deixando de lado a defesa dos "direitos humanos" para voltar-se contra o terrorismo – constituiu virtual reconhecimento do apoio a terroristas de Estado e, simultaneamente, um desvio da atenção para terroristas menores.

A grande atenção hoje dedicada ao teatro do terror não ajuda os pequenos terroristas: reforça as alegações dos que dizem: apenas "retaliar" contra o terrorismo praticado por terceiros. A forma pela qual o governo Reagan manipulou a ameaça supostamente representada pela Líbia – desde os míticos "esquadrões de assalto" de 1981 até os confrontos deliberadamente provo-

## As sanções contra a Síria

□ Margaret Thatcher rompeu relações diplomáticas com o governo sírio, a 25 de outubro passado, alegando que tinha provas irrefutáveis da cumplicidade da embaixada síria em Londres com o cidadão jordaniano Nezar Hindawi, de 32 anos, condenado na véspera por um tribunal britânico a 45 anos de prisão, por ter sido considerado culpado da tentativa de explodir no ar um avião da empresa israelense *El Al*.

O próximo passo do governo conservador foi tentar convencer os demais países da Comunidade Económica Européia (CEE) a tomar a mesma atitude. A primeira tentativa fracassou, principalmente devido à recusa de Paris, Bonn, Atenas e Oslo de aceitar como definitivas as provas apresentadas por Londres.

O governo que menos deu ouvidos à proposta de Thatcher foi o francês. O primeiro-ministro gaullista Jacques Chirac expôs pessoalmente a posição de seu governo durante um encontro com o secretário de estado norte-americano George Shultz, que fez uma breve visita a Paris: a França não podia romper relações com a Síria porque as provas não eram convincentes. E foi mais longe: numa entrevista exclusiva que concedeu ao diretor do diário norte-americano *Washington Times*, Chirac afirmou que tinha tomado conhecimento através das autoridades de Bonn, num encontro com o também primeiro-ministro Helmut Kohl, de que o atentado frustrado contra o avião da *El Al* não seria obra dos sírios, mas do Mossad, o serviço secreto de Israel, com o objetivo de desestabilizar o governo de Hafez Assad. A declaração de Chirac caiu como uma bomba em Paris e em toda a Europa e foi desmentida pelo

primeiro-ministro francês de forma ambígua, assinalando que havia feito esses comentários em caráter oficioso ("off the record", para usar a expressão comum no jargão jornalístico) a Arnaud de Borchgrave, o diretor do *Washington Times*. O jornal não se intimidou: retrucou que tinha a gravação das conversações e que poderia publicá-las na sua versão textual.

A França manteve a sua posição de não romper com o regime de Damasco e afirmou que confiava no empenho das autoridades sírias em combater toda forma de terrorismo, expectativa essa baseada num acordo realizado entre a França e a Síria para atuar em conjunto na repressão e investigação dos atentados a bomba em Paris, que tiveram seu auge em setembro passado. Segundo versões da imprensa europeia, Paris naquele momento ia firmar um contrato com os sírios no valor de quase 300 milhões de dólares, para a venda de armas. Entre elas, estariam incluídos 15 helicópteros "Gazelle", armados com 180 mísseis terra-terra e equipamentos de artilharia.

Porém, os demais países da CEE acabaram cedendo às pressões britânicas e norteamericanas: a 10 de novembro impuseram sanções contra a Síria. A Casa Branca elogiou a resolução: "Os passos dados pela CEE são importantes para deixar claro que o apoio sírio ao terrorismo internacional é inaceitável", disse o porta-voz oficial, Larry Speakes. Os Estados Unidos retiraram o seu embaixador de Damasco logo depois da ruptura de relações por parte da Grã-Bretanha.

### A posição síria

Desde o primeiro momento, tanto o embaixador sírio em Londres, Loutuf Haydar, como o próprio acusado do aten-

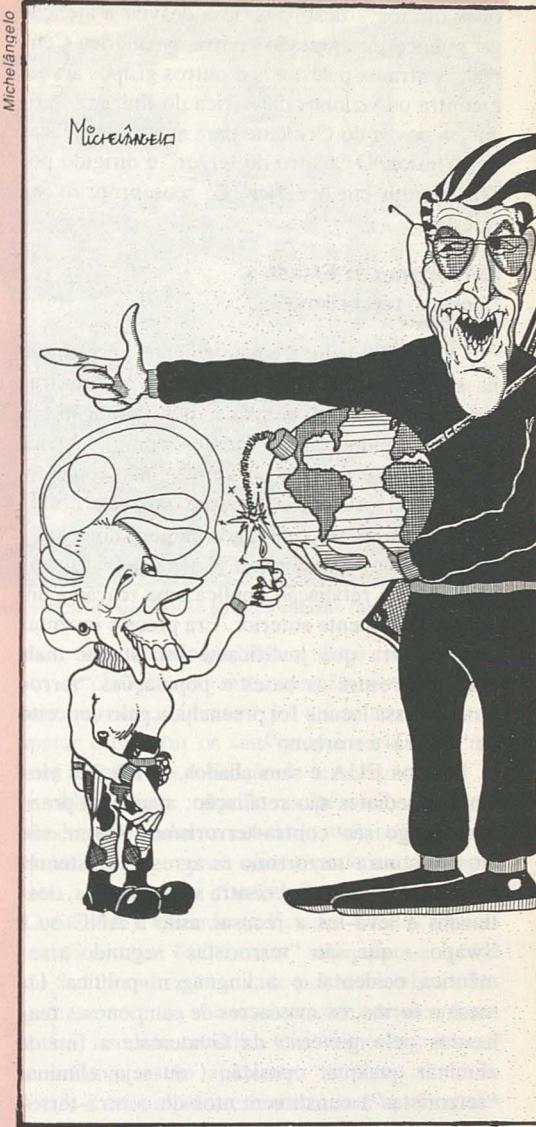
tado frustrado, Nezar Hindawi, negaram a participação de Damasco. Hindawi admitiu ter estado na Síria, mas segundo afirmou havia sido recrutado por traficantes para levar drogas de Londres para Telavive, no valor de 250 mil dólares. "Por isso pensei que a valise que me entregaram estivesse cheia de drogas", alegou, referindo-se à valise com explosivos que foi encontrada pelas autoridades britânicas. Segundo Hindawi, ele foi vítima de um plano bem articulado do serviço secreto israelense.

No mesmo dia em que a CEE adotava as sanções contra a Síria, o diário *As Safir*, de Beirute, afirmou que o pai de Hindawi está detido na Jordânia, onde teria sido condenado à morte por ser um espião de Israel. O diário afirma, também, que investigações de "serviços secretos de vários países árabes levaram à conclusão de que Nezar também trabalha para o Mossad".

O governo sírio acusou a Grã-Bretanha de haver adotado uma atitude "antiárabe, racista e imperialista, visando a criar condições para uma nova agressão de Israel aos povos árabes". E respondeu ordenando a saída dos diplomatas britânicos de Damasco e fechando o espaço aéreo sírio e os portos do país a todos os aviões e navios britânicos. A agência soviética Tass, por seu lado, afirmou que os motivos alegados por Londres para romper relações com a Síria "foram forjados" e que uma atitude como esta constitui "uma provocação".

Nos círculos diplomáticos do Terceiro Mundo não deixou de chamar a atenção o fato de que o caso Hindawi tenha sido tão propagandeado e usado pelos britânicos e os norte-americanos num momento em que começavam a se tornar públicas as primeiras informações do caso da venda de armas ao Irã por parte dos Estados Uni-

Michelangelo



dos. Considera-se que a acusação de terrorista ao governo sírio por parte de Londres e Washington – justamente eles – tenha sido uma tentativa de cobrir com uma cortina de fumaça o verdadeiro problema que começava a afetá-los e cujas consequências não podiam ser previstas na sua totalidade: o caso iraniano.

cados ao largo da costa líbia e os recentes ataques diretos – destinava-se a desviar a atenção do público da agressão contra a América Central, contra os palestinos e outros grupos árabes e contra os vizinhos da África do Sul, e mobilizar os povos do Ocidente para aventuras bélicas no exterior. O “teatro do terror” é dirigido por Washington em benefício de seus próprios interesses.

### Terrorismo de Estado e “contra-terrorismo”

Outro conceito frequentemente encontrado na semântica ocidental do terror é o “contra-terrorismo”. Uma vez que, por definição, os Estados Unidos e seus clientes, como a África do Sul, El Salvador e Guatemala, não cometem atos de terrorismo, os ataques por eles desfechados contra seus inimigos exigem nomes diferentes. Um deles, como já vimos, é “retaliação”. Mas a retaliação implica uma reação a um ato imediatamente anterior. Era preciso inventar uma palavra que justificasse um ataque mais contínuo contra as bases e populações “terroristas”. Essa lacuna foi preenchida pelo conceito de “contra-terrorismo”.

Para os EUA e seus aliados, as reações violentas imediatas são retaliação; ataques a prazo mais longo são contra-terrorismo. Assim, são atos de contra-terrorismo as agressões sistemáticas da África do Sul contra seus vizinhos, destinadas a levá-los a recusar asilo à ANC ou à Swapo – que são “terroristas” segundo a semântica ocidental e a linguagem política. Da mesma forma, os massacres de campesinos realizados pelo governo da Guatemala a fim de eliminar qualquer oposição (ou seja, eliminar “terroristas”) constituem atos de contra-terrorismo<sup>2</sup>. Em suma, o que na semântica ocidental é chamado de “contra-terrorismo” é, na realidade, uma forma disfarçada de terrorismo de Estado (ou terrorismo por atacado).

### O “terrorismo internacional” e seus patrocinadores

Finalmente, havia necessidade de um ajuste semântico para que o establishment ocidental pudesse denegrir, com o pincel do “terrorismo”,

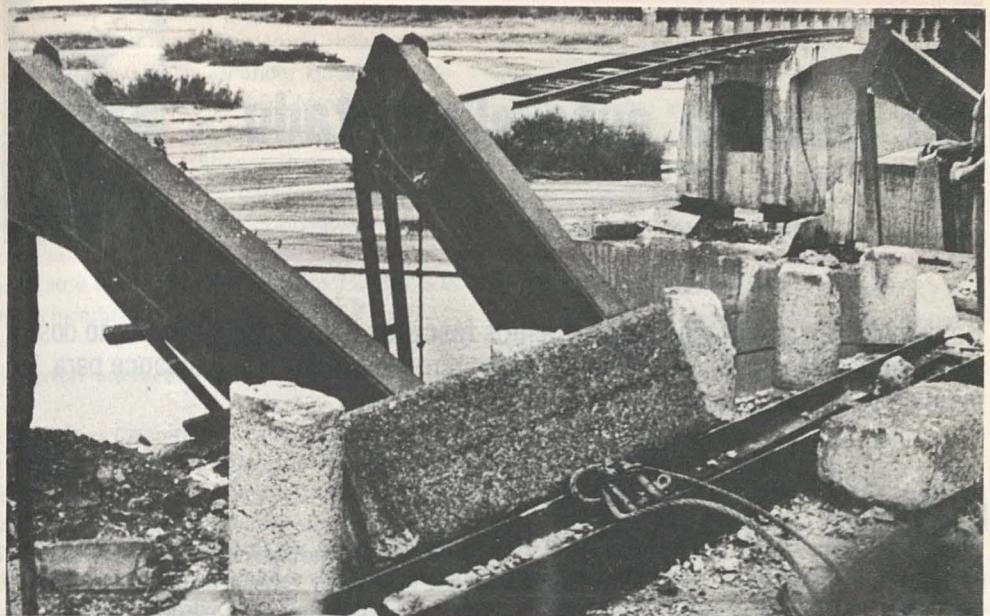
a imagem de certos países caídos em desgraça. Esse ajuste foi feito com a ajuda do conceito de “terrorista internacional”, um indivíduo que sai do seu país para matar ou mata com a ajuda de uma potência estrangeira. Na semântica ocidental do terrorismo, um governo cujos agentes cruzam fronteiras para matar não está praticando “terrorismo internacional” nem ajudando um outro país que sistematicamente recorre à violência em apoio do terrorismo internacional.

Assim, quando os Estados Unidos ajudam Pinochet e Botha, não estão apoiando o terrorismo internacional. Por outro lado, qualquer ajuda à ANC ou a qualquer outro grupo de oposição a um governo constitui automaticamente ajuda a terroristas internacionais. Isto é extremamente útil para Botha, Pinochet e Reagan. Mediante esse sistema de definições, a ajuda prestada pela Nicarágua aos rebeldes de El Salvador transforma esses rebeldes em terroristas internacionais e a Nicarágua em “Estado terrorista”. Qualquer ataque desfechado contra ambos é “contra-terrorismo”. Por sua vez, a ajuda norte-americana ao governo de El Salvador fica isenta dessa qualificação, embora tenham sido as matanças em massa praticadas pelos regimes salvadorenhos apoiados pelos Estados Unidos que literalmente forçaram a criação de movimentos guerrilheiros no início da década de 80.

Para as nações do Ocidente que geralmente procuram apoiar regimes existentes contra ataques vindos de baixo, é extremamente conveniente um sistema de definições que chama de ajuda a terroristas qualquer auxílio prestado a grupos rebeldes ou movimentos de libertação, mas isenta dessa qualificação a ajuda prestada aos governos que os mesmos pretendem derrubar.

Naturalmente, surge um problema quando é o próprio Ocidente que dá apoio a movimentos rebeldes e supostos guerrilheiros, como no caso dos “contras” da Nicarágua e de Savimbi em Angola. Se os Estados Unidos organizam e apóiam os “contras” e se a África do Sul (juntamente com os EUA) faz o mesmo com Sa-

<sup>2</sup> Em 1985, o governo Reagan solicitou cinco milhões de dólares para a polícia da Guatemala e assistência à segurança daquele país, como parte do que chamou de pacote “contra-terrorista”.



A/W

Uma ponte em Moçambique destruída num ataque sul-africano: quem são os verdadeiros terroristas?

vimbi em Angola, a aplicação pura e simples das próprias definições distorcidas do Ocidente manda dizer que os Estados Unidos e a África do Sul são "Estados terroristas".

O que fazer agora? A resposta, mais uma vez, é que são os poderosos que definem o que é terrorismo: o que os EUA e seus aliados fazem não pode ser terrorismo, de modo que qualquer definição incomparável – ainda que parte deles próprios – deve ser temporariamente abandonada e dar lugar a exceções especiais.

#### O sistema da semântica do terrorismo

Em resumo, o sistema ocidental de definições leva às seguintes consequências: quando a União Soviética presta ajuda à OLP, está apoiando o terrorismo e é um Estado terrorista, uma vez que a OLP recorre à força para enfrentar Israel. Esse tipo de intimidação é terrorismo. Quando os Estados Unidos ajudam Israel, que invade o Líbano, pune coletivamente os árabes da Cisjordânia e bombardeia Túnis e outros "redutos" da OLP, isso não constitui apoio ao terrorismo, uma vez que Israel está apenas "retaliando" ou praticando o "antiterrorismo", como também o fazem os Estados Unidos. Quando os EUA aju-

dam o governador salvadorenho a matar milhares de civis anualmente, isto não constitui apoio ao terrorismo, uma vez que o fato de um Estado matar e torturar os seus próprios cidadãos não está incluído na definição de terrorismo.

Além disso, quando as pessoas que estão sendo chacinadas se rebelam, tornam-se "terroristas" e o governo aliado pode matá-las por uma questão de "antiterrorismo" (como na Guatemala). Quando os Estados Unidos organizam e ajudam os "contras" ou apóiam a África do Sul quando esta invade países vizinhos e organiza exércitos subversivos além de suas fronteiras, isso não constitui terrorismo, seja porque as vítimas estão ajudando "terroristas" (e os EUA e seus aliados estão novamente engajados em "contra-terrorismo"), seja em decorrência de uma isenção especial em favor dos que são especialmente virtuosos – os quais, por sinal, são os que têm mais armas e mais dinheiro. •

**Edward S. Herman\***

Covert Action

\* Edward S. Herman é professor de finanças da Wharton School da Universidade da Pensilvânia, e autor de vários livros e artigos sobre a política externa dos Estados Unidos. Seu último livro, escrito em parceria com Frank Brodhead, é *The Rise and Fall of the Bulgarian Connection* (New York: Sheridan Square Publications, 1986).

# Um sistema auto-alimentado



Da promoção e reabilitação dos elementos fascistas derrotados à promoção dos "esquadrões da morte", os Estados Unidos têm feito tudo ao seu alcance para defender o "Mundo Livre"

**O**s Estados Unidos vêm promovendo e ajudando as forças do terrorismo de Estado em todo o mundo através da proteção e reabilitação de elementos fascistas derrotados na Segunda Guerra Mundial, invasões diretas ou indiretas de certos territórios a fim de instalar ou proteger seus "clientes", emprego de métodos de subversão para derrubar governos que não lhes são simpáticos (embora muitas vezes sejam democráticos) e fornecimento de meios de repressão através de ajuda financeira, treinamento e suprimento de armas a forças de segurança e ditaduras militares. De todos estes, o método mais importante tem sido as invasões, mas trata-se de um expediente relativamente conhecido e óbvio). Vejamos os

outros três:

*Reabilitação de fascistas* – Durante e imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos estavam encarniçadamente engajados em organizar forças para enfrentar a esquerda. Um dos aspectos centrais desse processo foi a proteção e reintegração de fascistas. Houve alguns julgamentos ostensivos em Nuremberg e outras cidades, e alguns dos principais chefes foram executados, mas ao mesmo tempo muitos fascistas foram protegidos e colocados a serviço da "guerra fria". Em sua maioria, não eram cientistas nem portadores de conhecimentos preciosos ou raros – eram principalmente burocratas e integrantes do exército e do serviço secreto, muitos deles autores de homicídios em massa.

Isso aconteceu em todo o mundo: na Tailândia, por influência norte-americana, permitiu-se que uma ditadura militar assumisse o poder sob a chefia de Phibun Songkram que, nas palavras de um ex-analista da CIA, foi "o primeiro ditador simpatizante do Eixo a recuperar o poder após a guerra". Na Grécia, as forças pró-nazistas de antes da guerra foram gradualmente promovidas e instaladas no poder pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, os quais depois consolidaram esse poder através de uma impiedosa guerra contra-revolucionária.

Hoje, está comprovada a proteção em larga escala de nazistas, ativistas e assassinos fascistas, embora os detalhes não tenham sido divulgados.



Nuremberg: muitos fascistas foram reabilitados

gados entre a opinião pública ocidental. Essa proteção incluía a falsificação de inúmeros documentos e o ato de esconder ou afastar elementos fascistas da circulação. Muitos altos oficiais do exército nazista foram depois reencontrados na América Latina e tiveram papel importante na criação dos Estados de Segurança Nacional. Outros tiveram permissão para fugir à Espanha ou Portugal, dois países que tinham a proteção e a amizade dos Estados Unidos e de outros membros do "Mundo Livre".

### Enfrentar ameaças radicais

De várias maneiras, a desnazificação nominal e a proteção e reabilitação geral de elementos fascistas forneceram a base estrutural para o terrorismo de Estado. Em casos como os da Tailândia e da Grécia, o terror foi utilizado imediatamente como instrumento pelos fascistas reinstalados no poder. Em outros países, na Europa Ocidental, os elementos fascistas foram colocados dentro da estrutura da Otan para que pudessem reassumir o seu papel tradicional, caso a esquerda se mostrasse suficientemente forte para chegar ao poder. A Grécia de 1967 e o Chile de 1973 foram exemplos de como os Estados terroristas podiam ser rapidamente criados sob os auspícios dos Estados Unidos para enfrentar ameaças liberais ou radicais.

Os elementos fascistas reabilitados também têm servido como fonte ou exército de reserva de agentes contra-revolucionários a serem utilizados tanto na Europa como no Terceiro Mundo. Atuaram como líderes e soldados em guerras coloniais (Angola, Argélia, Zimbábue, Vietnã), na estruturação de redes de terroristas fascistas na América Latina e na organização do terrorismo na própria Europa. Grande parte do terrorismo de que a Itália tem sido palco se deve a elementos neofascistas que foram buscar inspiração e apoio na P-2 e nos serviços secretos mais intimamente ligados à CIA e à Otan.

**Subversão** – Outro importante mecanismo de apoio norte-americano ao terrorismo de Estado tem sido a subversão. Empregamos esse termo para definir ações executadas com a finalidade de desacreditar e desestabilizar governos ad-

versários, inclusive o uso da desinformação, pressão econômica e hostilização, manipulação das estruturas institucionais do país-vítima mediante suborno e uso discriminatório da ajuda internacional, e o incentivo e apoio estendidos a conspirações e golpes. Os Estados Unidos são tão poderosos que esses métodos passam quase despercebidos, mesmo quando empregados contra os seus maiores aliados, muitos deles países virtualmente ocupados – econômica e militarmente –, nos quais grande número de cidadãos servem aos interesses dessa grande potência estrangeira.

Por ocasião da derrubada de um governo eleito no Brasil, em 1964, por exemplo, os Estados Unidos tinham subornado centenas de políticos locais, num escândalo tão grande que for-

Jorge Arbach



cou a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar o assunto; comprado inúmeros jornalistas, subsidiado jornais e revistas e, durante 90 dias antes das eleições, alugado a página de editoriais de um jornal do Rio de Janeiro; financiado grupos brasileiros que produziram um dilúvio de livros e panfletos cheios de ideologia conservadora e de desinformação.

Uma firma norte-americana, a Time Inc., controlava ilegalmente a maior estação de televisão do Brasil e divulgava propaganda em favor do golpe. O Instituto Norte-Americano de Desenvolvimento de Trabalhadores Livres (INFLD), financiado pelo governo dos Estados

Unidos, atuava no sentido de despolitzar e enfaquecer o movimento sindical brasileiro, e apoiou ativamente o golpe de 1964. Autoridades norte-americanas estimularam os militares brasileiros no sentido de derrubarem o governo constitucional, sendo que os Estados Unidos chegaram a enviar navios às costas brasileiras como apoio moral aos cabeças do golpe.

A disseminação de propaganda e desinformação por parte dos Estados Unidos, com a finalidade de desestabilizar o país e a conspiração para derrubar governos legítimos são práticas ainda mais difundidas em Estados-clientes menores. O Brasil é um bom exemplo porque é o Estado mais poderoso da América Latina – e nem por isso os Estados Unidos deixaram de manipular e subverter as suas instituições, seus políticos e líderes militares, sem escrúpulos de qualquer natureza.

A subversão norte-americana acarreta frequentemente o uso de dinheiro para comprar pessoas. O dinheiro é oferecido muitas vezes sob a forma de empréstimos ou presentes destinados a premiar "amigos" e permitir que estes comprem os seus amigos a fim de obter apoio dentro do país. A forma mais notável de subversão através da compra de pessoas é, sem dúvida, o emprego da AFL-CIO, através da AIFLD, como instrumento para o suborno de líderes trabalhistas em países-clientes.

Desembolsando vultosas somas, a AIFLD conseguiu aliciar centenas de líderes trabalhistas no Terceiro Mundo, induzindo-os a se limitarem ao sindicalismo do tipo "feijão-com-arroz" e evitar a política (especialmente a política de esquerda), afastando-se de pessoas politizadas. A AIFLD tem frequentemente ajudado a instalar regimes anticomunistas e repressivos, os quais atendem aos interesses das transnacionais e da política externa dos Estados Unidos, mas que se mostram violentamente anti-sindicalistas.

*Fornecimento de meios repressivos* – Outro importante mecanismo de apoio norte-americano ao terrorismo de Estado tem sido a estruturação, o financiamento, o fornecimento de armas e o treinamento de elementos da polícia, dos serviços secretos e das forças armadas do Terceiro Mundo. Trata-se, na verdade, de uma

forma primária de subversão, na qual se faz uma tentativa deliberada de suborno e "lavagem cerebral" dos principais grupos armados de sociedades dependentes dos Estados Unidos a fim de transformá-los em servidores *de facto* de uma potência estrangeira.

Isso vem sendo feito com finalidade claramente subversiva: aumentar o poderio das forças armadas, manipulá-las ideologicamente de modo a persuadi-las a servir como forças anticomunistas e antipopulistas, e treiná-las em técnicas de contra-insurreição (CI) que possam servir aos objetivos dos Estados Unidos. Embora essa política tenha importantes antecedentes, passou a ser mais empregada após a vitória de Fidel Castro em 1959. Prosperou nos anos 60 com o desenvolvimento da doutrina de CI e da noção de CI preventiva. O objetivo é evitar novos Castros e Ho Chi Minhs, instalando no poder forças armadas e políticas anti-radicalis que matem no nascedouro qualquer nova revolução.

De início, a estratégia de CI vinha ligada a um complemento reformista, tipo "corações e mentes" (como a Aliança para o Progresso) mas, por diversos motivos, esse complemento foi invariavelmente relegado a segundo plano em favor da CI.

Um dos motivos é que a CI é inherentemente reacionária, uma vez que se baseia na tentativa de tirar vantagem de uma força estatal superior, indiferente a considerações de justiça. Emprega a força e a tecnologia avançada em áreas tais como equipamentos para interrogatório e aplica-as contra massas pobres e revoltadas. Uma vez que as raças "superiores" procuram submeter as "inferiores" unicamente à base da força, trata-se de um sistema que traz "embutida" em si uma crueldade cada vez maior.

Um segundo motivo para que o complemento "reformista" seja relegado a segundo plano é que os reformadores são radicais em potencial ou estão dispostos a tolerar a existência de radicais, de modo que se tornam imediatamente suspeitos e, em muitos casos, são assassinados como medida de CI preventiva.

Em terceiro lugar, a doutrina de CI de tendência anti-reformista é resultado da importância capital do anticomunismo na ideologia norte-americana. Para os Estados Unidos, é um

**cadernos do  
terceiro  
mundo**

Ainda é  
tempo de  
presentear os  
amigos.  
"Cadernos" é uma  
boa opção.

**Seus amigos merecem  
começar o ano com  
uma visão correta do mundo.  
Dê a eles uma assinatura de  
"cadernos".**

Promoção  
de  
Ano Novo  
com vários  
brindes.



N.º DE ASSINATURAS	VALOR EM CZ\$	BRINDES
5	750,00	1 Guia do Terceiro Mundo
4	600,00	1 Assinatura de "Cadernos"
3	450,00	1 Disco de "Radamés Gnatalli"
2	300,00	2 Livros de nossa escolha
1	150,00	1 Livro de nossa escolha

**Cupons no Verso**

## CUPONS DA PROMOÇÃO

Preencha os cupons desta página. Junte cheque(s) nominal(is) ou vale postal (ag. central) no valor correspondente aos pedidos e envie em nome da Editora Terceiro Mundo Ltda. Caso deseje fazer somente um pedido individual utilize apenas um cupom, mas não deixe de preencher também o cupom do brinde.

### CUPOM DO BRINDE REMETENTE

De acordo com esta promoção, estou remetendo Cz\$.....  
em ( ) cheque(s) nominal(is) ou ( ) vale postal-ag.central em nome da  
Editora Terceiro Mundo Ltda. A guardo, portanto, o brinde a que tenho  
direito.  
Nome: ..... Endereço: ..... Bairro: ..... Cidade: ..... Tel: .....  
Nome: ..... Endereço: ..... Bairro: ..... Cidade: ..... CEP: ..... Tel: .....  
Nome: ..... Endereço: ..... Bairro: ..... Cidade: ..... CEP: ..... Tel: .....

( ) Desejo 1 assinatura anual de "cadernos"  
( ) Estou presenteando com 1 assinatura de "cadernos" para:  
Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... CEP: ..... Tel: .....  
Estou remetendo, junto com este cupom, ( ) cheque nominal ou  
( ) vale postal-ag. central no valor de Cz\$ 150,00 (já com desconto).

( ) Desejo 1 assinatura anual de "cadernos"  
( ) Estou presenteando com 1 assinatura de "cadernos" para:  
Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... CEP: ..... Tel: .....  
Estou remetendo, junto com este cupom, ( ) cheque nominal ou  
( ) vale postal-ag. central no valor de Cz\$ 150,00 (já com desconto).

( ) Desejo 1 assinatura anual de "cadernos"  
( ) Estou presenteando com 1 assinatura de "cadernos" para:  
Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... CEP: ..... Tel: .....  
Estou remetendo, junto com este cupom, ( ) cheque nominal ou  
( ) vale postal-ag. central no valor de Cz\$ 150,00 (já com desconto).

( ) Desejo 1 assinatura anual de "cadernos"  
( ) Estou presenteando com 1 assinatura de "cadernos" para:  
Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... CEP: ..... Tel: .....  
Estou remetendo, junto com este cupom, ( ) cheque nominal ou  
( ) vale postal-ag. central no valor de Cz\$ 150,00 (já com desconto).

( ) Desejo 1 assinatura anual de "cadernos"  
( ) Estou presenteando com 1 assinatura de "cadernos" para:  
Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... CEP: ..... Tel: .....  
Estou remetendo, junto com este cupom, ( ) cheque nominal ou  
( ) vale postal-ag. central no valor de Cz\$ 150,00 (já com desconto).

grande risco político oferecer-se ajuda a reformadores que buscam a independência, negociam com Estados radicais ou tomam medidas radicais como a reforma agrária em detrimento dos interesses norte-americanos. "Perder um país para o comunismo" ou até mesmo para um regime radical e/ou independente representa um custo político muito alto. Nenhum mal existe, porém, em apoiar um regime homicida de direita que permanece como membro do "Mundo Livre".

#### Fascistas: um mal menor

Finalmente, as elites militares, econômicas e políticas dos Estados Unidos que estão em contato com e implementam políticas do Terceiro Mundo são também, quase sempre, reacionárias, colocando invariavelmente a submissão aos interesses dos Estados Unidos acima de qualquer outra consideração. Assim, para efeitos práticos, os fascistas representam um mal menor, seja em princípio seja por uma questão de pragmatismo. Os Estados Unidos têm a grande vantagem de possuírem inúmeros cidadãos liberais capazes de falar com grande eloquência sobre as virtudes da liberdade e do reformismo, e de fingir que esses valores são aplicados na política dos Estados Unidos em relação ao Terceiro Mundo, enquanto o seu governo e as forças armadas treinam e instalam no poder gente como Pinochet, Castillo Branco, Massera e Viola, Castillo Armas e Ríos Montt, entre muitos outros.

O treinamento e a consolidação, pelos Estados Unidos, da polícia e das forças armadas de países-clientes têm atingido uma escala e um alcance extraordinários ao longo dos anos. Entre 1950 e 1979, os Estados Unidos transferiram, através dos seus programas de ajuda militar, nada menos que 107,3 bilhões (mil milhões) de dólares em armas e munições para países de sua área de influência.

De 1950 para cá, os Estados Unidos treinaram mais de 500 mil militares de 85 países na Escola das Américas, mantida pelo exército norte-americano no Panamá, e em centenas de outras escolas e bases militares no território norte-americano e no exterior.

Nos termos de vários programas de treinamento de policiais, que começaram em 1954 e terminaram em 1975, mais de 7.500 oficiais de polícia foram sistematicamente treinados em escolas norte-americanas e mais de um milhão de policiais receberam treinamento no exterior.

Os Estados Unidos investiram maciçamente no aperfeiçoamento dos sistemas de comunicações policiais e militares de países-clientes, com ênfase na eficiência do controle de insurreições, protestos e outros distúrbios. Forneceram treinamento para o projeto e fabricação de bombas caseiras e dispositivos utilizados em atentados, os quais foram usados na prática por forças regulares e irregulares dos Estados de Segurança Nacional. Os programas norte-americanos ainda ofereciam treinamento em "métodos de interrogatório", cujas consequências foram terríveis.

#### Consequências do terrorismo de Estado



John Hoagland/Gama  
Escola das Américas: treinamento de oficiais

Na América Latina, entre 1960 e 1968, houve nada menos do que 18 golpes militares. Essa substituição de governos constitucionalmente eleitos por ditaduras militares são o resultado previsível do fortalecimento e da "instrução" de forças armadas latino-americanas. Muitos dos golpes foram liderados por pessoal treinado nos Estados Unidos; a maioria deles teve o pleno apoio norte-americano. O golpe de 1964 no Brasil, por exemplo, foi chefiado pelo chamado

"grupo de Sorbonne" – os militares mais vinculados aos Estados Unidos do ponto de vista de treinamento e de devoção pessoal.

A ajuda norte-americana aumenta na proporção em que declinam as condições para a democracia e para os direitos humanos. À medida que aumentam as violações dos direitos humanos, certos fatores que afetam o "clima de investimentos" – como leis fiscais e repressão contra os trabalhadores – melhoram do ponto de vista das transnacionais. Isso indica uma importante relação de causa e efeito.

As ditaduras militares tendem a melhorar o clima de investimentos, fato mais importante para a comunidade empresarial transnacional e o governo dos Estados Unidos. Os ditadores militares entram num acordo tácito com os líderes do "Mundo Livre": propõem-se a manter o povo quieto e abrir as portas de seus países ao investimento das transnacionais e, de modo geral, comportarem-se como clientes leais. Em troca, serão ajudados e protegidos contra o povo e terão permissão para saquear os cofres públicos.

Foi nessa base de reciprocidade que Ferdinand Marcos, ex-ditador das Filipinas, foi lealmente apoiado pelos Estados Unidos durante mais de uma década. O afastamento dos Estados Unidos em 1986 obviamente nada teve a ver com o antigo padrão de conduta adotado por Marcos. Acontecia apenas que ele simplesmente já não era capaz de manter o povo submisso, o que era parte importante do acordo. Assim, de repente os meios de comunicação norte-americanos passaram a descobrir que ele roubava e não era um bom democrata.

**Tortura** – Segundo a Anistia Internacional, a tortura vem "crescendo como um câncer" nas últimas décadas. O que é pior é que essa forma terrível e desumana de violência tem sido utilizada quase exclusivamente pelo terrorismo estatal. O fato de a tortura ter aumentado dramaticamente como instrumento do terrorismo de Estado, enquanto a preocupação com o "terrorismo" se restringe ao não-estatal comprova que os poderosos definem o terrorismo como lhes convém, independentemente da substância do terror.

Dos 35 países que sistematicamente utiliza-

ram métodos de tortura nos anos 70, 26 (ou 74%) eram clientes dos Estados Unidos. Embora esses números não tenham sido detalhadamente atualizados, o quadro permanece essencialmente o mesmo.

A relação entre o fornecimento de ajuda dos Estados Unidos a determinado país e o uso da tortura por esse país não é mera coincidência. Já vimos que a instalação e o apoio a regimes repressivos servem a uma finalidade muito clara. Como país rico, os Estados Unidos não têm dificuldade em fornecer a seus clientes o que há de melhor e de mais moderno em matéria de métodos e instrumentos de interrogatório. É fato comprovado que os Estados Unidos treinaram e forneceram tecnologia de tortura a governos dentro de sua esfera de influência. Métodos eletrônicos de tortura, muito usados no Vietnã, foram adaptados e vêm sendo fartamente utilizados em outras partes do mundo.

O jornalista norte-americano A.J. Langguth, em seu livro "A face oculta do terror", conta como a CIA informou os militares brasileiros quanto à forma de interrogar prisioneiros mediante a aplicação de choques elétricos em partes sensíveis do corpo humano, sem provocar a morte prematura do prisioneiro.

**Esquadrões da morte** – Na história da política mundial das últimas décadas, a América Latina se destaca pela criação de uma instituição chamada "esquadrão da morte" e pelo recrudescimento do fenômeno dos "desaparecidos". O esquadrão da morte é uma associação secreta de assassinos que sequestra inimigos do Estado para torturá-los e depois matá-los, fazendo-os "desaparecer". Sua função é matar e intimidar, com total independência em relação às forças oficiais do Estado.

De um modo geral, as autoridades norte-americanas aceitam a alegação dos países-clientes de que os esquadrões da morte não têm qualquer relação com o Estado, o que lhes permite justificar a continuação da ajuda ao país que está cometendo os assassinatos. A alegação é ridícula – há provas claras de que os membros dos esquadrões da morte são geralmente elementos das forças oficiais irregulares do Estado e, portanto, estão sob seu controle – mas a aceitação da justificativa pelos Estados Unidos é

uma demonstração do caráter coletivo e cooperativo da relação entre os Estados Unidos e os países que empregam esse tipo de terrorismo.

#### Na esfera de influência dos EUA

Os esquadrões da morte tornaram-se comuns em toda a América Latina nos anos 60 e 70. O esquadrão da morte nicaraguense terminou com a vitória sandinista; na Argentina, Brasil e Uruguai, os esquadrões foram banidos ou reduziram grandemente suas atividades em decorrência do afastamento dos militares que estavam no poder. Mas é importante reconhecer que os esquadrões floresceram dentro da esfera de influência dos Estados Unidos e que a expansão dos mesmos teve íntima correlação com o fornecimento de ajuda e treinamento pelos Estados Unidos.

Na República Dominicana, o esquadrão da morte surgiu imediatamente após a invasão norte-americana e a intensificação do treinamento em 1965-66. No Brasil, surgiu imediatamente após o golpe de 1964, que foi patrocinado pelos Estados Unidos.

Quanto aos "desaparecimentos", constituem um acontecimento de proporções continentais na América Latina. Esse terrível fenômeno provocou a formação de grupos de parentes das vítimas em mais de uma dezena de países latino-americanos, os quais, desde 1981, vêm realizando uma série de Reuniões de Familiares de Desaparecidos a cada ano. (Essas reuniões, por sinal, têm sido quase totalmente ignoradas pela imprensa do "Mundo Livre".)

Calcula-se que o número de pessoas desaparecidas na América Latina de 1960 até o presente ultrapasse a casa dos cem mil (mais de 35 mil só na Guatemala).

#### Os policiais regionais

Uma das finalidades do financiamento de países conservadores e contra-revolucionários e do treinamento das forças de segurança desses países é a criação de "delegados" dos Estados Unidos que possam exercer a função de "policiais regionais". O ex-xá do Irã e o Estado de Israel no Oriente Médio, a África do Sul e a França na África, bem como o Brasil na Améri-



O terrível fenômeno dos "desaparecimentos"

ca Latina, todos têm-se portado como notáveis instrumentos dessa política de nomeação de "delegados".

Alguns abandonaram a função, mas a estratégia continua muito viva e novos candidatos serão mobilizados no futuro, embora os Estados Unidos estejam se preparando para intensificar suas ações secretas "abertas" e lançando ofensivas sob o manto do "contra-terrorismo". Desde o dia em que Reagan assumiu o poder nos Estados Unidos, a violência aumentou acentuadamente nos países "delegados".

No livro "A verdadeira rede do terror", escrito em 1981, afirmei que a política de Reagan não só levaria a um aumento do terrorismo no mundo todo como também que suas políticas interna e externa repressivas e sua recusa em encarar os verdadeiros problemas, provocariam o recrudescimento do terrorismo individual. "Por sua vez, esse natural resultado da cobiça, da falta de visão e da ignorância será utilizado para justificar maior violência estatal, sob o manto do 'contra-terrorismo'. Os ideólogos da direita criam o terrorismo individual para depois matá-lo".

Temos aqui a essência máxima do orwellismo: os que mais aterrorizam usam as pequenas reações de suas vítimas para justificar seus novos excessos. Trata-se de um sistema auto-alimentado que só pode ser combatido se fizermos um corajoso esforço para compreender a realidade, dar nome aos bois e organizar-nos para desafiar a hegemonia dos terroristas que estão no poder.

E.S.H.

## Reagan conquista o seu Watergate

**C**om o escândalo desencadeado pelo descobrimento das negociações secretas da Casa Branca com o governo do Irã, o presidente Ronald Reagan parece ter conquistado o seu próprio "Watergate", mas só a imprensa norte-americana pode mostrar-se surpresa ao reconhecer a falta de princípios com que agem os dirigentes de seu país.

Para a administração Reagan, era uma questão de "princípios" com a qual pressionou reiteradamente os seus aliados ocidentais, o repúdio a qualquer tipo de negociação com grupos terroristas ou com os regimes que supostamente os apóiem, entendendo-se obviamente por "terroristas" os inimigos dos Estados Unidos e seus aliados.

Da mesma forma, Washington já tinha declarado sua "neutralidade" na guerra entre o Irã e o Iraque. Mais sério, porém, que as alegações de princípios e as declarações políticas, supõe-se

ser o respeito que o presidente dos Estados Unidos deve às decisões e às leis do Congresso de seu país. Mais uma vez, tudo isso caiu por terra.

De acordo com as recentes revelações dos jornais *The New York Times* e *Washington Post*, a Casa Branca aprovou um plano secreto no começo de 1985, para negociar a venda de armas ao Irã, em troca da libertação de reféns norte-americanos sequestrados no Líbano.

Como resultado dessas negociações secretas, desenvolvidas durante os últimos 15 meses, o Irã recebeu armas e peças de reposição norte-americanas por um valor estimado em 100 milhões de dólares, enquanto foram libertados no Líbano os reféns Benjamin Weir, Lawrence Jenco e David Jacobsen, que estavam em poder de grupos xiitas seguidores do regime do aiatolá Komeini.

Até os próprios partidários do presidente Reagan reconheceram que a incoerência política da administração republicana foi flagrante. Basta lembrar os argumentos dados por Washington para justificar o bombardeio a Trípoli ou a tentativa de capturar os sequestradores do navio "Achille Lauro", passando por cima da soberania italiana, onde tudo se legitimava na "intransigência" com o terrorismo. Por outro lado, uma lei do Congresso norte-americano proibia expressamente o comércio com o Irã.

### Os "contras" aparecem em cena

Mas as dimensões do *affaire* da troca de armas por reféns com o regime iraniano vem de muito mais longe. Além de ficar comprovada a participação de Israel que, "apenas por razões humanitárias", segundo declarou o ex-primeiro-ministro Shimon Peres no Parlamento, colaborou na intermediação da entrega de armas, também descobriu-se que essa operação era uma peça chave de outro cenário político: o da América Central.

De fato, as primeiras investigações do caso revelaram que a "venda" de armas ao Irã serviu, mediante um sobrepreço do preço final cobrado, para desviar cerca de 30 milhões de dólares com destino aos "contras" nicaraguenses, num período em que a Casa Branca estava





Reuter

O tenente coronel Oliver North: destituída do CSN e qualificado por Reagan como "herói nacional"

formalmente impedida pelo Congresso de prestar esse tipo de ajuda aos ex-somozistas que tentam derrubar o governo sandinista.

Embora a operação tivesse características típicas de uma aventura de James Bond, onde entraram traficantes de armas de diversas nacionalidades, agentes supersecretos e contas bancárias em diferentes continentes, para apagar os vestígios dos doadores do dinheiro, as investigações repercutiram rapidamente na Casa Branca e, mais exatamente, no seu Conselho de Segurança Nacional.

O próprio Ronald Reagan tentou, num primeiro momento, recorrer às suas condições de *showman* para negar perante a opinião pública norte-americana qualquer tipo de participação do seu governo na operação. No entanto, pouco a pouco viu-se obrigado a reconhecer as evidências e, num segundo momento, tratou de evitar maiores consequências, sacrificando alguns dos seus mais imediatos colaboradores.

A Casa Branca anunciou então a renúncia do vice-almirante John Poindexter, assessor do presidente e chefe do Conselho de Segurança Nacional, juntamente com a de um dos seus principais ajudantes, o tenente coronel Oliver

North, que ocupava o cargo de subdiretor para Assuntos Políticos e Militares do conselho.

Chamado de "Rambo" ou *cowboy* nos corredores da Casa Branca, North parece ser o homem chave na relação com os "contras" nicaraguenses. O nome de North tinha aparecido recentemente na imprensa entre os contatos com a CIA e o Conselho de Segurança Nacional, revelados pelo aviador norte-americano Eugene Hasenfus, capturado pelo exército sandinista em território nicaraguense, ao ser derrubado junto com um avião carregado de armas para os anti-sandinistas.

A história não vai terminar por aqui. Novas revelações indicam que estavam envolvidos no caso os mais altos escalões do governo norte-americano. O vice-presidente George Bush e o diretor da CIA, William Casey, foram convocados a prestarem declarações perante os investigadores do caso e o presidente Reagan também poderá ser chamado. Daí não ser exagerado falar de um novo "Watergate".

O episódio é altamente revelador, definitivamente, da moral e dos princípios que norteiam a "luta contra o terrorismo" apregoada pela administração Reagan. •

## Vernon Walters: um Mitridates moderno



O atual embaixador norte-americano perante as Nações Unidas tem uma longa folha de serviços, uns abertos outros sigilosos, que o tornam um dos mais poderosos terroristas de todos os tempos

**N**o ano 120 a.C., o rei Mitridates IV, do Ponto, subiu ao trono aos 11 anos de idade, tornando-se imediatamente alvo de atentados por parte de outros membros da família real. Fugiu para as montanhas e lá passou alguns anos treinando para tornar-se o seu próprio chefe de espionagem, combinando "a astúcia do espião com as ansiedades do despotismo brutal que se encarregava do seu próprio serviço secreto". Enquanto viveu no exílio, "aprendeu 22 línguas e dialetos viajando pela Ásia Menor, disfarçado de empregado em caravanas. Visitou muitas tribos, familiarizando-se com os costumes de cada uma delas e espionando-lhes o poderio militar".

Mitridates voltou ao Ponto e, depois de assassinar a mãe, a irmã (com quem ele tinha casado) e os filhos, passou os 18 anos seguintes a aterrorizar soberanos como Sula, Lúculo e Pompeu. Mesmo para os padrões da época, foi um homem excepcionalmente brutal, responsável pelo massacre de centenas de milhares de pessoas nos quatro cantos do mundo conhecido — "um dos mais terríveis inimigos com que Roma jamais se defrontou".

Com exceção dos problemas de família, há curiosas semelhanças entre as atividades de Mitridates, o Grande, e Vernon Anthony ("Dick") Walters, atual embaixador norte-americano nas Nações Unidas. Uma delas é que Walters é um notório poliglota, fluente em oito línguas e muitos dialetos e que "gosta de entrar num país sem ser anunciado antes de se entrevistar com o chefe de estado, a fim de poder andar de ônibus

e aprender a gíria e o modo de falar do povo". Mais importante, porém, é que Walters, como Mitridates, está ligado a uma infinidade de golpes de estado, guerras e massacres no mundo inteiro. Mas, enquanto seus dotes de linguista recebem grande publicidade, seu notório papel de grão-mestre do terrorismo de Estado e suas décadas de ligações com assassinatos em massa no Irã, no Brasil, na Guatemala, no Chile, na Argentina e, mais recentemente, na Nicarágua, não são mencionados nos relatórios que o Departamento de Estado norte-americano distribui à imprensa nem na enxurrada de encômios que lhe dedicam os principais jornais dos Estados Unidos.

### Antecedentes militares

Vernon Walters sentou praça como soldado raso no exército norte-americano um pouco antes do ataque japonês a Pearl Harbour. Depois que os Estados Unidos declararam guerra ao Eixo, frequentou a escola de infantaria, de onde saiu como 2º tenente em 1942, e o Centro de Treinamento de Espionagem Militar em Camp Richie, Maryland. Em outubro de 1942, "participou da tropa de assalto que desembarcou em Safi, no Marrocos". (Aparentemente, não teve outra experiência de combate a não ser esta.) Depois disso, ensinou "Como interrogar prisioneiros de guerra", em Camp Richie. Mais tarde, treinou pessoal militar brasileiro em Fort Leavenworth, Kansas, onde se tornou amigo assíduo de um jovem oficial chamado Humberto

Castello Branco, o qual, mais de 20 anos depois, iria assumir o poder na sequência do golpe militar que derrubou o presidente João Goulart e instalou um longo regime de infame memória por sua brutalidade e tortura de pessoas da esquerda, especialmente estudantes e sindicalistas. Walters foi ajudante-de-campo do general Mark Clark, na Itália, e, em seguida, até o fim da Segunda Guerra Mundial, oficial de ligação de combate junto à 1ª Divisão de Infantaria brasileira na Itália (morando no mesmo andar em que o seu amigo Catello Branco). Futuramente, ele iria ter ligações importantes em todos os países acima mencionados.

Walters passou mais de 25 anos em sucessivos cargos militares, geralmente como adido militar ou intérprete, e quase sempre sob a égide da Defense Intelligence Agency, precursora da CIA. Esteve no Brasil em 1945, em companhia do secretário de estado George Marshall e do presidente Harry Truman, e compareceu à Conferência Panamericana realizada em Bogotá, Colômbia, em 1947. Foi esse o seu primeiro contato com a revolução e a contra-revolução; os protestos populares contra a conferência foram violentamente reprimidos, deixando um saldo de mais de dois mil mortos. O curioso é que Walters foi condecorado pelos serviços prestados durante esse incidente, o que deu margem a especulações quanto ao seu papel nos acontecimentos.

Nas décadas de 50 e 60, Walters esteve em quase todos os países do mundo, notadamente, como veremos a seguir, no Irã, na Itália, Brasil, França e Vietnã (onde passou apenas um mês em 1967, o que lhe deu experiência suficiente para escrever "Sunset at Saigon"). Passou três anos em negociações secretas com os chineses e, nas palavras do seu biógrafo oficial, "fez Henry Kissinger ir a Paris anonimamente 15 vezes para realizar essas negociações".

Dignas de nota foram as suas promoções militares, considerando-se seu começo de vida como soldado raso. Os acontecimentos no Brasil

José Doval/VAG. O Globo



Walters: golpes e guerras

em 1964 renderam ao coronel Vernon Walters uma promoção a general de brigada; o mês que passou no Vietnã, três anos depois, valeu-lhe mais uma estrela, passando a general de divisão; e ao ser nomeado vice-diretor da Agência Central de Inteligência (CIA), foi promovido a general de exército. Deu baixa do serviço militar em julho de 1976 e passou os anos do governo Carter em grande atividade

como civil. Em seguida, logo que o presidente Reagan assumiu o poder, Walters voltou mais uma vez à cena, dando início a quatro anos de serviço no Departamento de Estado como uma espécie de embaixador geral, até ser nomeado embaixador junto às Nações Unidas.

Antes de examinarmos sua carreira como civil, convém darmos uma olhada nas intensas atividades em que esteve envolvido de 1953 a 1973 – duas décadas marcadas por uma sucessão de golpes de estado.

#### O "trabalho sujo" inicial

Walters confessa, e seus associados o confirmam, que esteve envolvido no golpe de 1953 que derrubou o governo do primeiro-ministro Mohammed Mossadeg, do Irã, e devolveu o poder ao então jovem xá Reza Pahlevi. No começo da década de 60, Vernon Walters era adido militar em Roma, onde conseguiu bloquear a "abertura" do governo Kennedy em relação à esquerda italiana. Presume-se que esteve envolvido na maciça campanha da CIA que rendeu rios de dinheiro ao Partido Democrata Cristão que, sem essa verba, teria travado uma arriscada batalha eleitoral contra o Partido Comunista Italiano. Embora não se saiba se nos anos 60 Walters já conhecia Hugh Montgomery, veterano da CIA, o fato é que hoje os dois trabalham juntos: Montgomery é suplente do representante para Assuntos Políticos Especiais na delegação norte-americana junto à ONU, com o título de embaixador, segundo a atual lista diplomática da organização.

## No Brasil

Em 1962, Walters foi transferido para o Brasil como adido militar. Embora ele teime em dizer que não passou de um “observador bem informado” dos acontecimentos que se seguiram, é óbvio que esteve envolvido até o pescoço na conspiração que culminou no golpe de 1964. Segundo Jan Knippers Black, Walters era o “pivô, o único com o qual todos os oficiais conversavam quando ainda receavam falar uns com os outros”. De fato, era tão bom “observador” que pôde informar Washington, com uma semana de antecedência, quanto ao dia exato em que o golpe seria deflagrado. Além disso, tomou café com Castello Branco na manhã seguinte ao golpe, exortando-o a assumir a presidência, e almoçou com ele no dia seguinte ao da sua posse. Walters jamais reconheceu o caráter consumadamente perverso de Castello Branco nem a monstruosidade dos atos do seu regime. Em sua autobiografia, ele diz: “Jamais vi Castello Branco cometer alguma maldade ou dizer algum palavrão. A integridade moral daquele homem estava acima de qualquer crítica”. E, quanto à instalação da brutal ditadura militar brasileira, ele diz: “Um regime basicamente hostil aos Estados Unidos foi substituído por outro bem mais amigo. Alguns podem achar isso mau. Eu não acho. Estou convencido de que se não tivesse havido a revolução (sic), teria acontecido no Brasil o mesmo que aconteceu em Cuba”.

De fato, vários documentos do governo norte-americano indicam que Walters desempenhou papel crucial, não somente em promover, mas também em executar o golpe. Durante o ano que precedeu o início do golpe de 31 de março de 1964, vários documentos emitidos pela CIA – alguns ainda secretos, outros parcial ou totalmente liberados – descrevem uma meticolosa investigação sobre a atitude dos militares brasileiros em relação ao governo Goulart. Um dos documentos, escrito em maio de 1963, observa que “a oposição a Goulart entre os militares está aumentando”. Em julho, outro documento registra preocupação com “a hesitação dos militares em derrubar um regime constitucional”. Pouco depois, outro documento descre-

ve a “possibilidade de um golpe de direita”. Em todo esse período, a pessoa melhor situada para influenciar os hesitantes líderes militares era o coronel Vernon Walters que, por sinal, foi promovido a general de brigada um ano após o golpe.

Outros documentos liberados são igualmente condenatórios. Descrevem em detalhe um plano norte-americano chamado “Brother Sam”, que não só revela conhecimento prévio do golpe, como também observa a probabilidade de que o mesmo fosse encabeçado por Castello Branco. Caso o golpe encontre alguma dificuldade, acrescenta o documento, a Marinha dos Estados Unidos deverá intervir. Estes são os mesmos documentos que narram o café da manhã de Walters com o seu velho amigo Castello Branco.

## Vice-diretor da Cia

A amizade de Walters com Nixon, consolidada em 1958 quando ele protegeu o então vice-presidente norte-americano das cusparadas e pedradas que lhe foram dirigidas na Venezuela, levou-o a ser designado, em abril de 1972, para o cargo de vice-diretor da CIA, posto em que permaneceu durante a gestão de quatro diretores – Richard Helms, James Schlesinger, William Colby e George Bush. Durante os julgamentos de Watergate, John Dean declarou ter sido informado de que Walters “era um bom amigo da Casa Branca, e que esta o havia feito vice-diretor da CIA a fim de poder exercer certo poder sobre a agência. Walters trabalhou para a CIA de 1972 a 1976, período muito fecundo na história da agência, que abrangeu desde Watergate até a derrubada de Allende no Chile, as audiências do Comitê da Igreja, a intervenção em Angola e o planejamento do assassinato de Orlando Letelier. A atuação de Vernon Walters foi muito importante durante esse período.

## O mito de Watergate

Parte da mitologia criada em torno da figura de Walters teria sido sua recusa – supostamente firme, moral e indignada – de participar de alguma forma do acobertamento daquilo que veio

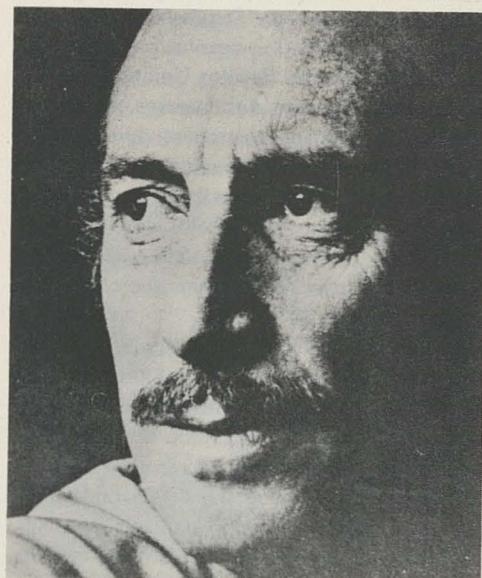
a ser conhecido como o escândalo de Watergate. Com efeito, em sua autobiografia, Walters se apresenta como incorruptível: "Olhei bem nos olhos (de John Dean) e disse-lhe: 'Ponha na rua todos os que estiveram envolvidos nessa história". A verdade, porém, é que quando Bob Haldeman, assessor de Nixon, pediu a Walters pela primeira vez que advertisse (falsamente) ao FBI que uma investigação rigorosa de Watergate iria prejudicar certas operações em andamento na CIA, Walters não hesitou em atendê-lo. Em questão de minutos depois de ouvir Haldeman, Vernon Walters foi procurar Patrick Gray, diretor do FBI. Vários dias depois, Walters continuava procurando ganhar tempo, dizendo a John Dean que o então diretor da CIA, Richard Helms, queria manter-se a si próprio e à agência o mais longe possível daquele escândalo. O que todos queriam não era denunciar o governo por seu profundo envolvimento no caso, e sim evitar que a CIA se envolvesse ainda mais. De fato, apesar de toda a sua pose de homem idôneo, Walters jamais negou a falsa advertência que fez a Gray. Em conivência com Dean, foi ele quem elaborou as várias versões a serem apresentadas à opinião pública norte-americana.

Duas semanas depois de ter-se envolvido tão voluntariamente, Walters percebeu que não poderia retardar por muito mais tempo a investigação do caso pelo FBI. Quando Gray, que também procurava se proteger, indagou a Walters se ele podia fornecer-lhe por escrito o pedido da CIA, Walters respondeu que não podia assinar uma carta "espúria". Aliviado, Gray compreendeu então que poderia deixar prosseguir a investigação, que a essa altura já ninguém poderia mais deter.

Walters não queria ser apanhado na situação de voluntário acobertador de crimes, principalmente levando em conta que, daquela vez, tanta gente iria ficar sabendo. Ainda assim, levou um ano para informar o Departamento de Justiça que estava a par dos esforços da Casa Branca para fazer com que a CIA detivesse a investigação do FBI. No decorrer desse ano, foi condecorado pela CIA por ter tão diligentemente livrado a Agência do mar de lama de Watergate.

No entanto, como observa Jeff Stein, "a

versão dada ao assunto pelo próprio Walters leva o leitor a pensar que ele agiu como um ingênuo iludido. 'Naquela altura, fazia apenas seis semanas que eu tinha chegado a Washington e simplesmente não me ocorreu que o chefe do gabinete da Presidência poderia estar me pedindo para fazer algo que era errado ou ilegal'. Mas, àquela altura de sua carreira, Walters tinha uma experiência de mais de 30 anos em várias operações de espionagem". De fato, aquele seu ano de silêncio fala mais alto do que a defesa que ele procura fazer em sua autobiografia.



Assassinato de Letelier (foto): Walters rondando

#### Chile, Allende e Letelier

Uma das mais controvertidas séries de acusações contra Walters têm a ver com as suas ligações com a oposição fascista no Chile na época de Salvador Allende, com a derrubada deste último e com o assassinato do ex-ministro da Defesa chileno, Orlando Letelier.

Quando vice-diretor da CIA, Walters era encarregado da íntima ligação entre a CIA e os serviços secretos chilenos, os quais cooperaram em muito para derrubar o governo de Allende – no que, aliás, foram consideravelmente ajudados pelos amigos que Walters mantinha no serviço secreto brasileiro.

Mas a alegação mais controversa é a de que

Walters foi cúmplice do assassinato de Letelier. Em julho de 1976, a polícia paraguaia mantinha preso um suposto informante da CIA, o que poderia causar um grande embaraço aos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, Conrado Pappalardo, assistente do presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner, vinha pressionando o embaixador norte-americano, George Landau, no sentido de atender um pedido feito pelo ditador chileno Augusto Pinochet a Stroessner.

Pinochet queria que dois agentes chilenos viajassem aos Estados Unidos com passaportes paraguaios falsos, o que Stroessner havia aprovado, mas agora os dois agentes precisavam de vistos de entrada nos Estados Unidos e estavam no Paraguai à espera dos mesmos. Quando o embaixador Landau mostrou-se apreensivo e observou que se tratava de um pedido um tanto fora do comum, Pappalardo lhe disse que não se preocupasse, que o vice-diretor da CIA, Vernon Walters, estava a par de tudo e que os dois homens iriam procurá-lo assim que chegassem aos Estados Unidos.

Landau não conseguiu comunicar-se com Walters, que estava de férias na Flórida na ocasião; e, após muita luta de consciência, concedeu os vistos de entrada. Mas tomou certas precauções: fez uma fotocópia dos passaportes antes de devolvê-los e enviou um detalhado memorando ao Departamento de Estado e à CIA. Supunha ele que a emissão dos vistos de entrada tinha a ver com algum acordo entre a CIA e o Paraguai para a libertação do agente detido.

No dia 4 de agosto, porém, Landau recebeu um telegrama em que Walters dava a entender que nada sabia a respeito, que não planejava receber os chilenos e sugeria que Landau se entendesse melhor com o Departamento de Estado. Landau avisou os paraguaios que os vistos de entrada deveriam ser considerados anulados e exigiu a devolução dos passaportes. Pouco depois, Walters viajou para o Paraguai, numa missão abertamente relacionada com o agente capturado.

Apesar de reiterados pedidos, Landau só recebeu os passaportes no dia 29 de outubro — sem as fotografias dos respectivos portadores. Mais tarde, porém, por ter feito uma cópia dos passaportes, Landau veio a saber que um dos

dois “chilenos” era Michael Vernon Townley, um dos homens que instalou a bomba que matou Letelier no dia 21 de setembro de 1976 — enquanto ele, Landau, ainda aguardava a devolução dos passaportes.

É quase impossível acreditar, à base dos estudos que foram publicados e dos depoimentos prestados em vários julgamentos e audiências parlamentares, que Vernon Walters não soubesse de antemão que a polícia secreta chilena estava planejando uma operação importante nos Estados Unidos em julho e agosto de 1976; apesar de tudo, porém, não se encontrou qualquer prova direta de sua culpa. Walters negou veementemente ter tido qualquer ligação ou conhecimento prévio do assassinato de Letelier, embora tenha confessado ter-se encontrado muitas vezes com o coronel Contreras durante a sua gestão como vice-diretor da CIA.

#### A “vida privada” de Walters (1976-1981)

Quaisquer que tenham sido os motivos pelos quais ele se desligou do governo Ford muito antes das eleições, Walters passou os anos do governo Carter em íntimo contato com os amigos que havia feito nas duas décadas anteriores. Em 1980, por exemplo, Walters ganhou quase meio milhão de dólares, dos quais 300 mil correspondiam a honorários pagos por aquela que talvez seja a firma de nome mais ambíguo dos Estados Unidos, a Environmental Energy Systems, Inc. (Sistemas de Energia Ambiental), de Alexandria, Virginia, que não é outra coisa senão uma grande vendedora de armas.

O dinheiro correspondia a honorários de consultoria prestada (inutilmente, ao que parece) no sentido de ajudar a firma a vender tanques ao rei do Marrocos. Como declarou o presidente da empresa ao *New York Times*: “Recorremos (a Walters) porque era ele quem tinha as ligações, ele conhecia o rei do Marrocos”. Realmente, Walters tinha tirado proveito do seu relacionamento de vários anos com o rei Hassan II, que datava desde 1942, quando ele proporcionou ao então príncipe herdeiro, com 13 anos de idade na época, um passeio no seu tanque do exército.

Durante esse período, o trabalho de Walters junto ao Marrocos assumiu um caráter ainda mais nefasto. Ele era (e provavelmente ainda é) sócio importante de uma organização chamada Morocco Travel Advisers, com sede na Virgínia. Numa carta dirigida ao Senado norte-americano, juntamente com o seu depoimento de 1 de abril de 1981, ele dizia que a firma "oferece tournées no Marrocos a agências de turismo norte-americanas, por conta dessas últimas". Mas acrescentava que a firma se dedicava ao "desenvolvimento do turismo no extremo sul do Marrocos e na zona em litígio". Acontece que o "extremo sul do Marrocos" é aquela parte do Saara Ocidental "doada" ao Marrocos pela Espanha, quando esta abandonou sua colônia, conhecida como Marrocos Espanhol, e a "zona em litígio" é a parte que a Espanha doou à Mauritânia e que foi abandonada por essa última e reclamada pelo Marrocos. Ambas as partes, porém, constituem a República Árabe Saaraui Democrática (Rasd), cujo povo, chefiado pela Frente Polisario, luta por sua independência há muitos anos. Por sinal, foi o próprio Walters, como vice-diretor da CIA, que persuadiu a Espanha a entregar a sua colônia ao Marrocos e à Mauritânia.

Se "Energia Ambiental" significa equipamento militar, podemos fazer uma idéia do que significa "turismo" para Walters. Parece ser um tipo de turismo dirigido diretamente contra a Frente Polisario e o povo saaraui.

#### Os vínculos de Walters com a Guatemala

Durante o governo Reagan, Vernon Walters chegou a ser talvez o mais eminente apologeta da brutal ditadura militar do general Romeo Lucas García, da Guatemala. Visitou Lucas García três vezes e, numa entrevista concedida à imprensa na Cidade da Guatemala em maio de 1981, declarou que os Estados Unidos desejavam ajudar Lucas García a defender "a paz e a liberdade". Quando lhe indagaram a respeito das violações de direitos humanos na Guatemala, Walters disse: "Haverá problemas de direitos humanos no ano 3000 entre os governos de Marte e da Lua. Há certos problemas que não são resolvidos nunca". Um mês depois, os Esta-

dos Unidos voltavam a fornecer significativa ajuda à Guatemala.

Os vínculos de Walters com a Guatemala e seus líderes assassinos datam do interlúdio "civil" de sua vida, em fins da década de 70. Um dos clientes que ele enumerou em seu depoimento perante o Senado norte-americano era a Basic Research International S/A, "um cartel internacional do petróleo que andava examinando os campos da Guatemala".

A Basic Research pagava a Walters mil dólares por dia por seus serviços de "consultoria", destinados a persuadir o governo guatemalteco a aumentar suas cotas de produção de petróleo. A firma já foi acusada de emitir estimativas exageradas das reservas petrolíferas da Guatemala, estimativas essas que foram posteriormente usadas pelo Departamento de Estado



Guerrilheiros da Frente Polisario

para justificar o prosseguimento da ajuda ao truculento regime de García. Aliás, consta que Walters continuou a representar a Basic Research extra-oficialmente, mesmo quando esteve oficialmente na Guatemala em maio de 1981 para a visita acima mencionada.

Até hoje Walters continua atuando em favor do regime da Guatemala. Em 1985, ele disse a um entrevistador que a política de "diplomacia silenciosa" do governo norte-americano realmente funciona, pois os militares guatemaltecos "não estão mais matando tanta gente como antes". Nem mesmo esse ambíguo louvor era verdadeiro: quase todos os relatórios indicavam que o governo guatemalteco continuava, na época, a ser um dos maiores violadores dos direitos humanos na América Latina.

Walters foi nomeado assessor sênior do então secretário de Estado Alexander Haig em 1 de abril de 1981, apenas dois meses depois da posse de Reagan. No dia 22 de julho do mesmo ano, confirmada sua nomeação pelo Senado, ele prestou juramento como embaixador geral. Uma das primeiras coisas que fez foi envolver-se profundamente na guerra travada pelo governo Reagan contra a Nicarágua. Em 1981 e 1982, Walters viajou inúmeras vezes à Argentina a fim de providenciar o treinamento de "contras" pelo regime militar daquele país e a efetuação, através das autoridades militares da ditadura argentina, de vários pagamentos secretos aos líderes dos "contras", especialmente antes da aprovação final dos planos originais da CIA.

O que há de irônico em tudo isso é que o governo argentino não foi devidamente recompensado pela ajuda clandestina que prestou a Walters em apoio à política de Reagan para a Nicarágua. Disse o *New York Times*, com uma franqueza fora do comum: "Entre dezenas de recentes missões pelo mundo afora, o sr. Walters teve de ir à Argentina seis vezes, sozinho e às pressas, para cumprir a ingrata tarefa de dizer aos seus amigos da junta militar que, na recém-deflagrada Guerra das Malvinas, Washington teria de ficar do lado da Grã-Bretanha".

Walters teve atuação especial no recrudescimento da brutal guerra travada pelos contra-revolucionários na Nicarágua. Segundo o depoimento de Edgar Chamorro, ex-líder dos "contras", Walters desempenhou papel fundamental na consolidação das forças dos antigos membros da Guarda Nacional de Somoza. "Na época", declarou Chamorro, "os ex-componentes da Guarda Nacional estavam divididos entre vários pequenos bando que operavam ao longo da fronteira entre Nicarágua e Honduras. O maior desses bando, chefiado pelo ex-coronel Enrique Bermúdez, chamava-se Legião 15 de Setembro. Não chegava a ser uma força militar eficaz: representava apenas um pequeno contratempo para o governo nicaraguense. Antes da fusão da UDN com essa gente, o próprio general Walters providenciou para que todos os bando se juntassem à Legião 15 de Setembro, fazendo ainda com que o governo argentino enviasse vários oficiais do exército para servi-

rem de assessores e instrutores... a nova organização passou a chamar-se Fuerza Democrática Nicaraguense (FDN)".

Uma das maiores façanhas de Walters na guerra pessoal que promoveu contra a Nicarágua foi um acordo secreto, negociado com o então presidente da Colômbia, Julio Cesar Turbay Ayala, destinado a instalar uma base militar norte-americana ultra-secreta na ilha colombiana de San Andrés, a apenas 125 milhas do litoral leste da Nicarágua. Equipamentos sofisticados, inclusive radar de rastreamento e baterias antiaéreas, no valor de 50 milhões de dólares, foram instalados em San Andrés e nos arrecifes das vizinhanças.

Outra operação provavelmente devida a Walters no Marrocos foi a utilização daquele país, em 1981, para encontros entre altas autoridades norte-americanas e o traidor angolano Jonas Savimbi. Walters era vice-diretor da CIA por ocasião das operações desta última em Angola em 1975 e 1976, e tinha tentado (sem sucesso) envolver os brasileiros e depois (com sucesso) os franceses na luta contra aquele país. Walters parece estar sempre presente em alguma parte da África; quase todos os anos ele visita, na condição de embaixador geral, uma série de países africanos. Certa vez, Angola foi bombardeada pela África do Sul pouco depois de uma visita sua a Pretória.

#### Sai Kirkpatrick, entra Walters

Em fevereiro de 1985, Walters foi nomeado por Reagan para substituir Jeane Kirkpatrick como embaixador nas Nações Unidas. Embora a maior parte da imprensa continuasse a elogiar Walters, repetindo todas as velhas histórias de guerra, alguns jornais não foram tão bondosos com ele. Claudia Wright, por exemplo, escreveu no *New Statesman*: "A candidatura de Walters para o posto de embaixador na ONU traz consigo uma recomendação fora do comum: direta ou indiretamente, ele esteve envolvido na derrubada de um maior número de governos que qualquer outro funcionário norte-americano ainda atuante". E até mesmo o *U. S. News World Report* assinalou que o Secretário de Estado George Schultz queria Walters no cargo, mas sem

## A capital do terrorismo

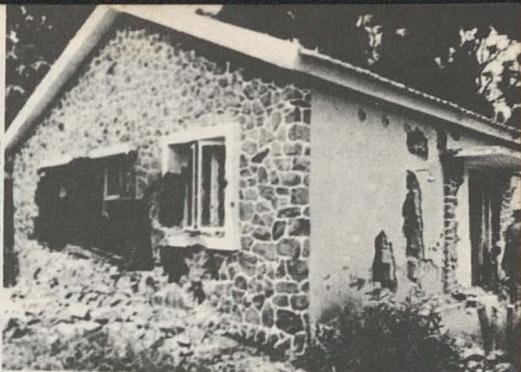
Graças ao franco apoio que lhes é dado pelo presidente Ronald Reagan, que os chama de "combatentes anticomunistas pela liberdade", os grupos contra-revolucionários e terroristas que operam em diversas regiões do mundo converteram Washington em seu mais importante centro para a realização de encontros e o desenvolvimento de campanhas publicitárias, frente ao Congresso e à opinião pública norte-americana, em apoio a suas atividades.

Uma demonstração do clima cordial existente entre esses grupos e a Casa Branca foi a reunião realizada alguns meses atrás, que alguns setores chamaram de "primeira conferência de cúpula dos rebeldes do mundo", com a participação de líderes contra-revolucionários da Nicarágua, Afeganistão, Angola, Etiópia, Camboja e Laos, onde o secretário de Defesa, Caspar Weinberger, fez um significativo discurso.

Os mercenários e terroristas circulam com total desenvoltura na capital norte-americana, seja como convidados em mesas redondas organizadas por instituições anticomunistas e militaristas norte-americanas (particularmente a Fundação Heritage), ou como participantes em recepções diplomáticas e almoços no Capitólio, quando não são mesmo recebidos na própria residência do presidente Ronald Reagan.

Jonas Savimbi, dirigente da Unita (Angola); Adolfo Calero, Alfonso Robelo e Arturo Cruz, líderes dos "contras" nicaraguenses; representantes dos "mujahedins" afegãos, da Aliança Democrática dos Povos Etíopes, da Frente Nacional de Libertação do Povo Khmer e, mais recentemente, da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), abriram escritórios em Washington para desenvolverem suas atividades de relações públicas e melhor canalizar a ajuda norte-americana.

Carlos Calvão



Atentado contra o ANC em Moçambique

posição oficial no governo, "como forma de indicar o baixo conceito da ONU junto ao governo norte-americano".

Realmente, o menosprezo do papel desempenhado pelas Nações Unidas tem sido uma das marcas da política externa de Reagan. Walters é um firme seguidor da Doutrina Reagan; e para esta, em seu alto desprezo pela lei internacional, seria até melhor que aquela organização mundial não existisse. Certa vez, Walters classificou a ONU como uma "grande decepção" por "não dar atenção suficiente à resolução de conflitos".

### Vernon Walters, chantagista

Com muita frequência, dizem os jornais, Walters tem-se ausentado de seu posto na ONU ultimamente, empolgado que está em viajar pelo mundo em missões mais secretas. Como sempre, suas viagens não são documentadas – e, enquanto isso, continuam a multiplicar-se os incidentes de terrorismo promovidos pelos EUA.

Quando não tem outro recurso, Walters não hesita em recorrer à chantagem pura e simples. O *U. S. News World Report* conta como, durante as audiências sobre o escândalo de Watergate, ele dobrou um senador que lhe poderia ser hostil ameaçando revelar que, quando Walters era adido militar em Paris, o senador lhe pedira que despachasse ilegalmente, através de canais militares, certos artigos de luxo comprados por um grupo de senadores que, na época, andavam excursionando pela Europa às custas dos cofres públicos. Em seu lugar, o próprio Mitridates não teria feito outra coisa. •

E.S.H.

# Novo agente no processo de paz

As vítimas do terremoto se organizam para reconstruir suas vidas e passam a ter peso na decisão do impasse criado em torno da guerra civil

**D**e acordo com dados governamentais, da igreja e da empresa privada, o terremoto que assolou a capital salvadorenha a 10 de outubro passado deixou um saldo de 1.500 mortos, 10 mil feridos, 300 mil desabrigados, 60 mil casas destruídas e cerca de 600 edifícios públicos e privados irrecuperáveis.

De todos os setores, o que sofreu mais perdas foi o da habitação popular. Cerca de 12 bairros situados na periferia da cidade foram afetados em quase 80%. Centenas de casas humildes, na maioria construí-

das com madeira e barro, foram postas abaixo pelo sismo de 7.5 graus na escala Richter.

No campo da saúde cerca de 20 centros, entre clínicas e hospitais nacionais, ficaram seriamente danificados. Especialmente destruídos ficaram o Hospital Central do Seguro Social, o Hospital Benjamín Bloom, único de atendimento pediátrico especializado e a Maternidade Nacional. Também foram igualmente danificadas mais de dez clínicas de atendimento preventivo na periferia da capital. Entre os centros privados afetados se

encontram a Policlínica Salvadorenha, o Centro Ginecológico e outros.

Durante as primeiras horas depois do terremoto, os doentes foram colocados na rua sob tendas improvisadas e os feridos atendidos em centros cirúrgicos de campanha. Uma quantidade considerável de vítimas foi transferida para os hospitais de província.

O administrador da Previdência Social, Jorge Saldanha, explicou que o desastre teve características mais dramáticas do que as ocorridas nesse mesmo setor durante os terre-



O terremoto de outubro passado afetou profundamente a vida social, econômica e política do país

motos do México. No caso de El Salvador, os edifícios não tombaram sobre as suas vítimas, "mas como a infra-estrutura era precária para as necessidades do país, a rede sanitária ficou praticamente destruída e a capacidade de reconstrução não é muita", disse Saldanha.

Para Marta Ayala, assistente social do Hospital Pediátrico, o sismo representa um duro golpe para a possibilidade dos salvadorenhos terem acesso à saúde. Significa um atraso incalculável para a medicina em El Salvador e seus efeitos são imediatos: os doentes estão sendo atendidos nas ruas.

Em 1982 havia um médico para cada 3.200 habitantes e um leito hospitalar para cada 594; com o sismo, esses índices se reduziram drasticamente.

#### Problemas na educação

No setor da educação, os prejuízos não são menos dramáticos. Cerca de 80% das instalações da Universidade Nacional ficaram inutilizadas e as perdas se elevam a 120 milhões de colones (cerca de 60 milhões de dólares no câmbio oficial, quase 100 milhões na cotação do mercado paralelo).

Um relatório do Ministério da Educação assinalou que pelo menos 100 escolas e colégios ficaram destruídos ou danificados. O ano escolar teve que ser suspenso quase um mês antes do seu término normal. Uma dezena de colégios privados de ensino primário e médio ficaram inutilizados.



O desastre significa um enorme atraso à medicina salvadorenha

Os efeitos começarão a se fazer sentir com mais força em fevereiro próximo, quando cerca de 400 mil estudantes iniciam um novo período letivo.

De acordo com as estatísticas, o governo só destina à educação entre 14 e 15% do orçamento nacional, enquanto que 40% são destinados à Defesa.

No que se refere ao comércio, as maiores perdas se registraram no centro da cidade, onde 90% dos imóveis ficaram danificados e os negócios foram paralisados durante cerca de dez dias nas áreas menos atingidas.

Porém, os efeitos mais

dramáticos foram nos mercados públicos, que sofreram severos danos em suas instalações, ocupadas principalmente por pessoas de poucos recursos.

O terremoto não afetou a indústria básica. No entanto, muitas microempresas foram danificadas, como oficinas e pequenas indústrias caseiras, que também serviam de moradia dos seus proprietários.

Todos os edifícios da Administração da Justiça ficaram inutilizados. O Centro de Governo, um moderno complexo administrativo, foi atingido em cerca de 60% e os danos são calculados, segundo cifras do Ministério do Planejamento,

em 300 milhões de dólares.

A embaixada dos Estados Unidos foi afetada seriamente, de acordo com o embaixador Edwin Corr. Segundo o Departamento de Estado norte-americano, será necessário construir um novo complexo que custará 70 milhões de dólares.

O exército não informou sobre danos em suas instalações nem perdas humanas decorrentes do terremoto.

Por sua vez, a igreja católi-

e poucos foram fechados.

Em suma, os maiores danos se registraram nas casas, na rede sanitária, nas escolas e na parte do complexo administrativo governamental.

Se as perdas materiais já são grandes, as humanas são alarmantes pelas sequelas de morte e o trauma dos milhares de desabrigados. Eles agora são o centro da disputa política nesse pequeno país mergulhado num conflito armado que desde 1979 já causou mais de

tra revolucionário "Unidos para Reconstruir", implantado pelo exército salvadorenho, com assessoria e financiamento dos Estados Unidos.

No que diz respeito ao diálogo, a Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN) e a Frente Democrática Revolucionária (FDR) acusaram o governo e o exército de frustrar a reunião programada para meados de setembro último, não desmilitarizando o local do encontro.

O governo, por seu lado, acusou os rebeldes alegando falta de disposição séria para o diálogo e a recusa a depor as armas. Muitos diplomatas da região centro-americana consideram que o fracasso da reunião se deveu às estimativas tanto do exército salvadorenho quanto do governo dos Estados Unidos: eles acham que estão vencendo a guerra. Por esse motivo, a opção militar saí fortalecida.

Outro fator que contribuiu para o desinteresse do governo no diálogo foi a implementação do programa "Unidos para Reconstruir" que acredita que vai ganhar "a mente e o coração" dos salvadorenses por meio da distribuição de alimentos, da expansão do atendimento médico e prestação de serviços, entre outras medidas.

O plano – de caráter político-militar – é semelhante aos implantados pelos Estados Unidos no sudeste asiático e se propõe a isolar a guerrilha da população civil. Os norte-americanos e os militares salvadorenses depositam nele grandes esperanças.



Guillermo Ungo, presidente da FDR, acusa o governo e o exército de frustrar a reunião programada para setembro passado

ca informou que 32 de suas instalações, entre templos, colégios e conventos, ficaram destruídas ou seriamente afetadas.

As instalações de água, energia elétrica e a comunicação telefônica e de telex nacional e internacional ficaram sem funcionar durante os dez dias posteriores ao terremoto. As estradas, ruas e aeroportos apresentaram apenas algumas rachaduras de pouca gravidade

60 mil vítimas.

#### Uma conjuntura difícil

O terremoto não se reduz a um desastre natural porque aconteceu justamente quando a guerra civil entrou em seu sétimo ano e as contradições entre as partes em luta (o governo e a guerrilha) se acirraram com o fracasso do terceiro encontro de diálogo e com a implementação do plano con-

Contudo, não é provável que consigam os seus objetivos: a crescente e insustentável crise econômica aliada ao aumento da participação sindical registrado há dois anos, cuja mobilização está concentrada na capital, criaram um clima de movimentação trabalhista visando ao fim da guerra.

O panorama que antecedeu o terremoto de 10 de outubro poderia ser definido como o de uma intensificação da luta por parte dos rebeldes e do governo para ganhar o respaldo da população.

A FMLN trabalhou no sentido de conseguir maior apoio popular, sobretudo nas áreas urbanas, com uma política de exortação ao diálogo e de reivindicação da paz. O governo e o exército, apoiados pela Casa Branca, procuraram ganhar espaço político promovendo o plano "Unidos para Reconstruir", intensificando a pressão militar sobre os rebeldes e criando dificuldades para qualquer tentativa de diálogo ou de negociação.

Depois do terremoto, o governo e o exército se viram superados em sua atuação pela iniciativa da população civil que procurava, com suas próprias mãos, resgatar os sobreviventes, os mortos e os poucos bens materiais que restavam, enquanto a presença dos rebeldes foi praticamente nula e os sindicatos se viram impossibilitados de organizar um auxílio rápido.

A única instituição que socorreu as vítimas desde as primeiras horas da catástrofe foi a igreja católica. Sua resposta

superou com vantagem a do governo.

Menos de 24 horas depois do terremoto, a guerrilha decretou uma trégua unilateral e conclamou o exército a tomar igual medida. A proposta rebelde se chocou com a negativa dos militares.

A igreja católica, através do arcebispo Arturo Rivera y Damas, manifestou sua aprovação pela atitude dos rebeldes e pediu às forças armadas que cessassem as ações bélicas, mas não foi atendida. O presidente

internacional destinada aos desabrigados. Segundo fontes diplomáticas sediadas em San Salvador, a medida visava a unir o governo e os empresários, um objetivo perseguido por Washington e o exército salvadorenho no plano "Unidos para Reconstruir".

Contudo, os empresários utilizaram a concessão de Duarte para ganhar espaço político e declararam que eles tinham sido eleitos por sua "capacidade e dignidade".

Uma semana depois, atra-



A FMLN trabalha com uma política favorável ao diálogo

Duarte e o ministro da Defesa, general Eugenio Vides Casanova, afirmaram que o exército tinha que cumprir com seu dever constitucional de garantir a segurança e os bens da população.

#### A canalização da ajuda externa

Depois da negativa da trégua, o governo anunciou que a iniciativa privada seria a encarregada de receber, controlar e distribuir toda a ajuda

verso do Comitê Nacional de Emergência, o regime se viu obrigado a conter os empresários, limitando-os à tarefa de receber a ajuda. A distribuição desses recursos ficou nas mãos do governo, que criou 14 centros.

Por sua vez, o exército aproveitou a situação para limpar a sua imagem e trocou os fuzis pelas pás. Grupos de militares começaram, uma semana depois do movimento sísmico, a limpar as ruas e a distribuir a ajuda internacional aos

desabrigados, aproveitando a situação para reafirmar o seu plano contra-revolucionário. Desde o primeiro dia da tragédia, os efetivos militares se incumbiram de isolar as zonas de desastre e não permitir que os civis organizassem brigadas de resgate, semelhantes às que se criaram no terremoto do México.

### A igreja

Dois dias depois do terremoto, a igreja católica já tinha organizado o Comitê Eclesiástico de Emergência e atendido cerca de 25 mil famílias desabrigadas.

Os governos norte-americano e salvadorenho bloquearam a entrada no país de 15 aviões carregados de ajuda di-

ção de seu comitê especial. Sua posição foi clara: o terremoto criará as condições para que se fortaleça a opção do diálogo e a guerra termine. Os bispos são da opinião de que o terremoto agravou a situação da população mais afetada pela guerra e que por isso haverá mais pressão sobre o governo e a guerrilha a favor do diálogo.

No entanto, outros setores católicos, como a Universidade Centro-Americana (UCA) estimam que, pelo contrário, a crise do terremoto polarizará mais as partes em conflito e sobretudo endurecerá as posições da iniciativa privada e do exército, que preconizam a solução militar.

Para o sacerdote José María Tojeira, coordenador da Comissão de Imprensa do Arce-

ao governo uma partilha justa da ajuda aos desabrigados e que não se pusessem obstáculos à atuação dos organismos independentes. Alertou também contra a política governamental de aproveitar a situação para reprimir os trabalhadores.

A UNTS e os estudantes da Universidade Nacional coordenaram seus esforços e instaram uma dezena de brigadas de auxílio. Assim como a igreja, os sindicatos, organismos humanitários e entidades acadêmicas solicitaram ao governo a reabertura do processo de diálogo, paralisado desde setembro último.

### A reconstrução

Agora, a meta para todos os setores políticos salvadorenhos é a reconstrução nacional e ganhar com isso a simpatia dos 300 mil desabrigados.

O governo não conta com um apoio irrestrito da comunidade internacional para empreender a reconstrução. A administração norte-americana só concedeu uma ajuda de 50 milhões de dólares, a metade da que Washington deu aos "contras" nicaraguenses.

Segundo o presidente Duarte, são necessários cerca de 2 bilhões de dólares<sup>1</sup> para cobrir os danos. Porém anunciou que nem um centavo do orçamento para o combate à guerrilha será canalizado para a reconstrução.

A pouca credibilidade de que goza Duarte no estrangeiro obrigou a implementar uma campanha na Europa para



Nacra Report

### O terremoto permitiu que a igreja se aproximasse mais do povo

rigidos à igreja, o que provocou a denúncia pública dos bispos, a 17 de outubro. De acordo com fontes eclesiásticas, o bloqueio teve por objetivo dar tempo ao governo e esgotar as reservas da igreja.

Apesar da manobra, a igreja continuou auxiliando as vítimas e fortalecendo a organiza-

bispado, o terremoto permitiu à igreja se aproximar mais do povo e ter mais perspectivas de organizá-lo. Através de 38 paróquias e 11 comunidades de base, a igreja conseguiu chegar a quase 90% dos atingidos.

Por seu lado, a Unidade Nacional dos Trabalhadores Salvadorenhos (UNTS) pediu

"explicar o montante dos danos" e solicitar mais ajuda. Por sua vez, os empresários propuseram um plano de reconstrução que tem como prioridade a indenização dos serviços públicos, créditos para a indústria e empréstimos para a reconstrução de moradias.

Já a FMLN-FDR propôs um plano que fornece uma saída política para a guerra, a reconstrução das moradias populares e uma trégua nas hostilidades.

A igreja advertiu que não poderá haver uma verdadeira reconstrução se a guerra não parar. Pediu ao governo uma Reforma Urbana que focalize o controvertido tema da propriedade privada, ao qual se opõem os proprietários de imóveis e donos de terrenos da capital. Os bispos exigiram de Duarte coragem na reconstrução para não levar a "maiores conturbações sociais".

#### A organização popular e o processo de paz

A igreja manifestou também o seu interesse em que os atingidos hajam como sujeitos ativos e não como meros objetos receptores na reconstrução. De acordo com fontes eclesiásticas, a situação criada pelo terremoto reativou a participação laica nos organismos de base da igreja e manter essa organização é um desafio para a hierarquia católica.

Porta-vozes não-oficiais dos bispos assinalaram que o objetivo da igreja é direcionar esse movimento organizativo em favor de um processo de

paz, em que os padres sejam os intermediários.

Os sindicatos, os estudantes e as mais importantes universidades do país são da mesma opinião e esperam ganhar influência neste novo setor da

Salvador com o pretexto de ajudar os desabrigados do terremoto. Os analistas da guerrilha afirmam também que o desastre natural e a crise econômica tornaram o governo e os militares ainda mais dependentes de Washington.



Samayoa: "Os EUA, com o pretexto de ajudar os desabrigados, preparam uma intervenção mais profunda em El Salvador"

população, que são os flagelados do terremoto.

Para a FMLN-FDR, segundo porta-vozes rebeldes, o importante é ganhar presença na capital - de onde foram praticamente expulsos ou se retiraram - através de posições concretas, como a proposta de reconstrução que defende a necessidade urgente de casa para os mais afetados.

A aliança dos movimentos rebeldes espera ganhar esses setores em favor da política do diálogo e da negociação e aproveitar o desgaste político causado pelas contradições entre Duarte e os empresários.

Salvador Samayoa, da cúpula guerrilheira, declarou no México que os Estados Unidos estão preparando uma intervenção mais profunda em El

dentes de Washington.

Guillermo Ungo, presidente da FDR, disse no Panamá que não espera negociações com o regime, pelo menos nos próximos dez meses. No entanto, continuarão procurando a saída política para o conflito salvadorenho agravado agora pelos sismos.

As consequências do terremoto no cenário político salvadorenho são imprevisíveis. Os próximos meses serão decisivos para definir o curso dos acontecimentos na guerra civil. Quem ganhar o apoio organizado da população, especialmente na capital, conseguirá inclinar a balança a seu favor.

**Pedro Martínez Guzmán,  
de San Salvador**

<sup>1</sup> Dois mil milhões de dólares

**Estamos cá  
como se estivéssemos lá.  
Somos uma ponte segura  
na cooperação recíproca.**



uma Empresa privilegiada  
na auscultação directa e  
no diálogo negociador,  
preparada e experimentada  
como via das melhores condições  
de parceria, que decorrem do  
planeamento de  
um grande mercado.

# ANGOLA

O seu estatuto preferencial  
é um espelho que reflecte  
as necessidades orientadas e  
as potencialidades do  
comércio externo angolano.



**uma experiência  
adquirida  
uma confiança  
reforçada  
no domínio de  
acordos e  
operações  
comerciais e  
no fomento de  
cooperação  
técnica com a RPA.**

DESIGN LUIS CARROLIO

Consulte:  
**VESPER • Importação e Exportação, Lda.**  
Av. João Crisóstomo, 16, 3.<sup>o</sup>  
1000 LISBOA • Portugal  
telefs. 54 60 00 (8 linhas)  
telex 43688 VESPER P  
43446 VESPER P

Empresa de Capitais mistos  
Luso-Angolana, associada das  
seguintes Unidades Económicas Estatais:  
**IMPORTANG U.E.E.**  
Central Angolana de Importação

**EXPORTANG U.E.E.**  
Central Angolana de Exportação

**ANGODESPACHOS U.E.E.**  
Empresa de Despachos Alfandegários  
de Luanda

e da  
**COTECO. Sociedade de Cooperação  
Técnica e Comercial, Limitada**

# Uma lição para os Estados Unidos

O julgamento de Eugene Hasenfus, mercenário norte-americano, mostrou a responsabilidade da administração Reagan na guerra suja contra o governo sandinista, violando as disposições do Congresso

O governo dos Estados Unidos recebeu uma dura lição da Nicarágua com o julgamento de Eugene Hasenfus, o mercenário norte-americano condenado a 30 anos de prisão pelos Tribunais Populares Anti-Somozistas (TPA), em 15 de novembro passado.

De fato, as numerosas relações feitas por Hasenfus,

assim como as provas testemunhais, instrumentais, periciais e oculares apresentadas durante o julgamento, demonstraram de modo irrefutável a participação da administração Reagan em uma rede clandestina de abastecimento da contrarrevolução, que começa na Casa Branca e termina no submundo de Miami.

Hasenfus, aviador mercenário capturado por combatentes sandinistas, após a derrota de um avião pirata do tipo C-123 K, no dia 5 de outubro passado, no sul da Nicarágua, foi o "bode expiatório" da guerra suja e declarada organizada pela CIA, apesar de uma expressa proibição estabelecida pelo Congresso dos Estados Unidos em 1984.

"O verdadeiro condenado foi o governo de Reagan", resumiu o ministro da Justiça, Rodrigo Reyes, ao concluir o julgamento que durante 26 dias recebeu a cobertura jornalística internacional mais espetacular que a Nicarágua já viu.

Hasenfus confessou ter tra-

Reuter



Hasenfus confessou ter trabalhado para a CIA num projeto supervisionado por funcionários do seu país

balhado para a CIA em um projeto supervisionado por altos funcionários do seu país. Investigações posteriores feitas pela própria imprensa norte-americana permitiram identificar publicamente alguns desses funcionários e conhecer detalhadamente seu papel específico dentro da rede internacional que tem apoiado os "contras" nicaraguenses nos últimos três anos.

O governo de Manágua calcula que os resultados desse julgamento constituem uma contribuição ao direito internacional e para uma total compreensão sobre os "conflitos de baixa intensidade" estimulados pelos Estados Unidos na América Central, que não estão claramente definidos na Convenção de Genebra e seus protocolos adicionais. A Nicarágua espera também que a administração Reagan reflita sobre a necessidade de conter o processo de mercenarismo de cidadãos norte-americanos.

"Este julgamento mostrou ao mundo inteiro, mas principalmente aos Estados Unidos, que estamos decididos a defender a nossa soberania e se tivermos prisioneiros norte-americanos vamos julgá-los e condená-los de acordo com as nossas leis", disse o ministro Reyes ao fazer uma análise política do processo.

Manágua não tinha um prisioneiro norte-americano desde os tempos do general José Santos Zelaya, um líder liberal

que reconquistou a soberania da Costa Atlântica, que recusou a idéia dos Estados Unidos construir um canal transístmico na Nicarágua e que em 1970 capturou e fuzilou dois norte-americanos implicados em uma conspiração contra o seu governo.

Apesar de, desde o início do julgamento, os advogados de Hasenfus terem estabelecido uma estratégia voltada para o reconhecimento da culpa do mercenário, sem no entanto admitirem o envolvimento oficial de Washington, procurando obter um gesto magnânimo da revolução sandinista<sup>1</sup>.

#### Meses perigosos

Em face da derrota republicana nas eleições legislativas, os próximos meses serão muito perigosos, já que o Congresso dos Estados Unidos está em recesso e o presidente Reagan pode usar seus poderes para realizar uma intervenção direta contra a Nicarágua, segundo advertiu o presidente Daniel Ortega.

O general Humberto Ortega, ministro da Defesa e comandante do exército sandi-

<sup>1</sup> A 17 de dezembro passado, o piloto foi indultado pelo governo sandinista. Esse gesto chegou às vésperas do Natal. O presidente Ortega propôs e o Parlamento nicaraguense aprovou a anistia a Hasenfus como uma manifestação de simpatia ao povo norte-americano.

*De qualquer forma, é importante o depoimento de Hasenfus sobre o tráfico de armas, do qual ele fala como ator diretamente envolvido.*

nista, denunciou por sua vez que os Estados Unidos estão preparando planos para destruir os helicópteros de combate de origem soviética MI-8, MI-17 e MI-24 pertencentes às forças armadas nicaraguenses, através de atos de sabotagem contra bases aéreas, como o aeroporto militar "Carlos Ulloa" de Punta Huete, o mais importante do país.

"Esses atos de sabotagem, encorajados a grupos especializados da chamada Força Democrática Nicaraguense (FDN), estão planejados também contra outros locais onde os helicópteros se encontram de forma transitória ou permanente", disse o ministro da Defesa.

O ministro Reyes, durante o julgamento atuou na acusação a Hasenfus, assinalou que para o governo sandinista Hasenfus é agente da CIA e que, portanto, acredita que os Estados Unidos procurarão libertar seu agente através de manobras ou represálias. "Poderão acontecer ambas as coisas", antecipou. Reyes sublinhou que a sentença de 30 anos aplicada a Hasenfus reflete com clareza a política de princípios da revolução sandinista de não aplicar a sentença máxima, mas somente a pena justa aos transgressores das leis nicaraguenses, sejam elas nacionais ou estrangeiros.

#### Um instrumento da guerrilha

Os TPA declararam Hasenfus culpado pelos delitos de violação da Lei de Segurança



Bombardeios de populações civis: a "guerra secreta" da Casa Branca

Pública, associação subversiva e terrorismo, que foram demonstrados com um abundante número de provas. A defesa não conseguiu apresentar uma única evidência de inocência.

Grande parte da sentença acolhe as propostas da Procuradoria Geral da Justiça da Nicarágua, que culpam diretamente o governo norte-americano e que mostram Hasenfus como um instrumento da guerra ilegal e imoral efetuada pelo governo do presidente Ronald Reagan.

Em seus doze considerandos, a sentença analisa as alegações da defesa, qualificando-as de "carentes de fundamento legal" e assinala que o manuscrito de Hasenfus – reconhecido por ele próprio e pela defesa como autêntico – sobre suas atividades mercenárias, tem "todo o efeito legal de uma confissão livre e espontânea". Sobressaem também as suas declarações em juízo sobre seus vínculos com a empresa Air America, estrei-

tamente ligada à CIA, e com o piloto William Cooper, assim como seu pleno conhecimento sobre as atividades que realizava na América Central, especialmente na Nicarágua.

É mencionada também a confissão do réu sobre suas missões de abastecimento à contra-revolução, através de quatro vôos noturnos realizados em aviões do tipo Caribú, a partir da base militar hondurenha de El Aguacate, e de outros seis vôos em aviões do tipo C-123 K (uma versão menor do Hércules C-130), a partir da base militar salvadorenha de Ilopango, transportando material militar para os grupos da FDN e da UNO.

"Este tribunal não tem a menor dúvida de que ficou plenamente demonstrado que o réu realizou essas missões plenamente consciente do que estava fazendo", diz em determinado momento o documento de sentença.

Hasenfus permaneceu impávido e taciturno, sem que

seu rosto demonstrasse qualquer emoção quando o presidente do tribunal, Reinaldo Monterrey, leu a sentença numa sala cheia de jornalistas e câmaras de televisão.

Depois de ler o veredito, Monterrey perguntou a Hasenfus se ele apelaria da sentença. "Gostaria de consultar primeiro o meu advogado para poder decidir", respondeu Hasenfus.

Monterrey disse a Hasenfus que este deveria responder "sim ou não" nesse momento. "Apelarei", disse então Hasenfus.

A apelação será analisada em segunda instância pelos Tribunais Populares Anti-Somozistas, num procedimento considerado como mero trâmite, já que nos meios judiciais é dado como certo que a sentença será ratificada.

O julgamento de Hasenfus chegou a seu fim, mas suas repercussões continuarão trazendo à tona novas e reveladoras evidências daquilo que a

## O que são os TPA?

Os Tribunais Populares Anti-Somozistas, conhecidos como TPA, onde foi processado e julgado Eugene Hasenfus, são tribunais de Justiça que cumprem com os requisitos universalmente reconhecidos como válidos para serem considerados competentes e imparciais.

São tribunais civis: Os membros do tribunal são civis, pessoas não ligadas à vida, regime, disciplina e obediência militar. Não se trata de um tribunal ou de uma corte marcial. Os critérios aplicados são civis e não militares. Existem em todo o mundo tribunais militares e cortes marciais. Inclusive na Nicarágua existe a Auditoria Militar para julgar os militares. Mas os TPA são civis.

São independentes dos Ministérios da Justiça, do Interior ou de qualquer outro: Têm autonomia e independência. Os membros dos TPA apenas dependem de sua consciência para tomar suas decisões e ditarem suas sentenças.

Garantem ao processado o direito de defesa: O réu pode nomear seu defensor desde o início do processo e tem direito a um intérprete quando necessário, presumindo-se sua inocência até prova em contrário. O réu tem direito a apelar para o Tribunal

imprensa norte-americana chama de "A guerra secreta dos contras".

As revelações de Hasenfus já atingiram o vice-presidente George Bush e outros funcionários da Casa Branca, como o coronel Oliver North, ex-membro do Conselho Nacional de Segurança (que foi quem propôs a rede clandestina para fugir à proibição do Congres-

so), Robert Owen, intermediário de North com os diversos grupos de "contras", e Donald Gregg, ex-agente da CIA que colocou a Casa Branca em contato com os terroristas cubanos Félix Rodríguez (Max Gómez) e Luis Posada Carriles (Ramón Medina) para quem trabalharam diretamente no terreno operacional. (ver matéria de capa nesta edição, "Terrorismo: a quem serve?")

Superior, última instância, e desfruta de todos os direitos de qualquer processado.

Tribunais para uma situação excepcional

Perante a situação de guerra imposta pelos Estados Unidos, os TPA foram criados para julgar exclusivamente os delitos de violação da Lei da Ordem e da Manutenção da Segurança Pública, evitando assim que se registrassem atrasos consideráveis nos demais processos pendentes. É normal que numa situação excepcional, como é o caso de uma guerra, aconteçam muitos casos de supostas violações da Lei de Segurança Pública. Por isso a necessidade de criação dos TPA, com a finalidade de os processos tramitarem sem atrasos, o que prejudicaria os réus detidos à espera de julgamento.

Os TPA são formados por um advogado e por dois cidadãos não ligados à carreira do Direito. Numa questão tão delicada, é importante contar com um tribunal que leve em consideração critérios humanos e lógicos que podem favorecer o processado. Pela mesma razão se pensa fazer uma reforma judicial para que no futuro todos os tribunais da Nicarágua adotem essa forma de composição. É pela mesma razão, no fundamental, que existem os Tribunais de Jurados, também chamados de "Jurados de Consciência".

(J.A.)

Figuram também na lista dos envolvidos na rede clandestina de abastecimento outros 12 ou 14 norte-americanos, vários deles implicados pessoalmente nos vôos ilegais sobre a Nicarágua.

"Não há como evitar que no futuro alguns deles venham também a cair em nossas mãos", afirmou o ministro da Justiça, Rodrigo Reyes.

Jorge Armendáriz

## As “abelhas” do presidente

A mitologia construída em torno do octogenário presidente Hastings Kamuzu Banda diz que ele tem um “exército de abelhas” para protegê-lo, mas a verdade parece ser outra. O país se tornou uma base de ataque contra Moçambique



O presidente “perpétuo” do Malaui tem antigas ligações com os sul-africanos e com a Renamo Novib

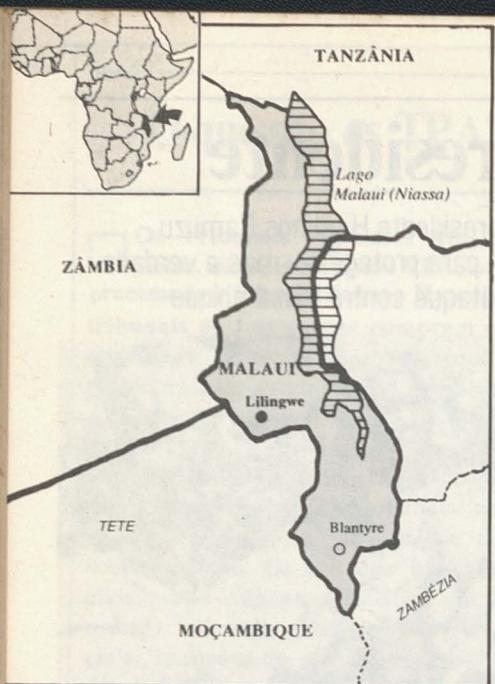
**E**m meados de setembro passado, quando o falecido presidente Samora Machel foi ao Malaui junto com outros presidentes de países da África Austral para exigir do presidente Hastings Banda o fim da ajuda aos grupos armados da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), alguns mais supersticiosos acharam que esta seria uma atitude arriscada. Há muita gente ao longo da fronteira do Malaui com Moçambique que atribui ao velho ditador malaiano poderes sobrenaturais. Um mês depois, quando Machel morreu num

acidente aéreo, os mesmos supersticiosos afirmaram: “Foi o exército de abelhas”.

As lendas em torno de Banda não conseguiram no entanto ocultar as crescentes evidências de que o Malaui é, no momento, o ponto mais quente da crise na África Austral, provocada pela tentativa da África do Sul de desestabilizar países vizinhos que se opõem à política do *apartheid*. As ligações de Banda com a África do Sul são muito antigas. Também são velhos os vínculos do governo do Malaui com a Renamo, um grupo que

funciona como teleguiado de Pretória na campanha de desestabilização de Moçambique.

A novidade no caso malaiano é a presença de Israel como um dos elementos de apoio às agressões contra o governo moçambicano. O agravamento da tensão político-militar na área reforçou também as suspeitas de que a estratégia sul-africana é, agora, provocar uma virtual divisão do território moçambicano em duas partes, uma ao sul e outra ao norte, separadas por um corredor ligando o extremo sul do Malaui ao mar, na altura



**Com 6.840.000hab e uma área de 118.848km<sup>2</sup>, o Malaui tem um quinto do seu território ocupado pelo lago Malauí (antigo Niassa). Suas fronteiras com Moçambique passaram a ter uma grande importância estratégica, pois permitem à Renamo fixar bases para atacar o regime de Maputo**

Miguel Efe

da cidade de Luabo.

Esse quebra-cabeças político-militar-econômico começou a ficar claro desde a Conferência dos Chefes de Estado de Países Não-Alinhados, realizada em setembro passado em Harare, Zimbábue. O governo de Moçambique resolveu levar aos demais países anti-racistas da África Austral (Angola, Zimbábue, Zâmbia, Botsuana e Tanzânia) a sua decisão de pedir uma ação conjunta contra o Malaui, diante do fato de que nos últimos doze meses se tornaram evidentes os sinais de que o regime de Banda havia se transformado na principal ponta de lança dos ataques da Renamo. Samora Machel consultou os países da Linha de Frente sobre a possibilidade de ser feito um cerco econômico e militar ao Malaui com o objetivo de levá-lo a reduzir a ajuda aos grupos armados.

A sugestão começou imediatamente a ser discutida, e sucederam-se as reuniões e visitas entre chefes de estado da região nos meses de outubro, novembro e dezembro, provocando da parte da África do Sul uma escalada de intimidações e ameaças, na tentativa de salvar o seu aliado Hastings Kamuzu Banda. O velho ditador do Malaui, hoje com mais de 80 anos, negou várias vezes estar dando ajuda à Renamo.

#### A tensão na fronteira

Mas as negativas de Banda esbarraram frontalmente com o depoimento de jornalistas que estiveram na fronteira do Malaui com Moçambique, particularmente na província moçambicana de Tete, no final do mês de outubro. Os soldados de Moçambique estacionados na fronteira junto ao extremo

sul do Malaui revelam que a Renamo promoveu um grande ataque no dia 3 de outubro contra o complexo agro-industrial de Caia, na região de Agônia, semanas depois de Machel ter denunciado no Japão, de forma oficial, o envolvimento de Banda com os grupos armados.

Esses mesmos soldados, bem como funcionários do governo residentes na região, dizem que o clima de tensão na área atingiu nos últimos três meses de 1986 um grau de intensidade nunca visto antes. Além dos grandes ataques realizados em setembro e no começo de outubro, a população moçambicana da área passou a ser alvo de investidas terroristas cada vez mais frequentes.

Depoimentos de moradores de áreas próximas a Caia revelam que esses ataques seguem um padrão clássico. Primeiro começam a circular boatos sobre ataques da Renamo, cria-se um clima de tensão e expectativa, logo depois nota-se uma inexplicável saída de funcionários do Malaui das localidades situadas junto à fronteira, e imediatamente depois ocorre o ataque dos grupos armados, que entram destruindo todas as instalações governamentais e militares situadas do lado moçambicano e logo depois se retiram, dando lugar a que a população malauiana cruze também a fronteira e termine o saque. Quando tudo já foi destruído, os funcionários do Malaui voltam a ocupar seus postos, como se nada tivesse acontecido.

Os moçambicanos não valem em classificar como rapina pura e simples essas ações que não são novas na conflituada história dessa região. Desde a independência de Moçambique, os saques acontecem com uma frequência variável. Mas depois da assinatura do acordo de Nkomati, em fevereiro de 1984, eles se tornaram mais assíduos e qualitativamente diferentes. Isso correspondeu a uma mudança de tática da África do Sul, que conforme revelam fontes militares moçambicanas, resolveu deslocar a partir do acordo, os melhores contingentes da Renamo para o Malauí. Além disso, o treinamento dos bandos armados instalados em território malauiano está sendo feito por instrutores israelenses, que estão em Blantyre, a capital do país desde a independência, em julho de 1964.

Os instrutores dão assistência à polícia do Malauí, um país que não tem constitucional-

mente forças armadas regulares. Na prática, no entanto, a polícia malauiana funciona como um verdadeiro exército, tendo efetivos de aproximadamente sete mil homens, uma unidade de deslocamento rápido no estilo Forças Especiais chamada *Mobile Forces* e uma temida polícia secreta, o *Special Branch* que no passado já empreendeu numerosas ações além fronteira.

O *Special Branch* é o responsável pela intimidação de moçambicanos que atravessam para o Malauí para comprar bens de consumo e bebidas. Além disso, oficiais do exército de Moçambique acusam tanto a polícia secreta do Malauí como os assessores israelenses por torturas contra soldados apanhados do outro lado da fronteira, como aconteceu este ano com um grupo de aproximadamente 1.500 militares moçambicanos que durante um combate com grupos da Renamo, foram obrigados a

fugir para o território do Malauí onde foram capturados. Semanas depois, foram libertados, tendo o governo de Blantyre classificado os militares como "membros da Renamo" que estavam sendo entregues a Moçambique.

#### O "corredor" de Rombézia

A maior parte do armamento usado pelos bandos da Renamo é transportado através dos territórios de Moçambique e Zimbábue por via terrestre, em caminhões que contam com a proteção militar desses dois países. Essa situação é paradoxal. Quase todo mundo na fronteira sabe que os caminhões transportam armas para os bandos da Renamo, mas nem Moçambique e nem Zimbábue podem abrir a carga devido a convenções internacionais. A única vez que as suspeitas foram comprovadas foi no começo deste ano quando um caminhão tombou na estrada



DIP/MPLA-PT

Os países da Linha de Frente pressionam o Malauí com o objetivo de que este reduza sua ajuda à Renamo

da rompendo a carga que ficou espalhada no chão. Eram fuzis, munições e granadas. Teoricamente, Moçambique poderia impedir o tráfego dos comboios de caminhões que vêm da África do Sul com destino ao Malaui, mas isso criaria uma situação extremamente delicada. Os militares moçambicanos acreditam que um estrangulamento desse tipo provocaria de imediato uma invasão sul-africana pelo sul, ao mesmo tempo em que abriria uma enorme polémica entre os países membros do PTA (Preferential Trade Agreement) que reúne várias ex-colônias britânicas da área, inclusive Zâmbia, Tanzânia, Malaui e Quênia, entre outros. Pelo PTA, os países membros podem transportar carga por território estrangeiro com garantias de extraterritorialidade.

No auge da crise que antecedeu a morte de Samora Machel, o então presidente moçambicano ameaçou colocar mísseis ao longo da fronteira com o Malaui para aumentar a defesa contra ataques da Renamo. Mas até o final de outubro, a ameaça não havia sido cumprida e as tropas moçambicanas estacionadas na região mostravam uma crescente irritação com o impasse militar. Elas estão sob permanente hostilidade dos grupos da Renamo mas não podem perseguir-los dentro de território do Malaui, onde os agressores têm bases de apoio. Os helicópteros sul-africanos cedidos ao Malaui operam impunemente, e em outubro, um deles chegou a poupar metros à frente de uma

caminhonete da televisão moçambicana que estava filmando os efeitos dos ataques dos bandos armados. O helicóptero descarregou homens e armas sem ser hostilizado e sem atacar os jornalistas e depois levantou vôo de regresso ao Malaui.

A presença das melhores unidades da Renamo na região, bem como o apoio ostensivo que recebem da África do Sul e dos assessores israelenses são encarados por diplomatas e militares moçambicanos como um sinal de que o governo de Hastings Banda continua interessado em abrir um corredor ligando o extremo sul do território do Malaui à localidade de Luabo, no litoral. Esse corredor é uma idéia alimentada pelo Malaui desde o período anterior à independência de Moçambique, quando Banda deu apoio ao grupo União Nacional Africana da Rombézia (Unar), um movimento separatista criado pela polícia secreta salazarista, a Pide, e organizado pelo então cônsul português em Blantyre, o milionário Jorge Jardim. O objetivo da Unar era criar uma faixa de terra fora do controle dos nacionalistas moçambicanos da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), responsáveis pela guerrilha contra o domínio colonial português e que posteriormente chegaram ao poder, com a independência em 1975. Moçambique ficaria assim dividido em três partes: uma ao sul que, segundo os planos dos colonialistas acabaria sob controle sul-africano; outra no

centro, o chamado corredor de Rombézia; e finalmente a parte norte, que seria deixada para a Frelimo.

Com a independência, a questão da Rombézia foi deixada em segundo plano porque essa reivindicação contrariava as regras estabelecidas pela Organização da Unidade Africana (OUA) sobre inviolabilidade de fronteiras. A Unar posteriormente foi transformada no movimento África Livre, ainda orientado por Jorge Jardim, mas acabou destruído em 1980, quando o exército moçambicano eliminou as principais bases militares do grupo nas províncias de Tete e Zambézia). Mas, a partir de 1984, aumentaram os rumores de que a África do Sul, com apoio malauiano estaria interessada em reviver a Unar e a questão da Rombézia, já não mais como uma reivindicação territorial, mas através da imposição pura e simples da força militar procurando o controle econômico da região. Parte desse objetivo parece já ter sido alcançado, porque, em julho de 1986, a televisão independente da Inglaterra, ITN, divulgou um documentário feito por uma equipe de cinegrafistas que foi de caminhão, do mar até o Malaui, pelo corredor da Rombézia, escoltada por bandos armados da Renamo e usando estradas de terra.

O corredor ainda não é operacional em toda a sua extensão, aproximadamente 1.200km, devido aos constantes deslocamentos de tropas moçambicanas na região. É

uma área que em sua maior parte tem escasso interesse econômico, a não ser nos seus dois extremos. Em Luabo estão instaladas importantes indústrias açucareiras e no outro extremo, além das terras férteis do complexo de Angônia, estão as reservas de carvão de Moatise. Mas se algum dia a pressão militar deflagrada a partir do Malaui se tornar forte demais, a Renamo poderá ter aberta uma via de abastecimento direta através do mar, sem necessitar dos comboios que vêm da África do Sul através do Zimbábue e da província moçambicana de Tete.

Segundo fontes militares e diplomáticas de Maputo, esse seria o verdadeiro objetivo da ofensiva militar da Renamo na região central de Moçambique e as denúncias sul-africanas de que o falecido presidente Machel estaria organizando uma intervenção militar no Malaui não passariam de uma cortina de fumaça. As denúncias foram feitas pelo ministro sul-africano das Relações Exteriores "Pik" Botha, três semanas depois do desastre que matou Machel, com base em documentos supostamente capturados nos destroços do avião em que viajava o presidente moçambicano. Em Maputo, as afirmações de Botha foram consideradas "pura especulação" e os documentos qualificados como "forjados com fins intimidatórios".

### O enigma Banda

A verdade é que o presidente Banda passou a ser o fo-



Por ter sido considerado um provável sucessor do presidente vitalício, Aleke Banda (foto) continua até hoje na prisão

co de uma intensa movimentação de diplomatas, políticos, cientistas políticos e jornalistas em torno das bases de sustentação de seu governo personalista e autoritário. Nascido em 1902, viveu metade de sua vida no exterior (entre 1915 e 1958) formando-se em medicina nos Estados Unidos, depois de viver na antiga Rodésia do Sul, África do Sul. Já como médico viveu na Inglaterra e Gana antes de regressar ao Malaui, onde foi escolhido para dirigir o movimento nacionalista, que deu origem ao Partido do Congresso do Malaui (MCP). Filho de uma família tradicional, o doutor Hastings Banda logo impôs ao Partido e depois ao governo independente um estilo patriarcal onde toda e qualquer divergência era imediatamente classificada como traição.

O autoritarismo se tornou claro já nos primeiros meses após a independência em julho de 1964, quando Banda demitiu todo o seu ministério porque os ministros queriam mais autonomia nas decisões admi-

nistrativas. Dois anos depois, Banda proclamou a República no Malaui e se autonomeou presidente. Em 1970, ele se tornou o primeiro chefe de estado negro da África a estabelecer relações diplomáticas com o regime do *apartheid*, alegando que os sul-africanos poderiam dar muita ajuda econômica ao país. No ano seguinte, Banda foi nomeado presidente perpétuo do Malaui, e logo depois começou a crescer a lista de políticos punidos ou simplesmente eliminados pelo fato de quererem agir com mais autonomia, quando não pelo fato de serem apontados na imprensa internacional como possíveis herdeiros de Banda. Esse foi o caso de um parente seu chamado Aleke, então secretário geral do MCP, citado no jornal *Times of Zambia*, editado em Lusaka, como provável sucessor do presidente perpétuo. Aleke foi preso e continua até hoje na penitenciária de Zomba.

Situação semelhante foi vivida em 1977 por Albert Muwalo Nqumayo, também se-

cretário geral do MCP. Acusado de traição por um júri escolhido por Banda, acabou condenado à morte e executado. Desde essa época, o cargo de secretário geral do partido único do Malauí se tornou um lugar extremamente perigoso. A lista dos que caíram em desgraça é longa e tétrica. Gwanda Phiri está preso desde 1979, cumprindo uma pena de 22 anos. Bakili Moluzi foi demitido da secretaria geral em 1981 e forçado a viver numa pequena aldeia. Em 1983, outro ocupante do cargo, Dick Matenje morreu em circunstâncias misteriosas num acidente de carro, pouco depois de criticar a decisão do presidente perpétuo de tirar um ano de férias na Inglaterra e nomear o então presidente do Banco do Malauí, John Tembo, para ocupar a chefia do governo durante 12 meses. Após a morte de Matenje nenhum outro político malauiano se arriscou a aceitar o cargo de secretário geral do MCP.

A iminência parda do regime passou a ser desde 1983, *Lady Cecilia Kadzamira*, cujo cargo tem a denominação de Recepção Oficial (Official Hostess) e cujas ligações informais com o presidente são objeto de permanentes especulações. O tio de Lady Kadzamira é John Tembo, que já foi ministro das finanças e presidente do banco do Malauí, mas hoje não tem cargo nenhum. Tembo, com a proteção de sua sobrinha, é tido hoje como o mais provável sucessor de Banda, que tem 84 anos mas cuja idade nos documentos

62 - terceiro mundo



Lady Cecilia Kadzamira

oficiais varia entre 78 e 81. A dupla Tembo-Kadzamira detém o controle dos dois principais pontos de apoio do regime: as mulheres e a polícia.

Explorando a tradicional predominância da mulher na família africana, Banda desde o período pré-independência dedicou uma especial atenção à população feminina do país. Ele é chamado de *Nkhoswe* (protetor) das *Mbumbas* (mulheres), por ter criado a Liga Feminina (Women's League), que tem o monopólio da venda de bebidas alcoólicas no país e goza de privilégios especiais nas concorrências para abertura de lojas comerciais. As vantagens econômicas auferidas pelas mulheres fizeram com que elas o elegessem como uma espécie de líder particular, acompanhando-o em todas as cerimônias oficiais com cantos e danças. Todas as integrantes da Liga, cujo efetivo total é calculado em 200 mil sócias, usam habitualmente *ca-*

*pulanás* (peças de pano enroladas na cintura como saia) nas quais está estampada a soridente figura do presidente perpétuo. Nas festas nacionais e no aniversário de Banda, as *Mbumbas* se concentram na frente da Sanjika House, residência oficial do presidente em Blantyre e passam o dia cantando e dançando.

Para muitos malauianos, a Liga das Mulheres é o verdadeiro partido único do país, enquanto o MCP reúne basicamente candidatos a postos no ministério e administrações provinciais. O poder de Lady Cecilia cresceu tanto nos últimos anos que ela resolveu estabelecer a sua própria organização de mulheres, sem que o presidente Banda fizesse qualquer objeção. Seu protegido John Tembo também tornou-se todo-poderoso, e circulam insistentes rumores de que é ele o homem chave dos sul-africanos, israelenses e da Renamo. Tembo seria o principal ponto de apoio da estratégia de desestabilização de Moçambique, participando de entendimentos com os sul-africanos que, segundo fontes diplomáticas de Maputo, não seriam do conhecimento de Banda. O presidente do Malauí aparentemente sentiu o peso da pressão moçambicana e aceitou negociações, enviando o controvérsio Tembo para contatos em Maputo. Mas há poucas esperanças de um entendimento duradouro, já que o Malauí está solidamente atado à África do Sul.

**Carlos Castilho e Pedro Pimenta (de Maputo)**

Zimbábue

# O imperialismo religioso

Uma análise do papel desempenhado pelas instituições religiosas desde o período colonial e as relações igreja-Estado na construção do socialismo

O presidente do Zimbábue, Canaan Banana, é uma das raras figuras do Terceiro Mundo que reúnem, por um lado, a literatura e a política e, por outro, a prática da reforma agrária. Pastor metodista e autor de vários livros, entre eles *The Gospel According to the Ghetto* ("O Evangelho segundo o gueto", obra de 1974) e *Theology of Promise* ("Teologia da promessa", de 1982), Canaan Banana é também o fundador do movimento cooperativo agrícola, que foi muito bem-sucedido no Zimbábue, além de ser o pedagogo-modelo do seu país.

Nascido em Bulawayo em 1936, o reverendo Banana foi ordenado pastor da igreja metodista inglesa em 1962, e obteve o grau de mestrado no seminário teológico de Wesley, em Washington, em 1975. Aderiu ao Conselho Nacional Africano (ANC), do bispo Abel Muzorewa em 1972, mas logo afastou-se da organização para formar o Movimento Popular, ala interna do banido partido ZANU, em

1976. Foi alvo de várias prisões, detenções e restrições por parte do regime de Ian Smith, de 1975 a 1979, na então Rodésia, e mani-



Presidente Canaan Banana

festou sua oposição aos resultados apresentados pela Comissão Pearce, da Inglaterra.

*Como o senhor compararia o papel da religião no Zimbábue com o papel que ela exerce na sociedade norte-americana?*

— A diferença fundamental é que, nos Estados Unidos, a religião tende a legitimar o capitalismo. Não há uma verdadeira contradição ou conflito entre religião e Estado nesse particular. No Zimbábue, a nova filosofia de transformação socialista aparentemente vem assustando muitas igrejas. Tem havido uma ambivalência na posição das igrejas em relação ao rumo político tomado pelo Estado. Na minha opinião, o Evangelho deve ter a ver com as condições sócio-económicas do povo. Nos Estados Unidos, a religião dá ênfase à salvação individual, ao passo que aqui estamos procurando



"A teologia da libertação ainda não chegou à África"

aplicar princípios religiosos a condições sociais gerais.

*Como vê a tendência da teologia da libertação latino-americana? Qual a possibilidade de ocorrer algo semelhante na África Austral?*

— A teologia da libertação nasceu de uma situação de opressão. A América Latina possui uma longa história de lutas políticas, de forma que é muito compreensível que o surgimento desse tipo de pensamento esteja mais avançado lá do que no contexto africano. Nossas lutas são mais recentes, e a teologia ainda não as alcançou. Isso também é um reflexo da qualidade de liderança religiosa que temos aqui, e da falta de um número suficiente de homens cultos dispostos a escrever sobre teologia em nosso continente.

Ainda há a questão do clima político. Não era fácil escrever na situação em que nos encontrávamos. A condição principal, porém, é a independência desta região, que aliás é muito recente, de modo que espero ver muito mais obras a esse respeito dentro de pouco tempo. A teologia da libertação legitima a luta revolucionária, expressa a experiência dos povos nativos e os elementos positivos do seu passado, dos seus esforços contra as forças negativas.

#### As diferenças culturais

Muita coisa escrita pelos latino-americanos pode ser aplicada aqui, mas sempre há diferenças, dadas as duas

culturas não serem iguais. A América Latina representa um amálgama de influências culturais; os descendentes de escravos utilizados em plantações, que constituem a maior parte de certas culturas americanas, perderam a sua identidade, suas raízes. Há uma dicotomia entre as culturas europeias e as culturas nativas locais. A originalidade da cultura africana está em sua unidade ou, se você preferir, no seu sistemático "africanismo". Em ambos os casos, porém, a teologia da libertação serve para projetar os valores tradicionais da cultura de um povo.

*Aparentemente, o Vaticano faz hoje uma distinção entre um tipo de teologia da libertação aceitável e outro "inaceitável". Ambos adotam o marxismo, mas o segundo tipo é condenado por pregar a "luta de classes". O que isso lhe parece?*

— Como observador, sinto-me intrigado. A igreja pratica um estilo de vida socialista em seus conventos e monastérios. Defende os pobres e prega a justiça social e a igualdade. Depois, condena os que procuram pôr em prática essa teoria. Como se pode aceitar a filosofia da libertação ao mesmo tempo em que se rejeita a luta de classes? Isso não tem sentido, pois uma coisa decorre da outra. Fingir que não existe uma luta de classes ou defini-la como má é algo que não posso entender. Se devemos apoiar nas igrejas a fraternidade e a igualdade, é óbvio que devemos defender os que lutam pela derrubada das barreiras

artificiais constituídas pelas diferenças de classe.

#### Religião e política

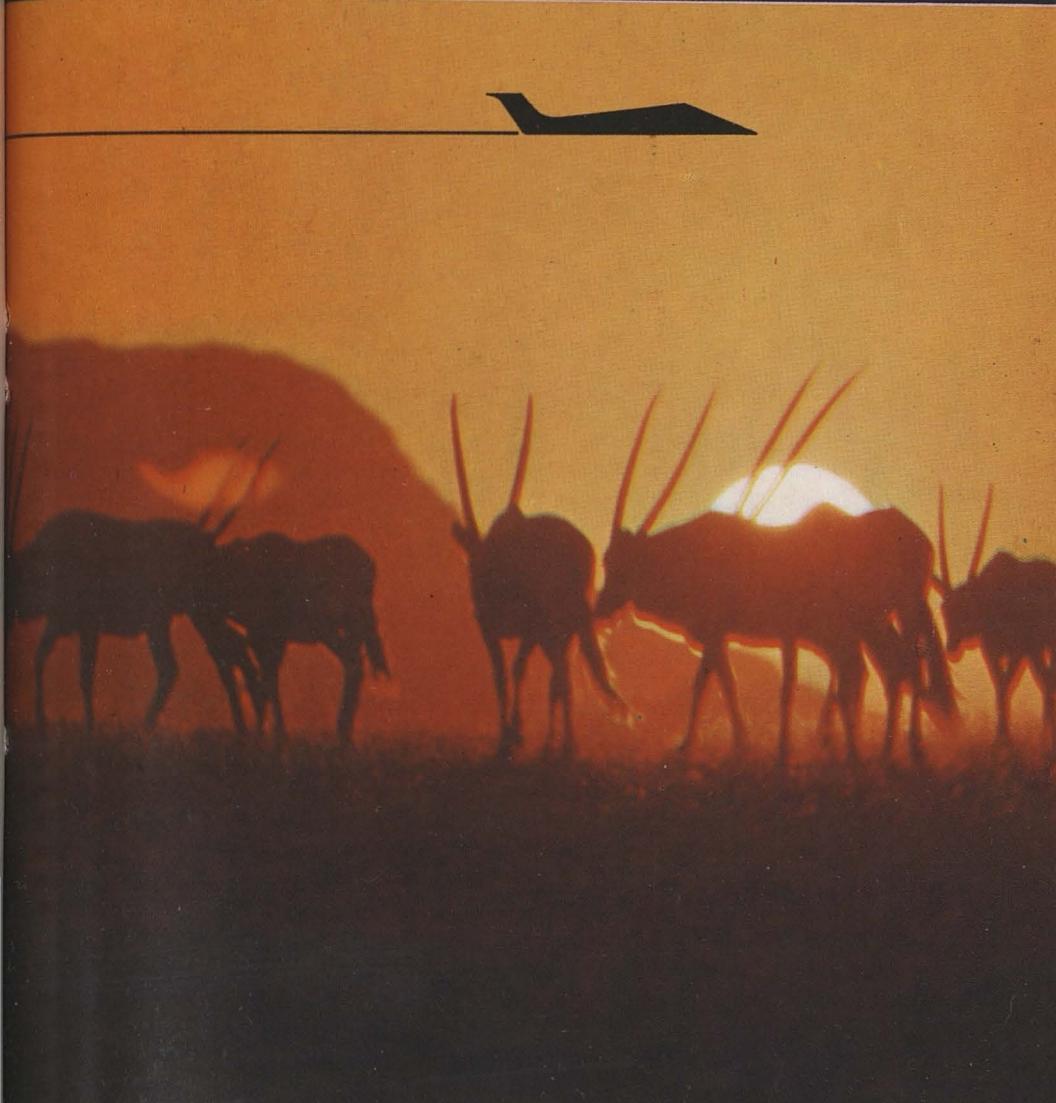
*Ainda assim, foram os católicos, mais que qualquer outro grupo, que apoiaram o insurreição na África...*

— É preciso distinguir entre os círculos oficiais e a atuação dos fiéis individualmente. A posição oficial da igreja católica na África não foi de apoio às guerrilhas em si, embora fosse tolerante com elas. Individualmente, certos católicos esforçaram-se por ajudar-nos e, por causa disso, alguns deles foram deportados, como o bispo Lamont. A corrente dominante na igreja era mais progressista que a política oficial. Devo reconhecer que, em comparação com as igrejas mais evangélicas, os católicos foram mais sensíveis às privações econômicas do povo. As várias seitas tendiam a evitar o envolvimento político. Para elas, a política é obra de Deus — seja o apartheid ou o que for — e é preciso aceitar os poderes constituídos. Quem começasse a debater política era anticristão. Os católicos certamente mostraram-se mais liberais que os fundamentalistas, que evitavam falar em mudanças.

*Que acha da conexão entre as seitas fundamentalistas e a política contra-revolucionária?*

— Uma vez que a religião, como já disse, tende a apoiar o status-quo no sistema capitalista, certas igrejas sediadas nos Estados Unidos vêm-se opondo à libertação, perceben-

# Angola, terra da liberdade.



TAAG - Av. Presidente Vargas 542/603  
telefones: 263-9711, 263-4988, 263-4911  
telefones Aeroporto Internacional: 398-3112 e 398-3113

LUANDA  
RIO

## SAÍDAS

sábado: 09:00h  
(hora de Angola)  
domingo: 17:00h  
(hora do Brasil)

## CHEGADAS

sábado: 13:00h  
(hora do Brasil)  
2.<sup>a</sup> feira: 05:00h  
(hora de Angola)



# TAAG

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA  
A Serviço da Reconstrução Nacional

**Nosso compromisso  
é com a emancipação do  
Terceiro Mundo.**

**Falamos 3 idiomas  
em 5 edições para 70 países  
de 5 continentes.**



**Dois terços da humanidade  
vivem no Terceiro Mundo.**

**Você tem que chegar lá.  
Venha conosco!**

Publicação mensal da Editora Terceiro Mundo

Deptos Comercial e de Circulação:

Rua da Lapa 180 - Grupos 1104 a 1109 - Rio - RJ - CEP 20041  
Telefones (021) 222 5771 e 252 7440 - Telex 21-33054 CTMB/BR



"Antes da independência, cristianismo era sinônimo de ocidental, o que é uma distorção da história"

do que as mudanças ameaçaram o domínio do Ocidente na África. Você ficaria surpreso ao verificar como certas seitas pareciam apolíticas durante o dia e, à noite, transformavam-se nos piores grupos políticos que já vi até hoje. Certa vez, quando eu estava participando de uma conferência nos Estados Unidos, um missionário me confessou: "Sabe, sinto orgulho de ter contribuído para a queda de Allende". Essas seitas faziam parte de uma rede da CIA. De modo que, às vezes, essa oposição às mudanças sociais pode ser mais do que simples neutralidade fingida. Pode ser partidarismo atuante.

#### Ocidente versus tradição

*Que conceito de vida as igrejas missionárias trouxeram para o Zimbábue nos últimos 50 anos?*

- As igrejas chegaram aqui com idéias preconceituosas acerca do que era "bom" para os nativos. Essas idéias eram

resultado da experiência dessas igrejas – não se pode culpá-las. Só podemos falar com base na experiência que tivemos. Mas, para elas, cristianismo era sinônimo de "ocidental", o que é uma distorção da história. Ensinaram-nos a condenar a nossa própria cultura – a olhar com desprezo a nossa própria condição humana. Mandavam que adorássemos os missionários e os governadores ingleses como heróis e, até certo ponto, os colonos brancos, pois todos eles eram modelos de excelência. Usar gravata e comer com garfo e faca eram coisas mais cristãs que usar safári ou comer com as mãos.

Certos costumes, realmente, precisavam ser abolidos. A questão do *lobolo* (forma de casamento em que o noivo compra a noiva) até hoje é motivo de debates. As igrejas tendiam a desestimular a circuncisão feminina, embora esta não fosse uma prática muito difundida no Zimbábue. E há entre nós a tradição de matar um de cada dois gêmeos que

nascem. Eram coisas que deviam ser desestimuladas. Outras, porém, deveriam ter sido preservadas pelas igrejas. Estas tendiam a desestimular o sistema de família como unidade extensiva, na qual somos responsáveis por nossos pais. As igrejas davam ênfase ao individualismo. O que é mais cristão do que cuidar dos nossos irmãos e amar nossos vizinhos? Esse amor significa cuidar deles; não é bastante amá-los da boca para fora. As igrejas condenavam a poligamia, que não chegava a ser uma instituição destituída de responsabilidade social.

Naturalmente, as igrejas introduziram a noção de igualdade, uma filosofia cristã que mais tarde se transformaria em slogan político – o que, em si, foi uma contribuição positiva. Trouxeram também o desenvolvimento agrícola, melhoramentos médicos, a riqueza do povo. Mas foram aliadas tolerantes do sistema colonialista até muito tarde. Quando fomos ao sínodo, os missionários

brancos tomavam chá separados dos africanos. A igreja mantinha uma casa, um salário e um automóvel para o missionário branco; para o missionário negro, uma casa, um outro salário e uma bicicleta.

*A teologia da libertação é geralmente associada a condições de extrema pobreza. O avançado desenvolvimento do Zimbábue não a terá tornado desnecessária?*

— A maior parte dos frutos do nosso desenvolvimento continua concentrada em certos segmentos da população. Muita gente ainda vive ao nível da subsistência, de maneira que, como um país, não temos um padrão de vida tão elevado quanto um visitante poderia supor. Embora o governo esteja procurando diminuir a distância entre ricos e pobres, os habitantes continuam, em sua maior parte, condenados à verdadeira pobreza.

Após a independência, a mensagem da teologia da libertação muda, assume outras formas. Uma vez denunciada e alterada a relação senhores-escravos que existia no país, deve voltar-se para as relações internacionais e abordar a associação patrão-cliente mediante a qual as grandes potências exploram os recursos dos pequenos Estados, na verdade ameaçando-os e intimidando-os para aumentar sua própria esfera de influência. Nós mesmos já fomos intimidados.

E agora que sacrificamos tanto pela independência, acha que podemos permitir que pessoas de fora determinem

nossa política e nosso destino? Não esperamos que todos apóiem o que fazemos, mas insistimos no direito de tomar nossas próprias decisões. Nossa independência deve ser respeitada. Quanto à teologia da libertação, cabe-lhe finalmente enfrentar a dinâmica entre pobres e ricos em escala global. Existem tensões a serem resolvidas entre a hierarquia e o Estado secular e ainda sobrevivem ilhas de colonialismo, como a Namíbia.

Como cristãos, devemos estar atentos para a desumanização, em qualquer lugar ou sob qualquer forma. Não podemos ficar indiferentes à

tação é necessária.

*Em quê a educação missionária e religiosa contribuiu para o desenvolvimento da conscientização revolucionária entre os atuais dirigentes do Zimbábue?*

— Somos todos produtos de escolas missionárias. E muitos dos líderes foram motivados pelos ensinamentos cristãos acerca da fraternidade e da igualdade do homem, ou pelo menos pela contradição entre os nossos ensinamentos e o que se via na sociedade, fora das escolas.

Infelizmente, muitos missionários preferiam morar em bairros de brancos ao invés de morar no meio do povo. A experiência com as missões realmente contribuiu para o desenvolvimento do nacionalismo africano. Mas não estou seguro quanto ao que ela realmente significou. Ao mesmo tempo em que estimulou o surgimento desse nacionalismo, retardou-o. Em alguns casos, a hipocrisia cristã afastou muita gente da religião. Todo o processo de socialização missionária era contraditório, tanto em termos políticos como em termos pessoais.

No meu caso, por exemplo, sempre que eu criticava o regime de Smith, os missionários diziam: "Toda vez que Banana abre a boca, faz um pronunciamento político inflamado. O que lhe falta é teologia". insultaram-me em diversos comitês religiosos por me acharem controvertido demais. Na época, o Conselho Mundial de Igrejas (WCC) tinha decidido



Ian Smith

opressão que existe na África do Sul. Seja qual for o estado de coisas existente no Zimbábue, continua a haver necessidade da teologia da libertação. O nível de desenvolvimento não faz qualquer diferença. Fiquei assombrado ao ver a riqueza ao lado da pobreza em Washington, nos Estados Unidos. Até lá a teologia da liber-

apoiar a luta pela libertação, o que logo se transformou em tema de acirrados debates. Declariei que se tratava de um gesto magnânimo, uma reação do WCC ao sofrimento humano, uma fonte de esperança para os africanos. Minha própria igreja condenou o que considerava a ajuda a terroristas e o incitamento à violência. Eu não podia aceitar essa atitude e, portanto, abandonei a igreja. De lá para cá, porém, já nos reconciliamos.

## O "novo homem" e o socialismo

*E sobre a noção do "Che" Guevara quanto ao "novo homem" criado pelas instituições socialistas? Acha possível essa transformação no caso do povo do Zimbábue?*

– A interdependência é crucial para o desenvolvimento dessa nova pessoa. Temos de criar um ser humano isento de restrições raciais. Não um negro como tal, mas uma pessoa livre de identidades raciais, regionais ou tribais – um zimbabweano, antes de mais nada. Uma vez surgidas e nacionalmente conscientes, essas pessoas perderão o seu individualismo. A competição é um dos dogmas centrais do capitalismo. O indivíduo acumula riqueza às custas de outros. Para a fé cristã, isso é repugnante.

Há quem argumente que a competição é tolerável quando praticada por meios legítimos. Isso é impossível. Há quem diga que, se os trabalhadores não estivessem empregados (em empresas capitalistas), não te-

Novop.



**"Temos de criar um ser humano isento de racismo"**

riam meios de sobreviver; pelo menos, como empregados, recebem alguma coisa. Mas, quando um fazendeiro emprega cem pessoas, pagando 10% aos trabalhadores e ficando com o resto, onde está a justiça?

Na fazenda coletiva, há pelo menos uma recompensa justa para o trabalho de cada um. Sempre que possível, estimulamos o sistema de ações entre trabalhadores e a gerência coletiva das cooperativas – sob os quais as pessoas trabalham em conjunto e dividem os rendimentos. Estabelecemos a estrutura de um salário mínimo. Promovemos valores tradicionais em contraposição a outros valores culturais negativos importados do Ocidente, como drogas, alcoolismo, aborto – coisas que antes não existiam entre nós.

Não estou dizendo que queremos acabar com a agricultura privada na África. Mas houve tempo em que tínhamos um contingente de trabalho escravo neste país. Os trabalhadores eram pagos com rações e

não com dinheiro. Não queremos destruir a viabilidade da economia, mas quando as pessoas sentem que fazem parte do local onde trabalham, a produtividade delas aumenta. Do contrário, os empregadores são sabotados.

Temos no Zimbábue uma situação insustentável na qual os lucros da indústria vão para a África do Sul e para os Estados Unidos, em lugar de serem canalizados para o desenvolvimento local. Queremos que o povo em massa se beneficie.

*E quanto ao papel da religião no desenvolvimento do "novo homem" ou de uma nova consciência zimbabweana? Não estaria o cristianismo demasiadamente envolvido com o imperialismo para exercer esse papel? Não seria este o caso, dado o sucesso do islamismo na África?*

– Um estudo comparativo das obras do cristianismo indica, naturalmente, que este facilitou a colonização das mentes. Precisamos agora de uma estratégia para descolonizar a

mente do povo. O marxismo, na verdade, usa o materialismo para combater o próprio materialismo. Há necessidade de uma ética que ressalte a dignidade do povo africano e os elementos positivos de suas tradições – o que tenho em mente é algo mais parecido com o *black power* do que com o marxismo. Mas, naturalmente, é preciso evitar o racismo. Temos de lavar o povo, deixá-lo limpo, eliminar da sua mentalidade o conceito de raça superior ou inferior.

Para que aceitemos outras culturas, devemos primeiro aceitar a nossa. O mesmo trabalho tem de ser feito também com os zimbabueanos brancos. Enquanto o africano foi deformado por um senso de auto-rejeição, o branco era deformado por um senso de superioridade. Os brancos também precisam ser libertados desse conceito. Dá pena ver como nossas crianças conseguem brincar juntas tão bem em nossas escolas, enquanto algumas pessoas mais velhas se recusam a ceder. Nossa esperança está na juventude.

### Igreja e Estado

*Qual a interação entre religião e cultura popular no Zimbábue?*

– A religião cristã não é sinônima de cultura no Zimbábue, mas tornou-se uma modalidade de fé. O cristianismo não é tão culturalmente definido como o islamismo. Embora não possa e não deva transformar-se em ideologia como tal, deve informar os sistemas

68 – terceiro mundo

políticos e econômicos reinantes. O cristianismo é essencialmente socialista, na minha opinião. Mas pode ser redentor, pode redimir as ideologias dominantes e transformá-las.

*Dados os objetivos explícitos do Estado, que papel terão as igrejas na transformação desejada? Devem elas abdicar do controle em favor de uma direção mais próxima das bases?*

– Ainda hoje vivemos sob um imperialismo religioso. Precisamos da teologia da libertação. Mas a hierarquia atual não irá abdicar voluntariamente do controle que exerce. Alguma coisa – que ainda não sei o que é – tem de mudar. A teologia deve ser definida em relação ao contexto social, à nova ordem reinante no Zimbábue. O maquinismo do processo decisório deve ser “indigenizado”. Deve-se criar uma igreja do povo e não para o povo.

A igreja deve estar diretamente envolvida na reconstrução nacional. O primeiro-ministro Robert Mugabe e eu já convidamos as igrejas a serem sócias do desenvolvimento. É uma verdadeira oportunidade para que a igreja exerça a sua influência sobre as medidas e os programas do governo. Sem a participação da igreja, sem os seus efeitos humanizantes, o desenvolvimento pode ser uma experiência tecnocrática vazia.

As igrejas também não precisam abdicar da sua identidade, mas certamente a igreja e o Estado devem trabalhar em uníssono para os objetivos e

ideais que temos em comum. Todos desejamos melhorar a qualidade de vida do povo do Zimbábue. Talvez haja diferença nos meios que cada um acha adequados para atingir esse fim, mas precisamos explorar as áreas que temos em comum.

O papa João XXIII disse, ao abrir o Concílio Vaticano II: “Não ponhamos ênfase naquilo que nos divide e sim naquilo que temos em comum. Se começarmos com o que temos em comum, veremos que as diferenças são diminutas e não insuperáveis”. É esta a minha mensagem às igrejas. Que aceitem a mudança e se transformem para que tenham algum significado na construção de uma nova sociedade zimbábueana.

Thomas Fiehrer e  
Robin Derby

Third World Book Review

Nosso pai que estás no gueto,  
Enxovalhado é o teu nome,  
Em toda parte vê-se a tua  
servidão,  
Todos riem de tua vontade  
Como de miragens no céu.

Ensina-nos a exigir  
Nosso quinhão de riqueza.  
Perdoa nossa docilidade  
Quando imploramos justiça.  
Não nos deixes cair em  
cumplicidade  
Mas livra-nos de nossos  
temores,  
Pois teu é o poder soberano,  
A força e a libertação  
Para todo o sempre.  
Amém.

Canaan Banana (1974)

# Um desafio para a guerrilha

A vida dos combatentes do Novo Exército Popular nas inóspitas montanhas das ilhas mostra o alto grau de conscientização dos rebeldes filipinos

Estejos nas ruas das grandes cidades, mobilizações de dezenas de milhares de pessoas constituíram a expressão mais clara da alegria com que foi recebida pela população filipina a notícia do início da trégua de 60 dias — que poderá ser renovada — entre as forças armadas e os guerrilheiros do Novo Exército Popular (NEP).

O acordo que levou à trégua, iniciada a 10 de dezembro, foi o primeiro desde o início da insurreição, em 1969. Muitos guerrilheiros que, até a véspera, estavam na clandestinidade, aderiram às festas, alguns usando máscaras. Agora, os combatentes não podem usar armas nas áreas urbanas e terão distintivos especiais para se identificarem diante das patrulhas de soldados que continuarão na vigilância nas grandes cidades e zonas rurais. O acordo proíbe expressamente que qualquer das partes desarme ou prenda o adversário.

As negociações vinham sendo realizadas há vários meses e entraram na reta final no mês de novembro passado, quando um dos

Reuter



O povo festejou a trégua assinada por Corazón Aquino e o NEP

mediadores da parte do governo, Ramón Mitra, deu a notícia de que haviam chegado a "um acordo de princípios", a partir do qual questões específicas iriam sendo negociadas.

As forças do NEP são caiçuladas pelo governo em cerca de 23 mil combatentes e os militares vinham pressionando a presidente Corazón Aquino para conseguir o cessar-fogo de uma vez por todas ou abandonar a idéia de negociar com os rebeldes

e partir para uma solução militar. A situação entre O Executivo e as forças armadas tinha se tornado muito tensa em função da tentativa de golpe de estado que acabou com a renúncia do ministro da Defesa, Juan Ponce Enrile, inimigo de qualquer negociação com os rebeldes.

A trégua veio dar uma particular vigência ao artigo que publicamos a seguir, que mostra a vida nas áreas rurais, onde o NEP tem a sua principal base política.

**P**oucos conhecem tão bem as montanhas da ilha de Samar como Badang. Ela desce sem esforço as picadas lamacentas, conhece perfeitamente o rumo dos rios e sabe o local onde brota a água, em nascentes escondidas no meio do mato.

Para os habitantes das montanhas, ela é ao mesmo tempo filha e amiga. Assim como eles, ela é filha de camponeses, cresceu e tornou-se forte, conseguindo sobreviver contra a hostilidade dos elementos e a pobreza de uma ilha que o progresso esqueceu.

Basyo é um homem forte e empertigado. Desde criança, queria ser soldado e chegou mesmo a ser cadete-comandante de sua classe no ginásio, na parte leste da ilha. Os pais, lavradores pobres, tinham de sustentar a família com o que conseguiam tirar de um pequeno pedaço de terra e não podiam dar-se ao luxo de mandar Basyo para uma escola superior. De sorte que, logo depois de terminado o ginásio, Basyo fugiu de casa e juntou-se aos guerrilheiros nas montanhas.

Badang já teve quatro filhos, dois dos quais morreram

do envolve o acampamento de Bukang Liwayway, posto de treinamento do NEP escondido entre as árvores, no recesso das montanhas, aonde somente se chega através de picadas que Badang conhece tão bem. Guerrilheiros de 12 a 47 anos de idade, organizados em cinco pelotões, tomam posição de sentido para cantar a "Internacional" em waray, idioma nativo, enquanto içam a bandeira vermelha com três estrelas douradas. A bandeira representa a Frente Democrática Nacional (FDN), movimento rebelde aliado ao NEP.

Não é difícil compreender por quê essas pessoas estão ali. Quem não sabe, pode perguntar a qualquer um dos 200 camponeses guerrilheiros da Companhia 2. Basyo, por exemplo, diz com orgulho que está lutando "porque pertenço à classe dos oprimidos".

Samar é um solo fértil para revoluções. A terceira maior ilha do arquipélago das Filipinas, Samar é também a mais pobre. Sua primitiva economia agrícola é quase totalmente dominada pelos senhores de terras que, tradicionalmente, cobram dois terços de cada colheita a título de aluguel. A renda média anual dos habitantes da ilha fica bem abaixo do nível de pobreza, e a desnutrição é uma das dez principais causas de óbitos. A taxa de alfabetização da ilha é uma das mais baixas das Filipinas, país em que 11% da população não sabem ler nem escrever. O resultado é que Samar é uma das regiões do mundo que mais produzem



Mulheres combatentes: orgulho por lutar em favor dos oprimidos

Badang tem 23 anos de idade e pouco menos de 1,50m de altura. Não parece um soldado, nem mesmo com um rifle Armalite a tiracolo e uma pesada mochila às costas. Mas é veterana de seis anos de luta armada, tendo-se engajado com a idade de 17 anos no Novo Exército Popular, braço armado do Partido Comunista das Filipinas. Aos 19 casou-se com Basyo, que hoje tem 30 anos e chefia uma companhia do NEP na parte oeste de Samar.

de catapora. Mortalidade infantil é coisa comum em Samar e a morte dos seus dois filhos não trouxe tanta dor a Badang quanto a atual separação das duas filhas que moram com a avó. Empregando a linguagem da guerra, ela descreve o seu conflito pessoal, o esforço que faz para vencer aquele inimigo invisível – a dor da separação.

#### Solo fértil para revoluções

A bruma da manhã nascen-



Noventa por cento dos guerrilheiros são camponeses, quase todos eles armados com possantes rifles

emigrantes. Nos anos 60, 77% da população abandonaram Samar e partiram em busca de uma vida melhor.

Os primeiros quadros comunistas começaram a se organizar em Samar em 1971, com um esquadrão de guerrilheiros mal equipados. Nos anos 70, o número de guerrilheiros cresceu, apesar das maciças operações de contra-insurreição empreendidas pelo governo. Na verdade, os ataques militares fizeram crescer o apoio do povo ao NEP. Hoje, os líderes rebeldes afirmam que toda a ilha está infestada de guerrilheiros do NEP, organizados em pelotões e companhias. Noventa por cento deles são camponeses, quase todos armados com rifles possantes. Os líderes afirmam exercer o controle de dois terços da ilha, acrescentando que 77% das 1.600 aldeias – ou *barrios* – de Samar mantêm organizações revolucionárias de massa.

Ka Koy participou daquele esquadrão original do NEP em

Samar e, hoje, aos 47 anos de idade, é o mais velho guerrilheiro da Companhia 2. Escuro de terra, seu rosto nos diz que ele é descendente de camponeses e, em suas mãos, o rifle Armalite parece tão natural quanto um arado. Ka Koy fugiu para as montanhas no começo da década de 70, quando, como militante da organização camponesa do seu *barrio*, atraiu para si a ira dos militares.

#### Dos 12 aos 47 anos

Allen – que, aos 12 anos, é o elemento mais novo da companhia – distrai-se com soldados de brinquedo quando não está fazendo exercícios com os outros guerrilheiros. Órfão, juntou-se a um grupo de rebeldes que visitou o seu *barrio* e nunca mais quis deixá-los; trouxeram-no para o acampamento, onde ele trabalha como ordenança e participa dos exercícios.

A vida e a alma da Companhia 2 é Ka Atong, o comissário

político. Caminha de um lado a outro do acampamento, vestido apenas um calção, sempre com um sorriso no rosto. Antes da declaração da lei marcial, ele trabalhava como “foca” (repórter iniciante) na redação do *Manila Times*. Depois que passou a atuar no movimento trabalhista, foi detido pelo governo. Na cadeia, teve como companheiro de cela o ex-deputado Orly Mercado, figura muito conhecida na política e na TV. Ele ainda hoje se lembra de ter visto Mercado, num acesso de loucura e desespero, plantando mangas no Forte Bonifácio, em Manila.

A vida em Bukang Lawawayway, para onde os soldados retornam uma ou duas vezes por ano para breve treinamento, começa ao nascer do sol, quando os guerrilheiros são acordados por um sino. Saem das suas barracas, feitas com folhas de palmeira e caules de bananeira, e posicionam-se no acampamento, segundo o pelotão a que pertencem. For-

madas as fileiras, iniciam a prática matinal, que consiste em uma hora de marcha e exercícios.

Em seguida, vem o banho nas águas frias de um riacho que atravessa o acampamento. O café da manhã consiste em arroz e peixe ou, como em todas as outras refeições, daquilo que tiverem para comer no momento: caracóis, rãs, pequenos animais de caça, cobras e até mesmo macacos. Enquanto estão em treinamento, os guerrilheiros recebem rações adicionais de arroz — o

táculos, ao passo que outros ouvem palestras sobre teoria política ou estratégia militar. As guerrilheiras recebem lições sobre o uso terapêutico de ervas ou tarefas burocráticas tais como administração de finanças ou coleta de informações militares.

Ao fim do dia, após o jantar, todos se reúnem para cantar e dançar. As canções, em waray, falam da vida nas montanhas, da opressão a que estão sujeitos os camponeses, da revolução. As danças são interpretativas, executadas

gado na aquisição de outros itens essenciais, como sabão, pasta de dentes e remédios. Caso um pelotão consiga economizar parte do orçamento, pode dar-se ao luxo de comprar coisas extras como calções, sapatos, cartucheiras, mochilas e calças de tafetá — o mesmo tecido usado na fabricação de guarda-chuvas e que é preferido pelos guerrilheiros por ser leve e secar rapidamente.

Para financiar esse orçamento, o movimento guerrilheiro conta com o apoio das comunidades organizadas, complementado pelos impostos cobrados das grandes empresas que operam na ilha.

Ka Larry, ex-seminarista e um dos líderes do partido na ilha, fala das dificuldades de fazer trabalho político entre camponeses semi-analfabetos. Muitas vezes, o próprio movimento teve de lançar campanhas de alfabetização a fim de facilitar seu trabalho de organização militar e política, pois os camponeses analfabetos tinham dificuldade em compreender certas noções abstratas como imperialismo ou estratégia militar.

Em pouco tempo, os guerrilheiros instituíram um curso básico destinado a recrutar membros para o partido. O curso junta a teoria marxista à história das Filipinas. Embora simples, é um curso completo; hoje, é utilizado por todos os membros do partido em todo o país.

Os militantes do partido também ingressaram na área da produção, ensinando aos



A vida dos combatentes no acampamento nas montanhas é espartana

equivalente a quatro latas de leite para cada cinco pessoas. Em campanha, onde ficam a maior parte do tempo, cada guerrilheiro recebe somente dois terços de uma lata de arroz por refeição.

A cerimônia do hasteamento da bandeira é às oito horas; em seguida, os guerrilheiros tratam de suas tarefas diárias. Alguns cuidam da horta de legumes, outros vão trabalhar no refeitório. Uns se exercitam em corridas de obs-

equivalentes a quatro latas de leite para cada cinco pessoas. Em campanha, onde ficam a maior parte do tempo, cada guerrilheiro recebe somente dois terços de uma lata de arroz por refeição.

A vida nas montanhas é espartana. Badang, que também é o oficial intendente da Companhia 2, informa que o orçamento para cada guerrilheiro é de apenas 185 pesos (cerca de 10 dólares) por mês. A maior parte dessa quantia é gasta em comida; o que sobra é empre-

campões novas técnicas agrícolas e incentivando-os a diversificar o plantio. Para os guerrilheiros e organizações de *barrios*, davam cursos sobre saúde, com ênfase na acupuntura e no uso de ervas medicinais. Esses cursos foram responsáveis por um grande progresso das equipes de saúde do NEP em Samar, que hoje são capazes de fazer operações cirúrgicas básicas e até amputações, embora reconheçam que nem sempre é fácil decidir quando amputar.

### Governos rebeldes

Em muitos dos *barrios* organizados, há um governo rebelde, uma espécie de conselho que estabelece as normas de saúde, educação, defesa e economia local. Para a defesa, há as milícias locais, compostas de campões voluntários equipados com armas rudimentares como a *pugakhang*, espécie de espingarda de fabricação caseira. Todos os setores principais da comunidade – lavradores, mulheres e jovens – são perfeitamente organizados.

Nos *barrios* onde não existe um conselho, a liderança é exercida geralmente pela organização camponesa local.

Ka Larry afirma que as comunidades camponesas organizadas, com o apoio dos membros do partido e dos guerrilheiros do NEP, obrigaram os senhores de terras a reduzirem o aluguel para um terço das colheitas. De início, os lavradores escondiam dos donos de terras a parte da colheita que lhes seria reservada.

1987 – Janeiro – nº 97



Grupo transporta um companheiro ferido para tratamento médico

Depois, à medida que as organizações camponesas ganhavam força, passaram a enfrentar diretamente os donos de terras. Em alguns casos, as terras foram tomadas por associações camponesas.

Os líderes rebeldes vêem nessa “reforma agrária” a principal conquista do movimento. E acrescentam que jamais deporão armas se tiverem de abandonar esta e outras vitórias que alcançaram.

### Oposição à trégua

A revolta de fevereiro último, que derrubou o regime de Ferdinand Marcos, mal se fez sentir em Samar. De fato, nessas montanhas onde a vida é tão dura, é difícil imaginar o carnaval que foi a revolta em Manila. Ali, a realidade continua a ser feita de fome e de guerra. Só agora começam a ser reconstruídas as aldeias arrasadas pelas operações militares de busca e destruição. As batalhas continuam a ser travadas: chegou recentemente à ilha um novo batalhão de soldados do governo.

Os líderes rebeldes dizem ser favoráveis às atuais negociações para o cessar-fogo. Uma trégua representaria um repouso para os guerrilheiros, tempo para treinamento e educação e tempo para ajudar os campões a aumentarem a sua produção.

Mas, entre as fileiras e até mesmo nas aldeias organizadas, há resistência contra essa idéia. “Nossa dificuldade, diz Ka Larry, é fazer o povo compreender que não há nada de mal num cessar-fogo, que a liderança não está cometendo um erro quando aceita negociar”.

O camponês, tendo adquirido certo poder e orgulho em manejar uma arma, mostra-se naturalmente relutante em desfazer-se dela. Como explicou Ka Larry, a luta armada conquistou para ele muitas das coisas essenciais que lhe vinham sendo negadas em Samar há tanto tempo: terra, instrução básica, boa saúde e, acima de tudo, um profundo senso de amor-próprio. •

**Sheila S. Coronel/Third**

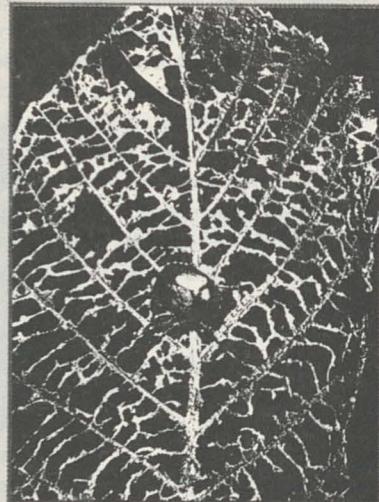
*World Network Features*

terceiro mundo – 73

edições  
*Avante!*

## DOSSIER

# MALHAS QUE O CAPITAL TECE



Por que motivo mandou Reagan bombardear a Líbia?  
O que visam as cimeiras do «clube dos ricos», como a que recentemente se realizou em Tóquio?  
Que razões levam o imperialismo a jogar na agudização da situação internacional?  
Que sugerem os que afirmam ter começado já a Terceira Guerra Mundial?  
Quantas e quantas perguntas não formulam os portugueses, particularmente os trabalhadores, muitas vezes sem conseguirem encontrar as respostas. Daí a importância de livros como este.  
Que pode não nos dar a resposta expressa, directa. Mas que nos fornece os elementos indispensáveis para, nós próprios, encontrarmos as respostas para as perguntas que formulamos.

# Romper o bloqueio informativo da ditadura

Com novas formas de organização e em estreita ligação com os leitores, as revistas abrem um espaço de informação alternativa e criam o germe do futuro sistema de comunicação

A revista chilena "Análisis", fundada há oito anos por um núcleo de jornalistas, foi um dos alvos escolhidos pela ditadura do general Pinochet para descarregar sua fúria repressiva, depois do atentado contra o ditador em setembro passado. Após a imposição do estado de sítio, não só foi fechada, juntamente com outros órgãos da imprensa democrática, como também o seu editor internacional, José Carrasco Tapia, foi sequestrado e brutalmente assassinado.

Poucas semanas depois desses acontecimentos, cadernos do terceiro mundo teve a oportunidade de conversar com o diretor de "Análisis", Juan Pablo Cárdenas, quando de sua visita ao Brasil, na companhia de Silvia Carrasco, viúva de Carrasco Tapia, para receber o prêmio jornalístico "Vladimir Herzog". Esse prêmio é concedido pelo Sindicato dos Jor-

nalistas de São Paulo a jornalistas que se destaquem na luta pela democracia, em memória do jornalista brasileiro Vladimir Herzog, morto na tortura durante o governo do general Ernesto Geisel.

Na entrevista que se se-

gue, Cárdenas fala daquilo que significa estar à frente de uma publicação de oposição que, convivendo com a ditadura de Pinochet, alcançou o maior nível de vendas no país, as formas de organização interna e de relação com os leitores que foram criadas para a revista subsistir, além de falar da forma como vê o futuro dos meios de comunicação num Chile democrático.

*Conte-nos um pouco da história de "Análisis"...*

— "Análisis" é uma publicação que surgiu no ano de 1977, fundada por um conjunto de pessoas — jornalistas, intelectuais e políticos — do mais amplo espectro político chileno. A revista surgiu com o objetivo de romper o bloqueio infor-



Manifestação de protesto contra a prisão de Cárdenas

mativo imposto pelo governo que, nessa data, controlava praticamente todos os meios de comunicação. "Análisis" pode existir graças a um patrocínio que a igreja católica lhe dá por meio de uma instituição acadêmica. Foi uma revista mensal nos seus primeiros tempos, de pensamento político, com poucas características jornalísticas, mas que com o correr dos anos foi se transformando num meio de comunicação mais amplo, passando a ser quinzenal e logo depois semanal.

Em 1980, depois de promulgada a nova Constituição, fomos reconhecidos como um meio de comunicação social como outro qualquer na sociedade chilena. Podemos circular através do país, como acontece com as outras revistas.

Na época em que fecharam nossa publicação, com a decretação do novo estado de sítio, a revista, segundo as pesquisas sobre circulação, ocupava o primeiro lugar. Atualmente é a publicação mais lida no país. Sua presença semanal e a incorporação de uma equipe de jornalistas a transformaram em um dos principais meios da oposição na defesa dos direitos humanos, na promoção da democracia e da mobilização do povo chileno para acabar com a ditadura.

*Qual o papel que a revista desempenhou nesse período?*

– O impulso inicial foi romper o bloqueio informativo imposto pelo regime, como já disse, que contava praticamente com todos os meios de comunicação a seu favor. Sis-

tematicamente, tudo o que acontecia no país era ocultado, escamoteavam-se as informações daí que acontecia no mundo. Assim, era importante poder dar ao povo do Chile uma visão diferente, mais vinculada à realidade, além de servir na promoção da luta contra a ditadura. Sem im-



Reprodução de uma "Análisis"

prensa, sem meios de comunicação, é muito difícil que o povo possa se mobilizar e fazer acordos políticos. Achamos que nisso nós cumprimos, juntamente com outras publicações, um papel fundamental.

As revistas hoje em dia no Chile têm uma influência muito grande, talvez superior à influência dos partidos políticos e das organizações sociais. Elas circulam todas as semanas, têm uma distribuição nacional e embora, sem dúvida, não possam fazer um maior contrapeso à imprensa oficial, que controla toda a televisão ou as grandes cadeias de jornais diários, chegam a um vasto setor da população. Seus leitores têm bastante influência nos diversos setores sociais,

políticos, populacionais.

*Poderá chegar a uma difusão de massa?*

– No Chile, como em todos os países da América Latina, as revistas não atingem uma venda maciça. No entanto, sob a ditadura, as revistas democráticas conseguiram índices de venda e de circulação que são completamente excepcionais em relação ao que acontecia no Chile antes e ao que acontece em outros pontos da América Latina. Acreditamos que quando essa situação ditatorial for superada, as revistas vão voltar a ter a circulação e o alcance que tinham no passado, mas hoje têm uma influência extraordinária. E, se bem que o governo tenha permitido esses espaços, porque achava que eles não poderiam enfrentar o grande poder que ele manipulava, hoje ele está empenhado em perseguir esses meios de comunicação.

Na prática, a única razão de ser do estado de sítio é fechar as revistas opositórias. Em particular, "Análisis" é submetida constantemente a processos perante os tribunais militares e civis, o que está colocando muitos obstáculos ao nosso trabalho, embora isso tenha servido também para que a revista circule mais e consiga um apoio nacional, que definitivamente é o principal na nossa sustentação.

#### A estrutura

*Como a revista é organizada internamente?*

– Na revista, nós pratica-

mos uma fórmula bastante complexa, mas inovadora. "Análisis" é uma sociedade anônima e seus estatutos definem que o seu objetivo fundamental é a comunicação com renúncia do lucro, de tal forma que todas as suas receitas são inteiramente distribuídas na remuneração do pessoal. Não há um sócio, um dono capitalista que receba rendimentos pelo exercício da revista. Ao contrário, a administração é do pessoal, dos jornalistas e todos os recursos com que contamos é a comunidade de "Análisis" que decide sobre o seu destino.

Assim, são os jornalistas, na reunião de pauta, que determinam absolutamente os conteúdos da publicação. Não há um conselho empresarial que determine a linha, a orientação da revista, são os jornalistas, que exclusivamente, que diagramam a revista semana a semana. Depois, também é sobre eles que recai toda a responsabilidade da sua execução.

Por outro lado, praticamos um jornalismo que busca abrir uma tribuna e expressão para os mais amplos setores ideológicos. A revista não tem uma fé, não está vinculada a nenhuma religião, nem a um pensamento político em particular. Trabalha com a realidade chilena, procurando abordá-la com plena liberdade e independência profissional. Todas essas pequenas características formam, de algum modo, a nossa maneira de conceber os meios de comunicação. E dessa experiência de "Análisis", como também das outras publicações, sem dúvida alguma,

1987 - Janeiro - nº 97

vão surgir propostas para o futuro sistema de comunicação chileno. Acho que o país espera que os jornalistas desempenhem um papel importante na publicação, mas também es-



José Carrasco Tapia

pera que o povo organizado possa expressar-se livremente.

Nós mantemos um contato muito estreito com nossa comunidade de leitores, coisa que não acontecia antes. "Análisis" é uma tribuna aberta a quem quiser escrever e participar dela. Uma recapitulação dos nossos oito anos de existência

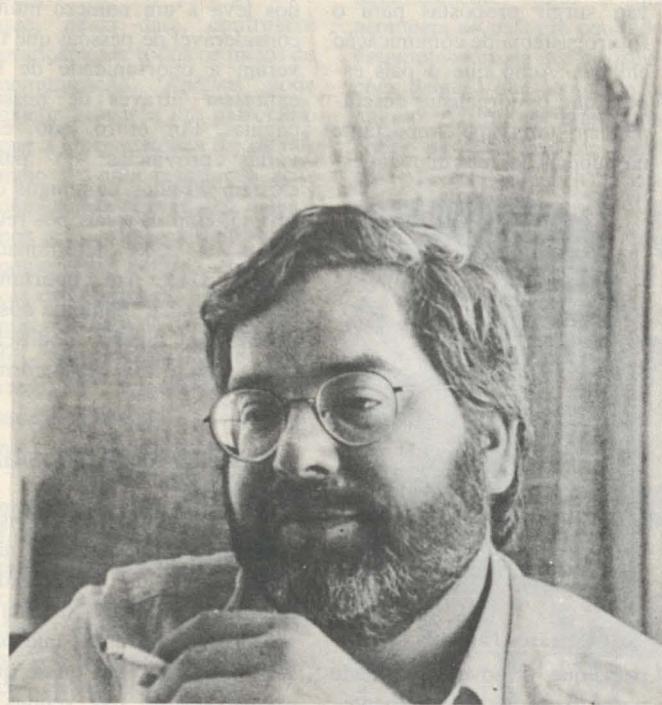
nos leva a um número muito considerável de pessoas que tiveram a oportunidade de se expressar através de nossas páginas. Por outro lado, em várias províncias do país, existem círculos de amigos da revista, com os quais nos reunimos a cada determinado tempo e aí eles têm a oportunidade de avaliar diante de nós a publicação, sugerir modificações, criticá-la e dessa forma apoiá-la.

#### *Como se sustentam, financeiramente?*

— O sustento da revista também é inovador. Nós não dependemos de publicidade. Marginalizados pelo sistema e pelo Estado, tivemos que basear nossas receitas quase que exclusivamente nas vendas e em campanhas de financiamento tanto nacionais como no estrangeiro. A imprensa tradicional vive da publicidade, mantém relações mais estreitas com as empresas do Estado e as privadas do que com os leitores, com seus usuários. Nós



A nossa revista trabalha com a realidade chilena"



Cárdenas: "Promover uma profunda reforma nas comunicações"

vivemos graças à contribuição dos nossos leitores, graças a uma venda importante e graças a inúmeras campanhas de autofinanciamento. Isso também é uma contribuição para aquilo que pode vir a ser o sistema de comunicações do amanhã.

Nós acreditamos que o Estado tem que impedir que os meios de comunicação dependam da publicidade. Oxalá os meios de comunicação não tivessem nenhuma receita por essa forma, porque sabemos que definitivamente o dinheiro impõe a linha ideológica da publicação.

Todas essas características da nossa revista nos levam a crer que vamos estar em muito boas condições de promover uma reforma de fundo no sistema de comunicações chileno.

78 - terceiro mundo

Nossa experiência significa, sem dúvida, uma contribuição ideológica à forma que esse sistema vai ter.

#### Relações com o movimento popular

*Quais são as suas relações com as organizações populares?*

– Nós temos uma excelente relação com as chamadas organizações vivas, democráticas chilenas. Os estudantes organizados, as associações de moradores, todas as organizações de defesa dos direitos humanos, os aparelhos sindicais, os exilados. Nossa publicação foi a primeira no Chile na qual os exilados chilenos puderam escrever e participar do debate nacional. Nossa publicação tem

mantido uma relação muito estreita com todas as organizações sociais que convocaram greves, mobilizações e protestos. Também, como dizia, com os estudantes, que hoje em dia estão travando uma luta muito importante contra Pinochet.

O Colégio de Jornalistas do Chile vai realizar brevemente um congresso, no qual sem dúvida esse assunto vai ser debatido. Aí vão surgir seguramente propostas importantes sobre como os jornalistas visualizam o futuro sistema de comunicações chileno.

#### *Como seria esse sistema?*

– Em termos gerais, o direito de liberdade de expressão não é exclusivo dos jornalistas, nem dos meios de comunicação social; é um direito que corresponde ao povo. Numa sociedade socialista e democrática futura, cabe à comunidade organizada, ao povo organizado, manter, criar e sustentar os meios de comunicação. Os jornalistas devem contribuir com o seu conhecimento técnico, participar como todos os chilenos da expressão de suas idéias, mas em definitivo é o próprio povo que deve utilizar esses canais para divulgar suas preocupações, suas visões, suas inquietações.

*E qual é a atitude da equipe de profissionais de "Análisis" diante do monopólio privado da comunicação e da informação?*

– Ao afirmar que, no passado, embora existisse maior tolerância informativa, não havia um sistema de comunicação

democrático, estamos conscientes de que este era dirigido por interesses e grupos econômicos que concebiam a comunicação como mais um negócio no qual era bom investir. A imprensa oficial, o sistema tradicional no Chile, está absolutamente falido. Eu acho que se a ditadura acabar, nenhuma das grandes cadeias e monopólios informativos chilenos vai poder se sustentar. Eles têm se mantido graças ao apoio econômico direto do regime, mas seus índices de venda, o destino precário que tiveram os negócios daqueles que são os donos desses meios, coloca-os numa situação muito vulnerável para enfrentar o futuro.

Jornais diários como *El Mercurio* e *La Tercera* dificilmente vão poder se manter. Por outro lado, a sua participação em todos esses anos e o seu compromisso tão direto

com a ditadura, com certeza vão levar os chilenos a pedirem sua dissolução definitiva.

Não creio que no Chile, de forma alguma, o sistema de comunicações que tínhamos no passado possa ser restaurado. Vamos ter que construir um sistema completamente diferente, no qual o Estado garanta ao povo o direito de se expressar através dos meios de comunicação. Creio que é isso que os chilenos esperam, pois estão completamente desiludidos com a atitude servilista que a grande imprensa chilena tem tido e, com certeza, com a ação do governo através dos meios de comunicação, que são do Estado e não do governo, mas o governo age como se fossem seus.

#### Depois do estado de sítio

*Como vê o momento atual que o Chile está atravessando*

*e o seu futuro a curto prazo?*

— Depois do estado de sítio, o Chile passou a viver em clima de terror, como nos primeiros tempos. Centenas de dirigentes foram presos, muitos foram brutalmente torturados. A atividade política está totalmente proscrita; nas grandes cidades, existe um clima policial que afeta e atemoriza toda a população. O regime conseguiu silenciar a imprensa e paralisar a ação da oposição, mas superado o trauma desses primeiros meses, o povo demonstrou que torna a perder o medo, que começa a se organizar e a se preparar para continuar lutando contra a ditadura, custe o que custar.

Nós acreditamos que esse estado de sítio não vai se prolongar por tanto tempo como o anterior; o governo não vai se expor a utilizar o último instrumento que tem para que este seja vencido pelos chilenos



Reuter

"O povo demonstrou que começa a perder o medo, a se organizar e continuar a luta contra a ditadura"

e pelas organizações oposito-  
nistas. Vai levantar o estado de  
sítio e depois vamos voltar à  
normalidade, que no Chile é  
a luta e a mobilização do povo  
para ganhar a sua liberdade.

As posições intransigente-  
mente democráticas sairão  
fortalecidas e o governo, que  
hoje aparece como o grande  
vitorioso, acrescentará mais  
uma derrota ao processo irre-  
versível do povo chileno de  
conquistar seus direitos pisote-  
ados.

*Quais seriam as saídas po-  
líticas?*

— As únicas saídas políticas  
a muito curto prazo são as saí-  
das acidentais, a possibilidade  
de que os militares resolvam a

*Ulrich Kohls*



"Washington realmente não visa à libertação do Chile"

situação e decidam dar fim a um regime cada vez mais pessoal e menos institucional.

A médio ou a longo prazo, a saída só depende da força do povo e da possibilidade de

derrotar os opressores. Eu não creio que a pressão que os Estados Unidos estão fazendo vise à libertação dos chilenos. Os Estados Unidos incentivaram o golpe de estado e deram apoio incondicional à ditadura de Pinochet. A única coisa que Washington deseja é que o regime ditatorial se perpetue, mesmo que seja com a decisão de que Pinochet deixe o governo, mas de forma alguma está promovendo uma libertação, que, sem nenhuma dúvida, afetaria os seus interesses e os das classes dominantes que no Chile mantêm tantas relações com o imperialismo. Eu acho que esse segundo caminho é o mais provável.

Alejandro Tumayán

## Notas de Comunicação

### Diretor de jornal preso na África do Sul

Zwelakhe Sisulu, diretor do jornal *New Nation*, de Joanesburgo, encontra-se detido desde 11 de dezembro passado ao abrigo das novas leis de censura impostas pelo governo racista da África do Sul.

Esta não é a primeira vez que o diretor do mais importante jornal da maioria negra é preso pelo regime do *apartheid*. Ainda recentemente Sisulu havia sido novamente vítima da repressão do governo de Pieter Botha quando foi preso em agosto por altura da decretação do

estado de emergência. O conhecido jornalista iniciou a publicação do *New Nation* durante o ano passado, após ter sido editor do diário *Sowetan* e bolsista na "Nieman Foundation", na universidade norte-americana de Harvard, em 1984-85.

Zwelakhe Sisulu, filho de Albertina Sisulu, uma das três principais líderes da UDF, e de Walter Sisulu, um dos fundadores do ANC e seu secretário geral, e que cumpre pena de prisão perpétua junto com Nelson Mandela, é respeitado internacionalmente pelo seu intransigente anti-racismo e por representar uma imprensa alternativa aos que aberta ou camufladamente

defendem a ideologia do *apartheid*.

As novas leis de censura, impostas pelo regime racista da África do Sul, são mais uma tentativa do Estado para esconder da opinião pública interna e externa a repressão que diariamente se abate sobre o povo sul-africano. A nova mordaça baixada sobre a imprensa pelas autoridades do *apartheid* atinge tanto os meios de comunicação sul-africanos como os correspondentes internacionais em serviço no país, que assim vêm seriamente dificultado o seu trabalho de relatar as atrocidades de que são vítimas os patriotas negros sul-africanos.



**GRÁFICA EUROPAM, L<sup>DA</sup>**

Estrada Lisboa-Sintra, km 14 • Apart. 28 • 2726 MEM MARTINS Codex  
PORTUGAL Telef. 92 11461 • Teleg. -Europam

# A batalha contra o câncer

Os esforços do governo e do povo cubano para erradicar esse verdadeiro flagelo, uma das maiores causas de morte na ilha

O país que produz – segundo os apreciadores –, o melhor tabaco do mundo, está empenhado em que as pessoas deixem o cigarro ou fumem menos.

O projeto “Programa de luta contra o câncer até o ano 2000”, elaborado pelo professor Zoilo Morinello, assinala que, segundo uma série de cálculos teóricos, o câncer pulmonar e da laringe pode ser prevenido em cerca de 80%

com a simples eliminação do hábito de fumar.

O estudo chama a atenção para o fato de que das cinco principais causas de morte em Cuba, o câncer é a que cresceu mais rapidamente, a um ritmo médio anual de 2,8% entre 1978 e 1984, superando largamente as doenças cardíacas, que cresceram no mesmo período apenas 0,9%. Mantendo-se essa relação, o câncer seria a primeira causa de morte em

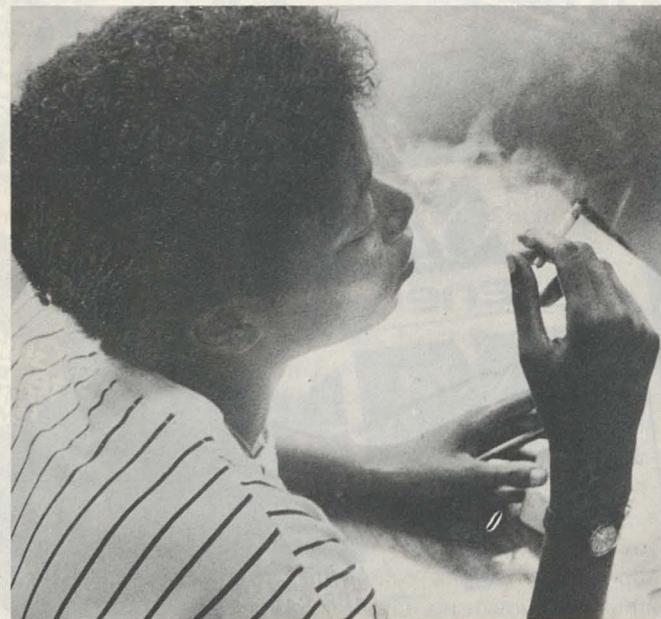
Cuba entre os anos 2005 e 2010, ultrapassando as doenças cardíacas.

Estudos de vários autores de reconhecido prestígio internacional consideram que o hábito de fumar é a causa de quase 90% dos cânceres pulmonares. A Organização Mundial de Saúde (OMS) avalia essas conclusões.

Não pode servir de consolo que a incidência e os tipos de câncer que se observam em Cuba sejam os mesmos que nos países mais desenvolvidos. Os órgãos mais afetados são o colo do útero, boca, esôfago e fígado. Em Cuba, como nos países mais desenvolvidos, a população em geral não morre de doenças infecto-contagiosas ou de sequelas provenientes de má nutrição, mas do coração, câncer e acidentes vários.

Calcula-se que no mundo morram por ano quatro milhões de pessoas devido ao câncer, número muito inferior às vítimas de doenças causadas por má nutrição ou insalubridade.

Relativamente a 30 países desenvolvidos, Cuba ocupa a 23<sup>a</sup> posição em mortalidade masculina devida ao câncer em geral, e a 22<sup>a</sup> em mulheres. No entanto, em mortalidade por câncer pulmonar os cubanos estão na 18<sup>a</sup> posição (homens) e na segunda, (mulheres) com uma incidência proporcional a dois terços da Grã-Bretanha, que ocupa a primeira posição, e quatro vezes mais do que a França.



O hábito de fumar é causa de 90% de câncer pulmonar

Essas cifras acenderam o sinal vermelho de alerta das autoridades sanitárias cubanas, ainda que não se observe uma proporção direta entre o lugar ocupado por Cuba entre os países com maior incidência de hábito de fumar no mundo (terceiro) e as mortes por câncer pulmonar. Estima-se, atualmente, que 42% da população cubana com mais de 17 anos, fumam. A média no resto da América Latina é de 37%.

A batalha contra o cigarro fez com que nos primeiros nove meses de 1986 se deixasse de vender quase 580 milhões de unidades. Os fumadores se vêem cada vez mais acossados nos lugares públicos ou nos locais de trabalho e de estudo. Os cartazes com a inscrição "É proibido fumar" proliferam. Os médicos que fumam (e não são poucos) só podem fazê-lo em salas ou lugares especiais nos hospitais, longe dos pacientes e nunca durante a consulta. Até o presidente Fidel Castro aderiu pessoalmente à campanha e abandonou seus charutos, que no passado faziam praticamente parte da sua fisionomia nas fotos e na televisão.

Nas Nações Unidas, Cuba apoiou sem reservas um programa da OMS contra o hábito de fumar, apesar do tabaco, de qualidade extraordinária, ser um dos seus principais produtos de exportação. "É uma questão de princípios", argumentaram.

Ao mesmo tempo que se luta contra o tabaco, são também implementados programas de prevenção do câncer em

que



geral. Há uma campanha no sentido de que a população consuma mais fibras vegetais como forma de evitar neoplasias no cólon e no aparelho digestivo em geral. Milhares de mulheres salvaram suas vidas graças à prova citológica, generalizada em todo o país.

Desde 1966, tem-se desenvolvido em Cuba um Centro Integral de Câncer, considerado hoje como o terceiro do continente americano e o oita-

vo entre 145 centros de 42 países. Foram importados os mais modernos equipamentos e técnicas e, segundo as autoridades locais, como o professor Marinello, têm-se desenvolvido técnicas próprias para combater esse verdadeiro flagelo. Como resultado desse esforço conjunto, Cuba mantém uma relação entre incidência e cura do câncer próxima à dos países desenvolvidos.

Alasei

## Notas de Saúde

### Uma indústria perigosa

Das 50 mil marcas de medicamentos à venda no mercado mundial, 70% são "perigosas, impróprias ou inúteis", revelou recentemente o médico mexicano Arturo Lomeli, representante regional da Organização Internacional das Uniões de Consumidores (OIUC). Lomeli disse ter baseado suas afirmações em investigações recentes realizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e em seus próprios estudos sobre o uso e abuso de remédios.

Estão nesse caso medicamentos que vão desde a "inofensiva" Aspirina – responsável por 10% das reações negativas a medicamentos registradas nos hospitais do Ocidente –, passando pelo consumo irracional de vitaminas "A" e "D", que tem provocado milhares de casos de infecção do fígado e rins, até o problema mais grave do uso indiscriminado e não-apropriado de antibióticos, responsável, entre outros males, por 90% dos casos infeciosos resistentes.

Existe uma "Lista Negra de Medicamentos", elaborada pelas Nações Unidas, com um total de 190 nomes proibidos retirados de circulação ou sujeitos a fortes

restrições nos países desenvolvidos. Preparada a partir de informações prestadas por 46 nações – entre elas os Estados Unidos –, ela constitui um dramático aviso ao Terceiro Mundo, onde essas drogas são vendidas mais ou menos livremente. Os interesses econômicos das grandes transnacionais farmacêuticas têm sido mais fortes do que as intenções de muitos governos.

Com um volume de vendas a nível mundial superior a 90 bilhões<sup>1</sup> de dólares ao ano, em cada dez produtos que a indústria farmacêutica lança no mercado apenas um representa um avanço terapêutico, sendo a maior parte "variações sobre um mesmo tema", como forma de encarecer os produtos e evitar o controle dos preços.

Segundo dados referentes ao ano de 1984, o volume de negócios da Bayer foi superior a 15 bilhões de dólares, Hoechst e Basf 14 bilhões (todas três da RFA), Ciba-Geigy (Suíça) mais de 7,4 bilhões, Rhone Poulenc (França) mais de 5,8 bilhões e Akzo Group (Holanda) 5 bilhões de dólares. Das 15 maiores corporações químico-farmacêuticas, sete são dos Estados Unidos, três da Suíça, três da Alemanha Federal, uma da França e outra da Grã-Bretanha.

<sup>1</sup> Um bilhão - mil milhões



### Tanzânia: bons resultados na política de saúde

Flavian Magari, coordenador nacional da campanha de saúde pública da Tanzânia, qualificou recentemente de "um êxito" a implementação da política de saúde do seu país. Magari, que falava a voluntários europeus que trabalham nos projetos de saúde da cidade de Arusha, assinalou que o objetivo de levar os serviços médicos às áreas rurais foi em grande parte alcançado.

Centros rurais de saúde (cada um assiste a cerca de 50 mil pessoas) foram criados em vários pontos do país e dotados de equipamento e pessoal especializado. Em 1980, cerca de 72% da população tanzaniana vivia em áreas que distavam, no mínimo, cinco quilômetros do posto de saúde mais próximo. Um dos objetivos do governo é levar os serviços de saúde pública a todas as aldeias do país.

## Revistas do 3º Mundo

**VERTICE** – Boletim mensal editado em espanhol pela Associação Unidad Argenti-



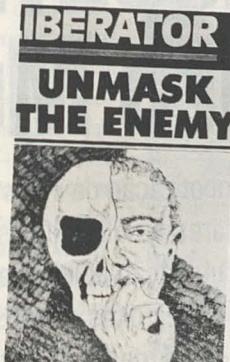
na-Latinoamericana, com artigos sobre a conjuntura argentina e continental vista sob um enfoque nacionalista. O corpo editorial inclui intelectuais e militares reformados que, no passado, se identificaram com o peronismo e agora buscam novas soluções para o desenvolvimento político e econômico da América Latina. *Lavalle 1625, 1er piso (1371), Buenos Aires, Argentina.*

**CUADERNOS DE NOSTRA AMERICA** – Esta publicação semestral em espanhol do Centro de Estudios sobre América dedica especial atenção a estudos teóricos de questões políticas e econômicas do Caribe. O número de janeiro-junho 1985 contém artigos sobre o modelo político



da Costa Rica, a política de imigração dos EUA em relação a Cuba e uma mesa-redonda sobre a dívida externa. *Avenida 3ra 1805, entre 18 y 20, Playa, Zona Postal 12, La Habana, Cuba.*

**THIRD WORLD LIBERATOR** – Publicação em inglês da Third World Network contendo artigos de autoria de colaboradores e correspondentes da rede na Ásia, África e Europa. Reproduz também



artigos especiais de jornalistas do Terceiro Mundo sobre questões ecológicas e de preservação do meio ambiente. Neste primeiro número destacam-se uma reportagem de capa sobre a situação nas Filipinas e um artigo de Stanley Adams, ex-executivo da Hoffman-La Roche que, durante doze anos, travou uma batalha jurídica para denunciar procedimentos irregulares empregados pela firma na fabricação de produtos médicos. *87 Cantonment Road, 10250 Penang, Malaysia.*

**CADERNOS DO CEAS** – Publicação bimensal em português do Centro de Estudos e Análises Sociais, organização de leigos jesuítas e católicos, contendo estudos sobre a conjuntura agrária brasileira. Entre outros tópicos abordados estão a situação dos índios brasileiros, alternativas educacionais para populações de baixa renda e movimentos sociais nos bairros pobres das grandes cidades do Brasil. *Rua Aristides Novis 101, CEP 4000, Salvador, Bahia, Brasil.*

Especial



Agência O Globo

# Novos desafios para o Terceiro Mundo

A introdução da informática e a robotização da indústria, a difusão maciça de mensagens – diretas ou subliminares – utilizando os mais sofisticados meios eletrônicos de comunicação, a doutrinação política, além da interdependência com o Primeiro Mundo, criam para os países ditos em desenvolvimento ou periféricos a necessidade de pensar em si mesmos, de lutar contra a idéia de que “cultura” é simples entretenimento e escolher os caminhos para a construção do seu próprio futuro.

**D**escobrir a magia do texto impresso foi uma experiência deslumbrante para as sociedades sem escrita: "O único lugar repleto na casa do missionário – escreveu o príncipe africano-ocidental Modupe – eram as estantes cheias de livros. Pouco a pouco, fui compreendendo que as marcas nas páginas eram palavras capturadas. Qualquer um podia aprender a decifrar os símbolos e convertê-los de novo em fala. A tinta capturava os pensamentos: não podiam escapar, como um animal selvagem num fosso. Quando percebi o que isso significava, experimentei a mesma emoção e deslumbramento que quando vi pela primeira vez as luzes de Conácri. Fiquei com a obsessão de fazer esse milagre por mim mesmo".

Uma geração mais tarde, visitei uma aldeia da Tanzânia onde toda a população, anciões veneráveis, mulheres e crianças, sentava-se à noite na praça para escutar o rádio transistorizado doado pelo presidente numa de suas visitas. E escutávamos toda a programação, notícias, jazz, esportes, rádio-teatro, o que viesse, até que chegava a hora de ir dormir.

Hoje, passada outra geração, muitos índios amazônicos têm seus próprios rádios transistorizados. Num povoado de bóias-frias (assalariados rurais muito pobres) que visitei, nos arredores de uma grande cidade brasileira, o televisor era o primeiro artigo de consumo durável que as pessoas compravam. E ficava ligado o dia todo.

Um quartão de século se passou desde que Marshall McLuhan definiu pela primeira vez o mundo como "uma aldeia global", e nas últimas décadas a escola mais influente de teoria do desenvolvimento vem insistindo – demasiado esquematicamente, na minha opinião – em que o mundo é o único sistema social. Essas teorias se concentram exclusivamente nos aspectos estruturais da economia política que, embora essenciais, não nos dizem nada das transformações sociais e culturais. É sobre essas últimas que eu quero falar mais extensamente.

Nas cidades do Terceiro Mundo, onde breve vai estar vivendo a maioria da humanidade, em

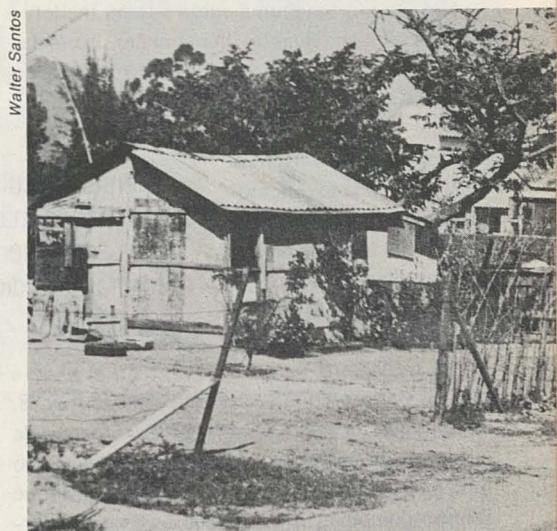
cidades como Cingapura, por exemplo, as pessoas que moram em blocos de apartamentos e favelas<sup>1</sup> já estão ligadas à rede elétrica – muitas vezes ilegalmente – que fornece energia não apenas para seus fogões, ventiladores, geladeiras e fornos, mas também para rádio e televisão, que vomitam uma cacofonia em malaio, tamil, cantonês e outras línguas.

Mas as conexões que lhes fornecem energia também são o veículo do poder que outros exercem sobre eles, um poder cultural que vai mais além do político e do econômico.

O termo *cultura* é usado aqui no sentido antropológico e não no sentido limitado de arte ou de "belas artes". Referimo-nos a modos de vida, instituições e escalas de valores, que vão das grandes religiões como o islamismo, o hinduísmo, cristianismo, budismo, confucionismo, taoísmo, às grandes tradições culturais "menores" de grupos étnicos e aos mais íntimos laços familiares e de vizinhança.

O imperialismo criou novas instituições, desde plantações até partidos políticos, e introduziu novas idéias, desde o cristianismo até o socialismo. Em regiões de colonização mais recente,

<sup>1</sup> Bairros de lata



"As teorias do desenvolvimento falam de economia, mas nada dizem das mudanças sócio-culturais"

## Especial

especialmente na América do Sul, os conquistadores puderam substituir o "paganismo" pelo cristianismo, embora o cristianismo dos índios americanos frequentemente diferia bastante daquele que os frades e sacerdotes procuravam inculcar-lhes.

Para os asiáticos, antes do século XIX, quando ainda não tinha aparecido a produção em massa e um mercado consumidor no Ocidente, a Europa ocidental tinha muito pouco a oferecer no plano econômico. Também não podia, então, enfrentar e menos ainda alijar tradições culturais tão ricas e antigas como o budismo ou o islamismo. No período ainda mais curto de dominação colonial na África, as instituições sociais e os valores culturais africanos, embora tivessem sido afetados pela nova situação, conservaram muito de sua antiga forma.

No entanto, nenhuma cultura ficou inalterada: não existem mais as comumente chamadas formas "tradicionalas" de vida. Na dialética do confronto entre o mundo colonial (agora neocolonial) e o Primeiro Mundo, inclusive movimentos fundamentalistas como o do Irã – na medida em que são respostas a transformações modernas – reinterpretam o Corão na forma tradicional para legitimar políticas que são de fato inovadoras. E, em todas as sociedades, novas idéias e formas de organização social se afirmaram. Nunca são uma mera cópia das idéias ocidentais já que sempre combinam a estas valores locais e porque os elementos ocidentais que são tomados emprestados se originam em tradições que no

88 - terceiro mundo

próprio Ocidente diferem totalmente uma da outra.

### A doutrinação política



Abbas/Gamma

"Em todas as sociedades, novas idéias e formas de organização social se afirmaram"

é uma atividade realizada de forma responsável e adequada, pelo governo e seus quadros. O sucesso que os governos têm nesse campo, evidencia-se pelo apoio que o Estado moderno dá à difusão de idéias usando sofisticados meios e, em alguns países, com o apoio adicional que lhe é dado por um partido de massas altamente centralizado.

Nenhuma cultura ficou sem alterações: não existem mais as comumente chamadas formas "tradicionalas" de vida

No entanto, não é dessa forma de persuasão que vamos tratar. Analisaremos uma forma particular de dominação cultural neocolonial mas não nos deteremos no exame da luta pelo controle da difusão de notícias a nível mundial. Esse último asunto provocou uma batalha no seio da Unesco, onde a proposta de se criar uma nova ordem informativa acarretou a retirada dos Estados Unidos da organização, da mesma forma como anteriormente tinha se retirado da Organização Internacional do Trabalho (OIT), na medida em que ambas as instituições refletem efetivamente

as opiniões da maioria mundial, ou seja, o Terceiro Mundo (nesse caso, com o apoio do Segundo).

Ao longo da História, a arte de governar, de proteger a ordem social de desafios radicais, sempre consistiu em conseguir que as pessoas suportem as suas condições de vida – suportem-nas, conformem-se, não necessariamente que as aceitem como justas ou deixem de imaginar outra coisa melhor. Para fabricar o conformismo – seja na forma de silêncio seja de apoio organizado –, um regime pode recorrer à repressão física, mas também pode usar a máquina da comunicação unidirecional para convencer as pessoas de que lhes é conveniente conformar-se; tomando emprestada uma frase de Margaret Thatcher, que “não há outra alternativa”. Geralmente, os governantes adotam uma mistura das duas estratégias.

A indústria de persuasão se ocupa hoje da mensagem claramente política. Mas também funciona de forma muito mais oblíqua e indireta. A forma de persuasão que examinaremos aqui não se trata de economia política, nem do poder do Estado ou da comunidade, nem da produção e distribuição da riqueza. O conteúdo das mensagens dirigidas às massas por aqueles que Vance Packard chamou de “persuasores ocultos” está relacionado ao consumo da riqueza. Essas mensagens contrabandeiam, de forma subliminar, uma filosofia social: enquanto o capitalismo clássico do século XIX na Europa se fortaleceu com a introdução de uma ética do trabalho para as novas classes trabalhadoras, atualmente esta é substituída pelo consumismo. Hoje em dia, para a grande maioria das pessoas, o trabalho não é mais do que um meio para se chegar a um fim. Quase sempre, para quase todos, é aborrecido e repetitivo; para os trabalha-

dores manuais, inclusive, é perigoso, esgotante e sujo. No Terceiro Mundo de hoje, como no Primeiro, coexistem ambas as formas de capitalismo: o da pequena empresa familiar, a mina e a plantação, juntamente com o das novas tecnologias de computadores, processadores de palavras e microprecisão.

No entanto, a balança continua ainda se inclinando claramente para o primeiro tipo. Em Hong Kong, por exemplo, a maior parte das firmas são minúsculos negócios familiares ou de poucos sócios, com pequeno capital e apenas algumas máquinas ou ferramentas simples. A moderna microtecnologia se concentra na periferia do capitalismo do Terceiro Mundo, em particular nas “zonas francas” que proliferam do Sri Lanka à fronteira mexicano-norte-americana, onde a mão-de-obra barata, geralmente feminina, maltrata sua vista trabalhando em fábricas transnacionais que desfrutam de inúmeros privilégios fiscais, incentivos ao investimento e



“Para fabricar o conformismo, um regime pode utilizar tanto a repressão física quanto a máquina da comunicação unilateral”

ausência de sindicatos ou previdência social. (Áreas com milhões de habitantes, como Manhattan, onde três de cada cinco trabalhadores utilizam processadoras eletrônicas de palavras ou de números, são centros especializados da economia mundial, atípicos inclusive para o

## Especial

próprio Primeiro Mundo industrializado.)

### A cultura do "narcisismo"

Com a notável exceção da indústria japonesa, nem a indústria extractiva e agrícola tradicional, que ainda é a principal fonte de exportações para a maioria dos países, nem a indústria de informática das "zonas francas", procuram convencer seus operários da "dignidade" do seu trabalho ou da importância de sua contribuição para a sociedade, como é usual nas economias socialistas.

Antes, eles são induzidos a trabalhar pela perspectiva de um consumo crescente, uma versão atualizada da clássica ideologia burguesa do "individualismo proprietário": o consumismo individualista. Como é lógico, o consumismo alcança sua expressão máxima no coração do capitalismo, naquilo que um crítico denominou de "cultura do narcisismo", onde a boa vida se apresenta sem nenhuma referência expressa ao político, em termos de aquisição e propriedade de objetos, de bens materiais. Satisfações sociais – bens não-materiais – tais como o status social, o poder, a influência, o prestígio, o respeito, a importância, são consequência de possuir os primeiros. Mas mesmo essas satisfações foram transformadas em bens de consumo: pode-se comprar o sexo tanto quanto o sabão em pó ou automóveis.

Ao estudar o consumismo, não é nossa intenção denegrir os esforços das pessoas em toda parte no sentido de melhorar as condições de vida de suas famílias. Para que isso

90 – terceiro mundo

aconteça, milhões de pessoas em todo o mundo devem consumir mais bens e, portanto, produzir mais riqueza. Mas não às custas das futuras gerações, destruindo o meio ambiente natural e social.

A distribuição da riqueza é profundamente injusta e, portanto, socialmente explosiva. Ao

falar de consumo também não nos referimos ao tipo de proteção existente no Ocidente, como por exemplo, a Associação de Consumidores da Grã-Bretanha, cuja função é proteger os indivíduos e a comunidade contra a baixa qualidade ou produtos

perigosos, garantindo que o dinheiro renda. No entanto, esse tipo de movimento também está imbuído desse espírito individualista-burguês que chamei de "consumismo", e que beneficia principalmente quem consome mais.

### A luta pelos "corações e mentes"

Os bôias-frias estão expostos a uma dose maciça de programas de variedades, de responda-e-ganhe, de telenovelas, de música *pop* e de esportes, muitas vezes de boa qualidade; desde produções prestigiadas dirigidas às crescentes classes médias até excelente música popular e futebol dirigidos às massas. Muito de tudo isso, claro, é lixo. Mas, como a desnutrição física, a carença nunca é absoluta. Antes, trata-se de uma dieta desequilibrada e não uma ausência total de alimento cultural.

O que é significativo não é tanto aquilo que se oferece, mas o que se omite. A cultura nunca é mero "divertimento".



"Os trabalhadores são induzidos a trabalhar pela perspectiva de um consumo crescente"

Transmite mensagens explícitas e também implícitas. Na chamada "luta pelos corações e mentes", a propaganda explícita comunica imagens de um mundo no qual o "bom" se vê ameaçado por inimigos que sacrificam o indivíduo ao Estado e o consumo individual à produção coletiva, na qual o prioritário é o gasto militar. A propaganda implícita refere-se ao "bom" de um estilo de vida.

Nesse sentido, a mensagem central da televisão moderna não é passada em absoluto pela programação e sim pelos espaços publicitários, cuja mensagem é "CONSUMA!". E o mercado oferece todo tipo de bens de consumo, que podem ser adquiridos livremente: 35 marcas de café instantâneo no minissupermercado de um bairro.

Para aqueles cujo poder aquisitivo é limitado, sua esperança maior é identificar-se com os mais privilegiados ou então a possibilidade de um golpe de sorte: o sonho de ganhar na loteria, nas apostas esportivas ou algum concurso de televisão. A necessidade de ter sorte gera uma grande indústria de horóscopos, seja na forma de técnicas religiosas tradicionais seja como astrologia nos jornais. Se esse tipo de sorte falhar, sempre existe a possibilidade de projetar o objetivo nos filhos: a esperança de que irão para a universidade ou se tornarão artistas ou craques do esporte. A maioria reconhece amargamente que isso são só fantasias que trazem um pouco de ilusão ou no máximo pequenos ganhos no jogo-do-bicho<sup>2</sup>. A realidade é que a única forma de chegar às coisas boas da vida é através de um esforço puramente pessoal: ou o produto de longas horas de trabalho ou fazendo provas para se diplomar ou mediante atividades ilegais e inescrupulosas.

Tudo isso implica uma incompetência contra os outros. Toda e qualquer idéia da possibilidade de uma distribuição mais equitativa da riqueza ou de que todos contribuam para a criação do produto social, é expressamente omitida nas mensagens dos meios de comunicação. O projeto social geral, tanto no primeiro como no ter-

ceiro segmento do mundo capitalista, é o de aumentar o bolo, do qual alguns comerão grandes fatias e outros, pequenas. Mas, em princípio, todas as fatias, grandes e pequenas, crescerão ano após ano.

A incorporação psicológica das massas implica algo mais do que elaborar uma aquiescência estritamente política; também devem ser inculcadas atitudes sociais e culturais apropriadas: no passado, obediência às hierarquias sociais; atualmente, uma retórica de igualdade de oportunidades.

Jorge Arbach



#### Um novo ritmo de trabalho

A sociologia ocidental sempre se ocupou com as atitudes das pessoas, não exatamente para com seus próximos, e sim para com o trabalho. Um tema típico é o da relação entre a mudança econômica e a cultural. Como, em determinado momento da História, surgem simultaneamente uma nova ética protestante e um

<sup>2</sup> Espécie de loteria popular, considerada ilegal no Brasil.

## Especial

novo capitalismo empresarial.

Thompson demonstrou num trabalho clássico como a fase seguinte do desenvolvimento capitalista, o nascimento daquilo que Marx chamou de "maquinofatura", implicou uma transformação de atitude para com o tempo: o estrito controle do tempo era essencial para o novo ritmo de trabalho das fábricas. Daí que o relógio de parede proliferasse significativamente, a princípio para exibição em lugares públicos como a praça do povoado e escritórios, depois para uso de encarregados, capatazes e supervisores.

Ao chegar a época da produção em massa, a mente do trabalhador já estava imbuída da nova ética trabalhista e cada um pôde usar o seu próprio relógio. Mas se consultavam seus relógios foi porque já tinham incorporado a nova disciplina trabalhista. Era uma disciplina que impunham a si mesmos, já não mais apenas pelo controle externo mas também como parte de suas personalidades. Da Grã-Bretanha, berço da primeira Revolução Industrial, esses novos conceitos se difundiram a fábricas e plantações de todo o mundo. Até hoje, na América do Sul, frequentemente faz-se referência à pontualidade como "tempo britânico" ou "hora britânica".

Com a tecnologia avançada, as linhas de montagem automatizadas e os computadores tornam cada vez menos importante a incorporação de uma ética trabalhista apropriada, já que a possibilidade de controle que os trabalhadores têm sobre seu próprio trabalho reduziu-se drasticamente. Até o fim da Segunda Guerra Mundial, a operação média de uma produ-

92 - terceiro mundo

ção em cadeia da indústria automobilística norte-americana levava uns poucos minutos; atualmente, as operações básicas são cronometradas em segundos. A culminação lógica desse processo de mecanização do operário, iniciada por Henry Ford, já é uma realidade: os seres humanos são substituídos por robôs muito mais confiáveis.

As classes trabalhadoras de hoje são, então, muito diferentes das vítimas da primeira Revolução Industrial, carentes material e culturalmente. A transformação do trabalho necessariamente implica a transformação do seu oposto dialético: o não-trabalho. Para grande parte daquilo que comumente se chama de "população economicamente ativa", não existe nenhuma perspectiva trabalhista. São membros da força de trabalho só potencialmente, em teoria, não nos fatos.

As idéias sobre o que significa "trabalho" e "ócio" e sua inter-relação estão mudando, já que o desemprego estrutural não é certamente ócio, enquanto quem trabalha acentua a tendência a se fechar em sua vida privada, mencionada pela primeira vez pelos sociólogos na década de 50. Atualmente, 95% do tempo livre é consumido no lar.

O acesso das massas à rádio, televisão e atualmente ao vídeo, implica que as mensagens chegam agora igualmente a velhos e jovens, homens e mulheres. O resultado é a criação de um novo tipo de comunidade com uma cultura comum, produto dos meios de comunicação de massa que, no entanto, nunca ameaça a divisão tradicional do trabalho em classes e gêneros. O poder

Miyazawa/Black Star



"A tecnologia avançada torna cada vez menos importante uma ética trabalhista."

TELEFONICAS - 1981

dessas mensagens intensifica-se ainda mais pelo fato de que agora fazem parte de uma rotina social comum da vida doméstica. Por isso mesmo, suportam um novo tipo de carga emocional.

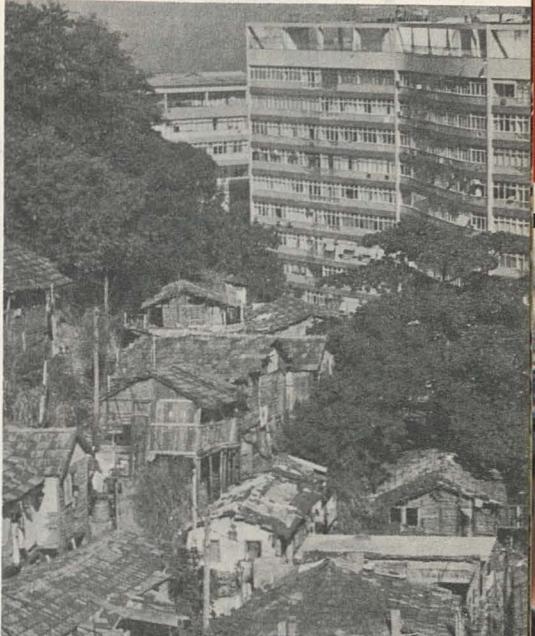
### A resistência da tradição

A ideologia do consumismo já está bem firme nos países chamados "recentemente industrializados" como a Coréia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong, na Ásia; Brasil, México e Argentina na América Latina. E também em quase todas as demais nações do Terceiro Mundo, com pouquíssimas exceções, já que em quase todas elas a atividade industrial tem hoje maior influência no Produto Interno Bruto (PIB) que a agricultura.

No entanto, a ideologia do consumismo e sua escala de valores, assim como a nova disciplina industrial sofrem resistência por parte das tradições religiosas ascéticas e afastadas do mundo, às quais se torna estranha, assim como por parte de todo um meio social, caracterizado pelas grandes famílias e comunidades locais, que oferecem uma "assistência social" do tipo pré-capitalista aos necessitados. Crenças mais seculares, particularmente em sociedades comunistas, enfatizam o valor social do trabalho, considerado como nobre em si mesmo, independentemente de sua falta de atração intrínseca. Mas essas noções parecem ser menos atraentes e efetivas que o consumismo individualista e a luta pela ascensão social que atualmente têm demonstrado serem fontes motivadoras, inclusive na República Popular da China.

É realmente duvidoso que o capitalismo possa conseguir uma produtividade em constante ascensão e o pleno emprego, que seriam necessários para transformar em realidade a ideologia do consumismo. No entanto, muitos especialistas prognosticam o futuro do Terceiro Mundo como um *replay* da experiência do Primeiro – onde a receita real dos trabalhadores se duplicou entre o começo e o fim do século passado e onde a classe trabalhadora foi incorporada com sucesso à vida política do país, até então

Hélio Santos



As contradições urbanas: favelas miseráveis ao lado dos mais modernos conjuntos arquitetônicos

monopolizada por um pequeno setor dirigente. A explosão das favelas no Terceiro Mundo põe um sinal de interrogação bem tangível sobre essas teses otimistas, já que, por exemplo, mesmo antes da recessão mundial, cerca de 500 mil pessoas emigravam anualmente para São Paulo, a partir de cidades, povoados e vilas de todo o Brasil.

Embora muitas delas sejam pessoas empreendedoras, também transferem valores e práticas que não são facilmente compatíveis com as novas formas de vida urbanas, apesar de essas cidades não estarem totalmente industrializadas. Sobrevivem oferecendo serviços e artigos nos espaços que a indústria de capital intensivo não preenche.

### Uma relação dialética

A expansão mundial do capitalismo nunca foi um processo único e unilateral, produto da simples imposição da vontade política do imperia-

## Especial

lismo ocidental ao resto do mundo. As formas econômicas pré-coloniais também não foram totalmente substituídas pelas novas formas de relação entre o trabalho assalariado e o mercado. Uma transnacional moderna como a Unilever, por exemplo, fundou seu império na África ocidental sobre bases pré-coloniais da produção camponesa, articuladas por uma rede comercial antiga em funcionamento simultâneo com os canais mais recentes.

Só em algumas áreas do Terceiro Mundo como a Melanésia ou o Caribe, o colonialismo pôde varrer com tudo, pelo menos no aspecto econômico, e começar do zero. No caso do Caribe, aniquilando a população indígena e importando escravos da África; no caso da Melanésia, apropriando-se do trabalho por meio do exercício de um poder "extra-econômico" e criando "um novo sistema de escravidão": o trabalho contratado.

A dominação política colonial tolerou, quase sempre, a co-participação de líderes tradicionais da comunidade com os novos dirigentes impostos, reservando-se aos colonizadores o ápice da pirâmide. Apesar dos mitos nacionalistas, sempre houve quem buscasse oportunidades para a sua promoção pessoal ou vantagens para a sua comunidade, colaborando politicamente com o colonizador ou aproveitando as oportunidades que o novo mercado oferecia.

A colonização cultural implicou uma dialética semelhante entre as novas identidades impostas às pessoas como súditos coloniais e as velhas fidelidades étnicas ou religiosas que subsistiram: ambas mais amplas ou mais estreitas – mas poucas vezes coincidentes – que os limites da nova entidade colonial.

A problemática do Terceiro Mundo, portanto, difere substancialmente da que afeta o Primeiro Mundo que o domina. Embora a maioria dos países tenha conseguido com sucesso a transição de colônia para Estado-nação,

em muitos a coexistência de minorias étnicas e nacionais diferentes é considerada como uma ameaça à sua estabilidade ou unidade. Apresentam uma paranóica e profunda intolerância para com aquilo que os autores latino-americanos chamaram de "nacionalidades proibidas", ao extremo de recusar o reconhecimento de sua existência, e menos ainda o direito de se expressar.

No Ocidente, o problema da atualidade não é a luta pela libertação nacional, nem mesmo a luta de classes, mas a luta para evitar a extinção da civilização humana na sua totalidade. Mas a última conclusão científica é a de que "todo habitante do planeta se veria profundamente afetado" por uma guerra nuclear, mesmo que a maioria dos mísseis das superpotências apontem para o hemisfério norte, já que "a vegetação tropical tem menos possibilidade de suportar períodos de frio e escuridão, inclusive curtos, do que a das zonas temperadas". O Terceiro Mundo não poderia suportar vários meses de "inverno nuclear" nem tem como superar a importação de produtos comestíveis e agrícolas do Primeiro Mundo.

Preocupado com seus próprios problemas desesperadores, tentando desenvolver-se em meio à recessão e enfrentando a competição do Primeiro Mundo, os controles do FMI e a explosão demográfica, o Terceiro Mundo capitalista prestou até agora muito pouca atenção ao fato de se continuará existindo algum mundo onde possa se desenvolver ou competir. Para o Ocidente, está claro que a principal contradição atualmente é a ameaça de um aniquilamento nuclear. Para o Terceiro Mundo, o desenvolvimento. Tudo isso reforça a nossa convicção de que efetivamente há três mundos e não um único sistema internacional.

Peter Worsley\*

\* Sociólogo britânico, autor de várias obras sobre assuntos do Terceiro Mundo, em particular "O Terceiro Mundo, uma nova força nos assuntos internacionais".

- BENGUELA  
Livraria 10 de Fevereiro
- BIÉ  
Livraria 11 de Fevereiro
- CABINDA  
Livraria Popular  
Quiosque Maiombé
- CALULO  
Livraria 17 de Setembro
- DONDO  
Livraria 2 de Março
- GANDA  
Livraria 1.º de Maio
- HUAMBO  
Livraria 8 de Fevereiro  
Quiosque Albano Machado
- HUILA  
Livraria 27 de Março
- K. KUBANGO  
Livraria Kilamba
- KUANZA-NORTE  
Livraria 10 de Dezembro
- KUANZA-SUL  
Livraria Aníbal de Melo
- LOBITO  
Livraria 11 de Novembro
- LUANDA  
Casa de Venda  
Armazém Venda Grosso  
Quiosque 4 de Fevereiro  
Livraria Centro do Livro  
Livraria Augusto N'Gangula  
Livraria 4 de Fevereiro
- LUNDA-NORTE  
Posto de Venda
- LUNDA-SUL  
Livraria Deolinda Rodrigues
- MALANGE  
Livraria 1.º de Agosto  
Quiosque N'Dongo
- MOXICO  
Livraria 14 de Fevereiro
- NAMIBE  
Livraria Lutuúma
- NEGAGE  
Livraria Saidy Mingas
- SOYO  
Livraria Lundogi
- UÍGE  
Livraria 10 de Dezembro
- ZAIRE  
Livraria Sagrada Esperança

**LEVAR:  
INFORMAÇÃO  
CULTURA  
CIÊNCIA  
FORMAÇÃO**



são as tarefas da EDIL

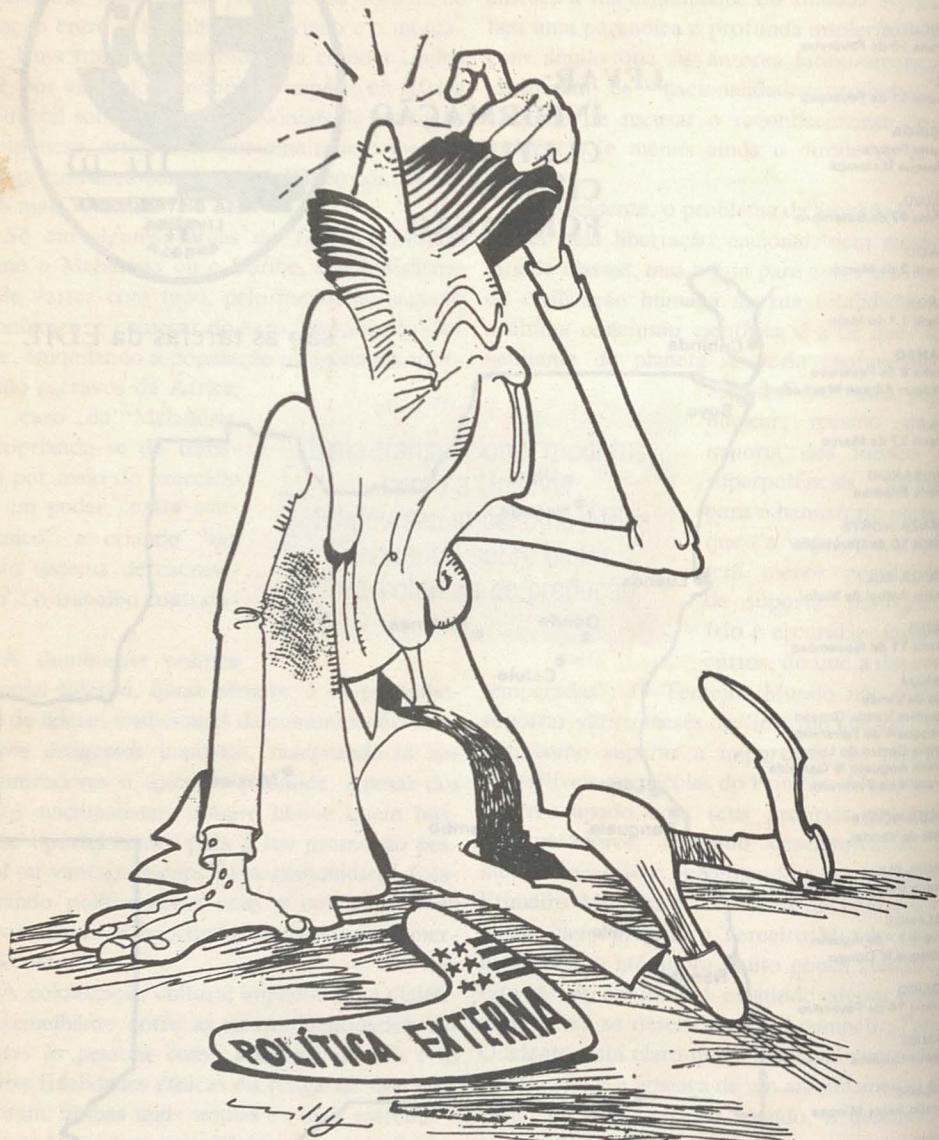


Distribuindo jornais, revistas e livros, bem como material didáctico e escolar, a EDIL contribui para a formação cultural do povo de Angola. A EDIL é a distribuidora exclusiva de *cadernos do terceiro mundo* para todo o território angolano.

**EDIL**

Empresa Distribuidora Livreira  
Caixa Postal 1245  
Luanda - República Popular de Angola

## Humor





*nosso petróleo  
onde  
é necessário...*

Sociedade Nacional  
de Combustível de Angola

**ONANGOL**

rua duarte pacheco pereira, 8  
c.p. 1316 · Luanda  
telex 3148 3260



A LIBERTAÇÃO  
E A PROSPERIDADE  
DAS NAÇÕES EMERGENTES  
SERÃO O FRUTO DE NOSSA UNIÃO

O LAR DAS  
CRES



Desenho de Alex Simon Lago - 11 anos Colônia de Férias / CEP - 85 - Apoio: Banerj

BANERJ

BANCO DO ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO S.A.

APOIANDO A UNIÃO  
FRATERNAL DOS POVOS